



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

JÉSSICA REIS

**GERAÇÃO SEM FRONTEIRAS: experiências de intercâmbio internacional de
estudantes universitários oriundos do ensino médio público**

BRASÍLIA – DF

2018

JÉSSICA REIS

**GERAÇÃO SEM FRONTEIRAS: experiências de intercâmbio internacional de
estudantes universitários oriundos do ensino médio público**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, como requisito para a obtenção do
título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Wivian Weller.

Brasília – DF
Dezembro 2018.

JÉSSICA REIS

**GERAÇÃO SEM FRONTEIRAS: experiências de intercâmbio internacional de
estudantes universitários oriundos do ensino médio público**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, como requisito para a obtenção do
título de graduada em Pedagogia.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Wivian Weller (Orientadora – FE – UnB)

Prof.^a Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora interna – FE – UnB)

Prof.^a Dra. Denise Gisele de Britto Damasco (Examinador externo – FE – UCB)

Brasília – DF

2018.

*Dedico este trabalho com todo o meu amor a minha avó, Dona
Matilde, que ensinou seus filhos e netos com a própria vida.*

AGRADECIMENTOS

Quando encontramos pessoas que sonham conosco, o SONHO não fica tão longe de ser concretizado. Assim, quero dizer a todos que estiveram comigo nesse percurso, Gratidão por sonharem comigo.

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por toda a proteção concedida a mim e a minha família.

Minha eterna gratidão a minha família, em especial, a minha avó Matilde, uma senhora de 66 anos, mãe de doze filhos e cozinheira de renome. Mulher que me acolheu na infância e, desde então, representa meu conforto, meu exemplo de mulher, de luta e dedicação à família.

Aos meus tios, César, William, Jorge e Sérgio, as minhas tias, Marinalva, Selma e Cristiane, e ao meu pai, Ronaldo, que ajudaram a minha avó no momento em que mais precisei, a infância, e contribuíram de maneira significativa para minha formação humana, gratidão por todos os esforços e pela dedicação em proporcionar momentos alegres.

Gratidão a minha tia Selma e ao meu tio William, que foram os primeiros a acreditarem e a aproximarem a Universidade de Brasília da minha realidade social, apoiando as minhas escolhas e incentivando meus estudos. Vocês são meus maiores exemplos de luta e de dedicação.

Gratidão a minha querida professora orientadora Wivian Weller, mulher simples, de força, de coração generoso, educadora e transformadora. Gratidão pela incrível dedicação com a qual me orientou e me guiou a caminhos não esperados, desde meu ingresso na UnB até o fechamento deste ciclo, os meus ganhos também são seus. Assim, gratidão por acreditar em mim, pelas oportunidades de crescimento pessoal e acadêmico e, em especial, pela amizade, você é o meu exemplo.

Gratidão aos professores da Faculdade de Educação, que contribuíram de maneira significativa para o meu processo de constituição como educadora, foram momentos valiosos de reflexão, formação acadêmica e humana.

Gratidão aos meus amigos de graduação, em especial, Lourenço, Andressa, Rafaela, Danilo e Frederico, que, com alegria e companheirismo, estiveram presentes em cada passo conquistado nestes cinco anos e me fizeram acreditar que a famosa frase “Da UnB para vida” é real.

Gratidão às professoras Denise Damasco e Cilene Vilarins, pela amizade e generosidade com a qual me acompanharam durante à pesquisa de campo deste estudo.

Gratidão ao André Felipe, que com muita dedicação, cuidou do questionário *online* deste estudo e sempre foi um grande companheiro.

Gratidão à Rafaela Vilarinho, por todo o apoio nesta fase tão importante da minha trajetória acadêmica. Por dividir comigo momentos de escuta, de sorrisos, de conversas sobre a vida e também de angústias. Gratidão por acompanhar de perto a produção escrita deste trabalho e principalmente por ser uma grande amiga.

Gratidão aos ex-bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras, que se disponibilizaram a participar desta pesquisa, vocês despertaram o desejo em mim de também realizar um intercâmbio.

Gratidão às professoras Denise Damasco e Fátima Vidal, por aceitarem participar da banca avaliadora deste trabalho.

Gratidão ao povo costarricense e aos meus amigos de intercâmbio, de maneira especial, Mamis Nora, Anita, Nathália e Fari, que me acolheram em terras desconhecidas, me fizeram sentir parte da família e contribuíram para a minha compreensão sobre o que é realizar um intercâmbio.

Gratidão a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação acadêmica e para a realização deste trabalho, especialmente as minhas grandes amigas Leani, Vivian, Marina, Ângela e ao meu amigo Marcelo da biblioteca.

Para compreender o mundo

Para compreender o mundo, é preciso ir além dos livros e das leituras, é preciso visualizar os
conceitos e conteúdos dentro das culturas, é preciso viajar.

Para compreender o mundo é preciso conhecer o mundo, entender que as formas de viver são
diferentes, que o sorriso é o que mais aproxima a gente, é preciso se comunicar.

Para compreender o mundo, é preciso sentir saudade do seu mundo, e assim entender que não
existe somente o nosso mundo, mas um mundo de mundos redondos, quadrados, triangulares.

E não importa o mundo em que você está, existirá sempre um lugar no mundo para chamar de
seu e se encaixar.

Lourenço Teixeira

RESUMO

Este estudo se insere no grupo de pesquisa Gerações e Juventudes (GERAJU) e teve como objetivo conhecer o perfil dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB), oriundos do ensino médio público, que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), representando apenas 13,99% do total de bolsistas do estudo e os resultados da pesquisa “Gerações sem fronteiras”, desenvolvida por Weller (2015-2016). Da mesma forma, buscou-se analisar a trajetória escolar dos bolsistas, suas experiências no exterior e as contribuições do intercâmbio para as suas vidas. Para o cumprimento destes objetivos, foram realizadas duas pesquisas. Na primeira fase de abordagem quantitativa, foi aplicado um questionário *on-line*, enviado a 2.117 bolsistas da UnB, dos quais 87 atenderam ao requisito de ser estudante oriundo de escola pública durante o ensino médio e responderam ao questionário. Os resultados da primeira fase, revelam que o programa CsF privilegiou um determinado perfil de estudante oriundo do ensino médio público, uma vez que a minoria possui uma trajetória escolar e familiar diferenciada. Constatou-se também que as maiores contribuições do intercâmbio giram em torno da aprendizagem para a vida pessoal e profissional. Na segunda fase da pesquisa, buscou compreender as orientações coletivas de jovens universitários oriundos de escolas públicas do ensino médio e que fizeram intercâmbio, no intuito de avançarmos no entendimento sobre as contribuições da experiência no exterior para suas perspectivas de futuro. De abordagem qualitativa, nessa fase foram realizados 4 grupos de discussão, que após transcrição, foram analisados segundo o Método Documentário, a saber: interpretação formulada e interpretação refletida (BOHNSACK; WELLER, 2013). Os resultados da pesquisa revelam que o intercâmbio foi um divisor de águas na vida dos jovens universitários, contribuindo de forma significativa na ampliação de visões de mundo, nos projetos de futuro e no despertar o desejo de ser protagonista da transformação da realidade brasileira.

Palavras-chave: Ciência sem Fronteiras. Intercâmbio Internacional. Escola Pública. Trajetória Escolar.

RESUMEN

En este estudio se adentró en el grupo de investigación Generaciones y Juventudes (GERAJU) y tuvo como objetivo conocer el perfil de los estudiantes de la Universidad de Brasilia (UnB), provenientes de la educación secundaria, que participaron del programa Ciencia sin Frontera (CsF), representando solo el 13,99% del total de becados del estudio y resultados de la investigación, “Generaciones sin Fronteras”, desarrollada por Weller (2015-2016). De la misma forma, se buscó analizar la trayectoria escolar de los becados, sus experiencias en el exterior y las contribuciones del intercambio para sus vidas. Para el cumplimiento de estos objetivos, se realizaron dos investigaciones. En la primera fase de abordaje cuantitativo, fue aplicado un cuestionario online, enviado a 2.117 becados de la UnB, de los cuales 87 atendieron al requisito de ser estudiante proveniente de la escuela pública durante la enseñanza y respondieron al cuestionario. Los resultados de la primera fase, revelaron que el programa CsF, privilegió un determinado perfil de estudiante proveniente de la secundaria, una vez que la minoría poseía una trayectoria escolar y familiar diferenciada. Se constató también que las mayores contribuciones del intercambio giran en torno del aprendizaje para la vida personal y profesional. En la segunda fase de la investigación, se buscó comprender las orientaciones colectivas de los jóvenes universitarios provenientes de escuelas públicas de la enseñanza media y que hicieron intercambio, en el objetivo de avanzarnos en el entendimiento sobre las contribuciones de la experiencia en el exterior para sus perspectivas de futuro. De la fase del abordaje cualitativo, fueron realizados 4 grupos de discusión, que después de la transcripción, fueron analizados de acuerdo al método documentario a saber: interpretación formulada e interpretación reflexionada (BOHNSACK; WELLER, 2013). Los resultados de la investigación revelaron que el intercambio fue un divisor de aguas en la vida de los jóvenes universitarios, contribuyendo de forma significativa en la ampliación de visiones del mundo, en los proyectos y en el despertar el deseo de ser protagonista de la transformación de la realidad brasilera.

Palabras claves: Ciencia sin Fronteras. Intercambio Internacional. Escuela Pública. Trayectoria Escolar.

MEMORIAL

Sou filha de pais que receberam formação escolar até o ensino fundamental, neta, com muito orgulho, de Dona Matilde, que, em decorrência de situações difíceis da vida, não teve a oportunidade de ir à escola, porém é detentora de conhecimentos valiosos. Essa mulher, juntamente com os meus tios, me acolheu na infância, após a separação dos meus pais, proporcionando-me cuidados e momentos alegres.

Durante a minha infância, muitas pessoas comentavam que eu falava e escrevia “errado”, sendo muitas vezes motivo de piada na rua. Assim, desde cedo, comecei um tratamento com um fonoaudiólogo, pois meus tios sempre demonstraram cuidado pela minha irmã e por mim. Da mesma forma, sempre foram preocupados com a nossa vida escolar, com a nossa saúde física e mental, buscando superar as dificuldades juntos. Para além desses cuidados, tia Selma e tio William sempre buscaram me oferecer um capital cultural, por meio de livros, lazer e viagens dentro do Brasil. Nesse sentido, apesar de ter vivido em um ambiente familiar tão diferente da configuração familiar tradicional, eu me sentia pertencente e feliz convivendo com a minha avó e com meus tios.

Durante a escolarização fundamental, estudar não me despertava muito interesse, pois sempre tive muitas dificuldades com o campo da escrita (português) e com a área das ciências exatas. Assim, muitas vezes, estudar me gerava medo. Contudo, meus tios sempre me apoiaram e, se necessário, estudavam comigo, ou seja, sempre procuraram estratégias para superar as dificuldades escolares.

Durante o ensino médio, meus tios também buscaram me matricular em uma das melhores escolas públicas do Gama, o Centro de Ensino Médio Cem 01 do Gama (CG), pois a instituição era reconhecida pela qualidade dos professores e, de maneira especial, pela porcentagem de alunos aprovados nos vestibulares da Universidade de Brasília (UnB). No entanto, quando iniciei meus estudos de ensino médio, eu não tinha noção do que representava a universidade pública, mas tinha a concepção de que era algo bom, pois meus tios sempre diziam que eu iria estudar na UnB. Dessa forma, no segundo ano do ensino médio, fiz cursinho preparatório denominado de Pré-PAS, isto é, com objetivo de realizar a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da UnB. Assim como sempre fui incentivada por eles a estudar um idioma de estrangeiro, cujo curso realizei no Centro Interescolar de Línguas do Gama (CILG).

O terceiro ano do ensino médio foi um ano marcante na minha trajetória escolar e posso dizer que contribuiu de maneira significativa para a minha aprovação na universidade, pois,

pela primeira vez, estava motivada a estudar sozinha para a avaliação da UnB e, assim, conquistar uma vaga na instituição. Foi o momento em que tive a oportunidade de participar de diversos projetos da escola, voltados para trabalhar as obras literárias cobradas pelo PAS, e tive um contato mais próximo com professores que estudaram na UnB. Dessa forma, mesmo acreditando que a universidade era uma realidade muito distante, o conjunto de influências propiciadas pelos espaços de socialização vividos durante a trajetória escolar e familiar geraram efeitos simbólicos na minha vida que gradualmente aproximou a universidade pública da minha realidade. Assim, ingressei na UnB por meio do Programa de Avaliação Seriada, no primeiro semestre de 2014. Para minha família e para mim, esse acontecimento representou a realização de um sonho, mesmo entrando para um curso considerado de menor prestígio para a sociedade brasileira e por meio do sistema de cotas para estudantes oriundos de escolas públicas.

Quando ingressei na UnB, fiquei encantada com a estrutura do campus, com o modo de se vestir dos universitários, com as aulas e, de maneira geral, estar na UnB me gerava sentimento de alegria. Por isso, apesar das dificuldades com o nível de leituras, trabalhos e provas, eu tinha em mente que iria me dedicar plenamente, superando todas essas dificuldades. Lembro-me da aula inaugural para os calouros, que, como espaço de acolhimento, abordou a seguinte temática “Onde a UnB pode te levar?”. Eles apresentaram um mundo de oportunidades de pesquisa, de publicação de artigos, de atividades culturais, entre outros. No entanto, naquele momento, eu já me sentia muito feliz com o simples fato de estar na universidade pública, assim, concluir a graduação em pedagogia e ingressar no mercado de trabalho era o almejado, já era de grande satisfação.

Duas concepções que influenciaram o meu ser estudante durante todo o meu percurso acadêmico foram: me esforçar e sempre procurar realizar o melhor. No primeiro semestre do curso de pedagogia, realizei a disciplina de “Investigação Filosófica na Educação”, com a professora Wivian Weller, cujas discussões e leituras foram valiosas e envolventes. Em consequência do meu desempenho na disciplina, fui convidada pela professora para atuar como sua monitora no semestre seguinte. Dessa forma, considero a monitoria como ponto de partida para muitas outras oportunidades de participação na universidade, ultrapassando, assim, a sala de aula.

Por meio de muitos incentivos, durante essa etapa da minha vida, participei de organizações de eventos, atuei na manutenção da comunidade do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio do Distrito Federal (PNEM-DF) no portal EmDiálogo, atuei em outras monitorias, ingressei como membro do grupo de pesquisa Gerações e Juventude (GERAJU) e, de modo especial, realizei iniciação científica. A participação nesses projetos foi

de suma importância para as ampliações dos meus projetos de futuro, que já percebiam a pós-graduação como um acontecimento que poderia tornar-se real. Assim como foram oportunidades que me fizeram sentir parte da instituição. Neste contexto, quero destacar uma pesquisa que possui relação com este estudo e que ampliou, ainda mais, meus projetos de futuro. Refiro-me a minha participação como colaboradora no projeto de pesquisa sobre "Gerações sem Fronteiras: experiências de intercâmbio internacional de jovens universitários", em que foi constatado que apenas 13,99% dos bolsistas que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras na UnB e responderam ao questionário eram oriundos de escolas públicas. Como estudante oriunda de escolas públicas, esse dado me instigava fortemente. Assim, a professora Wivian, mais uma vez, me proporcionou a oportunidade de realizar meu primeiro projeto de iniciação científica, que buscou conhecer quem é este estudante de escola pública que participou do programa CsF. No decorrer dos dois primeiros estudos de iniciação científica, senti o desejo, por meio do contato com ex-bolsistas e com suas histórias de experiência de intercâmbio, de viver uma experiência igual. Contudo, eu percebia a minha condição financeira como um limitador, como uma grande barreira na realização de uma experiência como esta, da mesma forma, era um sonho muito distante da minha realidade social, principalmente por não ter referências familiares que migraram para estudar em outro país. Mesmo não possuindo o capital financeiro, os incentivos da minha orientadora Wivian me faziam acreditar que o sonho seria alcançado. Dessa forma, comecei a participar de processos seletivos para mobilidade acadêmica oferecidos pela assessoria internacional da UnB. Em um primeiro momento, não fui selecionada para nenhum programa de intercâmbio, mas iniciei um processo de preparação para alcançar a desejada bolsa.

No sétimo semestre do curso pedagogia, me inscrevi para dois programas de intercâmbio: o Programa de Intercâmbio Acadêmico, que apenas oferece bolsas de estudos, sendo que os demais custos ficam a cargo do estudante. O segundo programa representou uma nova iniciativa da UnB com a Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), o "Programa Paulo Freire de Mobilidade Acadêmica", que foi destinado a um estudante de licenciatura da Universidade de Brasília. Projeto que considero muito interessante pelos seguintes fatores: iniciativa voltada a professores e principalmente por romper com a tradicional mobilidade que ocorre a países Europeus e aos Estados Unidos, e para os cursos das áreas tecnológicas, saúde, engenharia, etc. Também quero destacar a importância do financiamento, pois percebi que a condição econômica é um grande limitador na realização do intercâmbio. Neste quesito, o programa também se diferenciava ao oferecer uma bolsa de 4 mil dólares americanos para o selecionado.

Após esta breve contextualização dos programas, realizei a candidatura para os dois. No primeiro programa comentado, escolhi como país de intercâmbio Portugal, pelas seguintes motivações: insegurança com a língua inglesa e ausência de proficiência em outro idioma estrangeiro. Já no programa de mobilidade acadêmica Paulo Freire, voltados a países de língua espanhola, apesar de não possuir conhecimento da língua espanhola, eu tentei e me inscrevi para o edital. Quando os resultados saíram, eu havia sido pré-selecionada para o intercâmbio em Portugal e no programa Paulo Freire eu havia ficado em segundo lugar, de apenas uma bolsa para toda a universidade. Confesso que fiquei triste ao saber que, mesmo sendo pré-selecionada para Portugal, havia algo que me limitava, ou seja, minha condição financeira, pois o único benefício incluído no programa era a bolsa de estudos na universidade. Assim, eu me questionava: Do que vale ter um bom Índice de Desempenho Acadêmico (IRA), ter participação de projetos de pesquisa, monitoria, publicações de trabalhos, se a minha condição financeira me limitava a migrar.

Dessa forma, em um primeiro momento, pensei em desistir, contudo o intercâmbio era algo muito almejado por mim. Assim, com todo o apoio da minha orientadora Wivian Weller, tive coragem para seguir em frente e conversar com a minha família sobre isso. Em um primeiro momento, minha família, em especial minha avó, tia Selma e tio William, demonstrou não aceitar a oportunidade, devido à condição financeira, mas logo perceberam que era algo importante pra mim e me apoiaram.

Com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para a experiência de intercâmbio em Portugal, comecei a vender biscoitos recheados que a minha avó fazia, a ajudar minha mãe no trabalho na feira e a realizar economias com o dinheiro que recebia da minha bolsa de iniciação científica, pois, apesar de todas as dificuldades, eu acreditava que iria superar e vencer.

Durante o processo de candidatura e aceite para a Universidade do Minho, em Portugal, fui informada pela Assessoria Internacional da UnB que o primeiro candidato à bolsa do Programa Paulo Freire havia desistido da bolsa de intercâmbio, assim, a partir daquele momento, a bolsa era minha. Confesso que eu não compreendia o motivo da desistência do primeiro candidato, mas esse novo fator me gerou dúvidas e angústias no que se refere à escolha entre uma bolsa e outra, pois, para Portugal, a universidade já havia me aceitado e eu já estava segura com relação à hospedagem e às pessoas que também iriam. Assim, a partir das conversas com a minha orientadora e com a minha família, levei em consideração os seguintes aspectos: a bolsa de intercâmbio e a oportunidade de aprender um novo idioma. Ao mesmo tempo, foi uma escolha difícil de se fazer, pois, após passar pelo processo de candidatura e aceite para Portugal, desistir me exigiria iniciar um novo processo e “atrasar” ainda mais o meu curso.

Outras inseguranças sentidas nesse momento foram: a ausência de proficiência na língua espanhola, já eu apenas havia estudado o nível básico 1 na UnB Idiomas, a UnB nunca havia realizado acordos com o novo país escolhido por mim, e o fato de sair de casa pela primeira vez e ir sozinha para outro país gerava muita insegurança a minha família. Porém, considerando a oportunidade de aprender um novo idioma e pelo valor da bolsa, pensei que seria a melhor opção para mim e para a minha família.

A escolha do novo país de intercâmbio foi motivada por experiências da minha orientadora Wivian, que me informou que o país era “Pura Vida”, *slogan* da Costa Rica para expressar algo muito bom, uma saudação que representa muito à cultura do país, das pessoas e da natureza. Além disso, foi enfatizado que, por ser um país alegre e com pessoas receptivas, seria uma ótima oportunidade para aprender o espanhol. Dessa forma, Costa Rica foi escolhida! Com o intuito de aprofundar meus conhecimentos em relação ao espanhol, estabeleci estratégias de aprendizagens, como: participei do programa de apadrinhamento de intercambistas da UnB, no qual tive contato com a Lola, colombiana, e, em um segundo momento, recebi uma intercambista peruana na minha casa durante dois meses que antecederam a minha ida à Costa Rica. O convívio prévio com essas culturas e com o espanhol foi essencial para a minha chegada em terras desconhecidas, pois fui mais segura com o idioma e preparada para conviver com outras maneiras de ser e estar no mundo. Neste processo compreendi o quão difícil é tomar uma decisão, mas também percebi que é preciso ter coragem para seguir outros caminhos que a vida nos proporciona. Foram momentos de angústia, mas também de vitórias, que não foram ultrapassados sozinhos, mas principalmente com o apoio carinhoso e atencioso da minha orientadora Wivian, que sempre me incentivou e possibilitou a minha ida à Costa Rica, assim como dos meus familiares e amigos que embarcaram comigo nesse projeto e me fizeram acreditar que eu poderia voar.

Falar de todas as experiências de intercâmbio é um grande desafio, porém o faço com muita nostalgia.

Os relatos dos ex-bolsistas deste estudo me levaram a tomar uma decisão: almejava morar com uma família costarricense, com o intuito de aprender de forma significativa o espanhol e realmente conhecer a cultura do país no cotidiano. Encontrar uma família foi algo muito difícil, pois a minha família tinha medo do desconhecido, o que agravava pelo fato de ser um intercambista mulher e que nunca realizou uma viagem para o exterior. Dessa forma, por meio de uma página do Facebook e com indicações de nativos que conheci na internet, conheci Anita, que tinha um núcleo familiar composto por mulheres, Mamis Nora e Nathália, fato que facilitou a aprovação da minha família.

Antes de embargar nessa nova aventura, recebi lindas “despedidas” de carinho, mas, de fato, eu ainda não acreditava que o sonho está sendo realizado, assim, com calma, embarguei a terras desconhecidas no dia 20/02/2018, e fui recebida por Anita. Então, neste momento, ao olhar as novas paisagens e o clima cultural diferente, me dei conta de que viveria uma experiência inesquecível durante um semestre.

Família Costarricense

Durante toda a experiência de intercâmbio, morei com a minha família metade costarricense e metade italiana e foi uma experiência incrível, pois a família sempre acolheu intercambista e estava disposta a viver e aprender com o outro que é diferente. Assim, foram inúmeros os momentos de partilha, em que apresentei muito sobre minha cultura, mas também recebi muito da cultura da Costa Rica e da Itália. Estar na família também foi aprender a conviver com pessoas tão diferentes, mas que agregam a minha maneira de ser e estar no mundo. Com eles percebi que um intercâmbio não se vive sozinho, mas se vive com o outro. Além do mais, a família foi essencial no meu processo de adaptação e na construção do sentimento de pertencimento. Eles também representaram lugar de apoio, de maneira especial, a Anita, que foi uma verdadeira irmã e me levou a me aventurar em outros países, como Nicarágua e Cuba.

Um dos momentos mais marcantes com a família

Durante o intercâmbio, percebi o alto valor cobrado para sacar dinheiro com o cartão do Brasil, assim pedi a minha família que enviasse toda a bolsa de intercâmbio recebida pela OEI para uma conta que eu fiz em Costa Rica. Minha família realizou todo o processo, mas, por um erro do Banco do Brasil, o dinheiro da bolsa chegou ao país, mas não entrou na minha conta. Diante dessa situação, fiquei insegura e muito preocupada, pois eu já não tinha dinheiro suficiente para custear o estilo de vida de Costa Rica. Por outro lado, também não queria causar preocupação a minha família, assim, não avisei que não tinha muitos recursos. Então lembro-me que cheguei da universidade e a minha família costarricense havia feito compras para que eu não me preocupasse com a alimentação. Nesse momento e em tantos outros, senti que havíamos construído vínculos fortes, pois, apesar de representar um gesto tão simples, o ato representa muito e, assim, sentia-me parte da família, como um lugar seguro.

Experiências na Universidade de Costa Rica

A Universidade da Costa Rica possui seis campus em todo o país. Minha mobilidade acadêmica foi realizada na sede principal, localizada na capital do país San José, localizada a quinze/vinte minutos caminhando da minha residência.

A assessoria internacional da instituição acolheu todos os intercambista em uma reunião de boas-vindas, com o intuito de apresentar as regras da universidade, os procedimentos necessários para a aquisição do visto estudantil e, de maneira especial, realizar atividades de quebra-gelo para aproximar os intercambistas, que se apresentaram e falaram sobre a sua cultura. Considero que esse momento foi muito importante, pois aproximou os intercambistas e em que foi desconstruído um pouco dos estereótipos que são construídos em cada país.

Na Universidade de Costa Rica não há o curso de pedagogia, o que existe é uma divisão entre pré-escola e primária, assim, cursei duas disciplinas em cada um dos dois departamentos. No departamento de pré-escola, estudei: Estudos Sociais na educação infantil e Sociopedagogia. No departamento de primária, estudei Sociologia Educacional e Currículo no contexto escolar. Os professores dos cursos foram receptivos, contudo nem todos buscavam realizar uma integração efetiva, tendo em que vista muitos estudantes chegavam em sala, ninguém falava com ninguém, a professora apresentava o conteúdo e muitos deles só perceberam que eu era estrangeira no final do semestre.

Por outro lado, em outros cursos, como Estudos Sociais na Infantil, a professora sempre buscava conhecer um pouco mais sobre a cultural brasileira, me integrando aos debates. Houve debates acerca de temáticas já discutidas durante a minha formação na UnB, porém, na Universidade da Costa Rica, foi diferente, não pelo conteúdo em si, mas pela forma que se discutia, pois conheci pessoas com diferentes visões de mundo. No entanto, ser estudante em outro país também possui uma singularidade, principalmente por causa da limitação linguística, pois, apesar que não sentir dificuldade para compreender os professores e aos alunos, senti-me limitada para expressar uma ideia completa. Então, em alguns momentos, senti-me desmotivada para participar das aulas. Outras dificuldades encontradas: processos mais demorados para a realização dos trabalhos, considerando a grau de leituras em espanhol e a escrita de trabalhos acadêmicos; dificuldade com o estabelecimento de vínculos; dificuldade com a organização de algumas matérias; era muito difícil assumir outra posição em um trabalho de grupo, pois, na Universidade de Brasília, eu estava acostumada a estar à frente, isto é, ser a líder do grupo, então sempre que busquei realizar discussões de um trabalho com o grupo na Universidade de Costa Rica predominava os trabalhos feitos pelas redes sociais; por fim, acredito que a maior

dificuldade foi lidar com o tipo de aluna que me tornei diante das condições de ser estudante estrangeira, pois, muitas vezes, sentia desmotivação para ir às aulas e não me sentia pertencente à instituição, pois minha relação com a universidade de intercâmbio era mais de sala de aula, enquanto na UnB vai além do ensino, pois vivenciei a pesquisa e a extensão.

Hoje, eu acho que foi preciso sair da minha zona de conforto e aceitar que também tenho limitações dentro das condições de ser estudante em outro país. No começo, isso me desencorajou, mas, durante todo o processo, pude me reconhecer mais como pessoa e identifiquei que não sabia como lidar com frustração. Aprendi também que cada cultura tem uma maneira de trabalhar em um grupo e que eu não posso impor a maneira que acredito ser a "correta", tampouco eles podem fazê-lo, o que está relacionado a um processo de adaptação e reconhecimento do outro. Em outra perspectiva, a universidade contribuiu de maneira significativa para o meu aprendizado da língua espanhola.

Outras experiências

Durante a experiência de intercâmbio tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de idiomas, o que representou conquistar minha autonomia financeira e conhecer muito mais a cultura da Costa Rica. Assim como tive a oportunidade de viajar e conhecer novas culturas.

Penso que a maior contribuição deste intercâmbio tenha sido a aprendizagem de novo idioma e as vivências culturais. Ao regressar para ao Brasil, senti medo de não ser aceita, pois, durante as experiências que vivenciei, fui transformada.

LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Trajetória escolar dos bolsistas	35
Tabela 2 – Realização de curso preparatório durante o ensino médio	38
Tabela 3 – Participação em atividades durante a graduação	40
Tabela 4 – Motivações na participação do Programa CsF	41
Tabela 5 – Principais dificuldades encontradas durante o intercâmbio.....	42
Tabela 6 – Principais contribuições do intercâmbio.....	43
Tabela 7 – Projetos de Futuro.....	44
Quadro 1 – Descrição dos Grupos de Discussão	50

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CG	Centro de Ensino Médio Cem 01 do Gama
CILG	Centro Interescolar de Línguas do Gama
CsF	Ciência sem Fronteiras
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENADE	Exame Nacional de Desempenho do Estudante
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
GD	Grupo de Discussão
GERAJU	Gerações e Juventudes
IRA	Índice de Desempenho Acadêmico
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
OEI	Organização de Estados Ibero-americanos
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PNEM-DF	Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio do Distrito Federal
PROIC	Programa de Iniciação Científica
Reuni	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: BREVE	
APRESENTAÇÃO	23
1.1 BREVE PANORAMA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	23
1.2 ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA	26
CAPÍTULO 2 CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES	
ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS	31
CAPÍTULO 3 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	45
3.1 GRUPOS DE DISCUSSÃO E O MÉTODO DOCUMENTÁRIO.....	45
3.1.1 Método Documentário na análise de Grupos de Discussão	46
3.2 SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA DE CAMPO	48
3.3 ANÁLISE DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO	51
3.3.1 Grupo <i>É Cultural</i>	51
3.3.1.1 Diário de campo do GD <i>É Cultural</i>	52
3.3.1.2 Perfil das estudantes do GD <i>É cultural</i>	54
3.3.1.3 Trajetória Escolar e Acadêmica	54
3.3.1.4 Percepções sobre o intercâmbio	59
3.3.1.5 Projetos de futuro	71
3.3.2 Grupo <i>Sair da caixinha</i>	74
3.3.2.1 Diário de campo do GD <i>Sair da caixinha</i>	74
3.3.2.2 Perfil dos estudantes do GD <i>Sair da caixinha</i>	75
3.3.2.3 Trajetória Escolar e Acadêmica	76
3.3.2.4 Percepções sobre o intercâmbio	84
3.3.2.5 Projetos de futuro	98
3.3.3 Grupo <i>Portas</i>	99
3.3.3.1 Diário de campo do GD <i>Portas</i>	99
3.3.3.2 Perfil dos estudantes do GD <i>Portas</i>	101
3.3.3.3 Trajetória Escolar e Acadêmica	102
3.3.3.4 Percepções sobre o intercâmbio	105
3.3.3.5 Projetos de futuro	117

CAPÍTULO 4 PERCEPÇÕES DOS BOLSISTAS EM RELAÇÃO AO PROGRAMA	
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS.....	120
CONCLUSÃO.....	142
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A – Formulário sociocultural para participantes dos grupos de discussão	
.....	148
APÊNDICE B – Termo de garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo	152
APÊNDICE C – Roteiro com tópicos-guia para grupos de discussão.....	153
APÊNDICE D – Código para transcrição de dados.....	156
APÊNDICE E – Títulos dos trabalhos (Teses e Dissertações) encontrados no levantamento bibliográfico da Capes	158

INTRODUÇÃO

A temática, “experiências de intercâmbio de jovens universitários oriundos do ensino médio público”, surgiu a partir da minha participação como colaboradora do projeto de pesquisa “Gerações sem Fronteiras: experiências internacionais de jovens universitários” no ano de 2015, coordenado pela Prof.^a Dra. Wivian Weller. Entre outros resultados, constatou-se, por meio de um *survey* realizado com bolsistas no primeiro semestre do ano de 2015, que apenas 13,99% dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB) que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) e responderam ao questionário eram oriundos do ensino médio público. Como colaboradora da pesquisa em 2015 e, posteriormente, como bolsista de iniciação científica nos anos de 2016 e 2017, tive a oportunidade de acompanhar de perto o desenvolvimento da pesquisa e participar da análise dos resultados.

Nesse sentido, esta monografia foi constituída ao longo da minha trajetória acadêmica na Faculdade de Educação (FE) da UnB, associado à realização de dois projetos de pesquisa no Programa de Iniciação Científica (PROIC), sobre experiências de intercâmbio de estudantes oriundos do ensino médio público, sob orientação da Prof.^a Dra. Wivian Weller. Como estudante oriunda de escolas públicas, o trabalho inicial foi desenvolvido em torno dos seguintes objetivos:

- Conhecer o perfil dos bolsistas e identificar o tipo de escola de ensino médio público que eles frequentaram;
- Compreender de que maneira a origem escolar e familiar influenciou na participação dos estudantes oriundos de escolas públicas no programa Ciência sem fronteiras;
- Conhecer as experiências desses jovens no exterior.

A primeira fase do estudo trouxe novas inquietações a respeito das implicações do intercâmbio na vida dos jovens universitários intercambistas. Assim, o segundo projeto de iniciação científica foi desenvolvido em torno dos seguintes objetivos:

- Analisar como a experiência no programa Ciências sem Fronteiras contribuiu para a formação pessoal e acadêmica-profissional.
- Qual é o sentido de um intercâmbio para estudantes oriundos do ensino médio público?
- Identificar aspectos que podem contribuir na avaliação e aprimoramento do Programa Ciência sem Fronteiras;

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, organizados da seguinte forma: O primeiro capítulo destina-se a uma breve apresentação do Programa Ciência sem Fronteiras e da pesquisa bibliográfica encontrada no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) sobre a temática.

O segundo capítulo apresenta os resultados da primeira fase da pesquisa de iniciação científica, de caráter quantitativo, trazendo o perfil dos estudantes, a trajetória escolar e as experiências de intercâmbio.

O terceiro capítulo destina-se a apresentação e análise dos grupos de discussão: *É cultural*, *Sair da caixinha* e *Portas*, realizados com estudantes do ensino médio público do gênero feminino, e jovens do ensino médio público e do Colégio Militar de Brasília do gênero masculino. Neste capítulo são abordadas as seguintes temáticas: trajetória escolar, experiência de intercâmbio e projetos de futuro.

No quarto e último capítulo, buscou-se analisar o programa Ciência sem Fronteiras a partir da perspectiva dos ex-bolsistas. Dessa forma, são trabalhadas as seguintes temáticas: atendimento dos estudantes oriundos do ensino médio público pelo programa, sugestões para outros programas de mobilidade acadêmica partindo da avaliação do CsF e, por último, percepções sobre o término do programa CsF.

Nas considerações finais, o presente trabalho apresenta uma síntese conclusiva dos temas discutidos nos capítulos anteriores bem como contribuições que poderão auxiliar na elaboração de programas de mobilidade acadêmica. Busca-se oferecer ainda uma compreensão dos significados do intercâmbio como parte integrante da formação acadêmica dessa nova geração que passou por essa experiência.

CAPÍTULO 1 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: BREVE APRESENTAÇÃO

O Brasil tem estabelecido acordos de cooperação internacional com diversos países. As ressonâncias dos acordos firmados ultrapassam o âmbito econômico e podem ser observadas também no campo da Educação. No que se refere à Educação Superior, as universidades têm buscado estratégias para a internacionalização desse nível, principalmente por meio de programas de mobilidade acadêmica no âmbito da graduação e da pós-graduação (MOROSINI, 2006). Nessa direção, o programa Ciência sem Fronteiras representou uma estratégia do Governo Brasileiro para a internacionalização universitária e para o desenvolvimento do país, sendo considerado o maior programa de mobilidade estudantil na categoria graduação sanduíche. Assim, neste capítulo, será apresentado um breve panorama do programa e das produções encontradas sobre a temática no Catálogo de teses e dissertações da Capes e no repositório da Universidade de Brasília.

1.1 BREVE PANORAMA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS¹

O CsF foi instituído pela Presidenta da República Dilma Rousseff, por meio do Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. O principal objetivo do programa era “propiciar a formação e a capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centro de pesquisa estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento como prioritárias”². Entre outros objetivos do programa estão: a formação e capacitação pessoal no exterior com o intuito de desenvolver habilidades essenciais para o avanço da sociedade do conhecimento, ampliação do conhecimento inovador de indústrias tecnológicas, inserção internacional das instituições brasileiras por meio de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros, assim como, atrair altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

¹Doravante utilizaremos a sigla CsF

² Fonte: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm. Acesso em: 20 nov.2017.

Quando refere às motivações para a criação do programa, Costa (2015) apresenta em seu estudo que a instituição do CsF foi impulsionada a partir da visita do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ao Brasil em março de 2011. A autora relata que o encontro com a Presidenta Dilma Rousseff gerou provocações no que tange o baixo número de estudantes brasileiros nos Estados Unidos. Nessa direção, no mesmo ano, como descrito acima, o Programa CsF foi lançado. Observa-se também, que o CsF guarda relação com o programa *100 Thousand Strong in the Americas*, que promoveu intercâmbio de estudantes estadunidenses à América Latina e ao Caribe. Assim, conclui que houve um jogo de interesse mútuo entre os dois países, sendo que o CsF ajudaria a atingir a meta do programa estadunidense, como observa-se abaixo na fala de Obama:

Juntos, podemos avançar nossa prosperidade comum. Como duas das maiores economias do mundo, trabalhamos lado a lado durante a crise financeira para restaurar o crescimento e a confiança. E para manter nossas economias crescendo, sabemos o que é necessário em ambas as nossas nações. Precisamos de uma mão-de-obra qualificada – e é por isso que empresas americanas e brasileiras se comprometeram a ajudar a aumentar o intercâmbio de estudantes entre as nossas duas nações. Precisamos de um compromisso com a inovação e tecnologia - e é por isso que fizemos acordo para expandir a cooperação entre nossos cientistas, pesquisadores e engenheiros. (LEE, 2011, tradução nossa, apud COSTA, 2015, p. 60).

Dessa forma, representando o maior programa de mobilidade acadêmica no contexto brasileiro, foi estipulado a concessão de 101.000 bolsas para estudantes das seguintes modalidades de ensino: graduação-sanduíche com o maior número de bolsas (64.000), Doutorado-sanduíche (15.000), Doutorado-pleno (4.500), Pós-doutorado (6.440), Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior (7.060), assim como atração de Jovens Talentos e Pesquisador Visitante Especial a nível Nacional, destinado 2.000 bolsas a cada modalidade. Para a modalidade graduação, foco deste estudo, foram concedidas 73.341 bolsas de estudos no exterior, entre os anos de 2011 até a extinção do programa em 2016³.

Para alcançar os objetivos do programa CsF, foi estabelecido parcerias com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Ministério da Educação (MEC) e com as agências de fomento CNPq e Capes, responsáveis em efetivar a cooperação internacional e a concessão de bolsas para as modalidades apresentadas acima.

As áreas prioritárias contempladas pelo programa para o estudo e realização de pesquisas em instituições renomadas no exterior (conforme os principais *rankings*

³ As informações acerca do Programa Ciência sem Fronteiras foram acessadas pela Fonte: <<https://web.archive.org/web/20180406101527/http://www.cienciasemfronteiras.gov.br>>. É importante salientar que a página oficial do programa foi suspensa no dia 10 de novembro de 2018, impossibilitando uma melhor análise do programa.

internacionais) foram: Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos.

Os países parceiros do programa forma: Estados Unidos, Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, China, Cingapura, Coréia do Sul, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Índia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Rússia, Suíça e Ucrânia, entre outros. É importante destacar que os Estados Unidos e os países Europeus foram os mais procurados, assim como, Portugal, também requisitado pelos bolsistas, sendo cortado do programa no ano de 2013.

Em relação ao custeio do programa como um todo, o financiamento deu-se por meio de recursos do Governo Federal e da iniciativa privada.

Para a modalidade graduação-sanduiche, foi destinado um gestor Institucional do CsF, com o intuito de cuidar da homologação, acompanhamento e avaliação dos candidatos e dos bolsistas selecionados.

Os critérios adotados pelo programa para a seleção de estudantes para a modalidade graduação-sanduiche, foram baseados nos seguintes aspectos: bom desempenho acadêmico dos alunos, nota mínima de 600 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), estar matriculado nas áreas prioritárias já apresentas e possuir o mínimo de 20% e o máximo 90% do curso concluído, além de ser cidadão brasileiro ou naturalizado. É interessante observar que os critérios adotados para o desempate de estudantes na participação do programa, privilegiou aqueles que foram contemplados com prêmios, a nível Nacional ou Internacional, em olimpíadas Científicas e bolsistas ou ex-bolsistas de iniciação científica ou tecnológica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ou da Capes (PIBIC/PIBITI/PIBID).

Os estudantes selecionados para a experiência internacional recebiam os seguintes benefícios: passagens aéreas; seguro saúde; auxílio-instalação e material didático e bolsa mensal.

O tempo da estadia no exterior seria de 12 meses. Para estudantes que fossem realizar curso de idioma no exterior seria de 18 meses. Quanto à proficiência em idioma estrangeiro,

para aqueles que não possuíram, foi criado em 2012 o Programa Idiomas sem Fronteiras, com o objetivo auxiliar os estudantes selecionados pelo programa CsF. É interessante destacar que durante o período de intercâmbio, a Capes e o CNPq não autorizavam a vinda dos/das participantes para o Brasil.

Após a experiência no exterior, o bolsista deveria realizar um relatório técnico científico de atividades e permanecer no Brasil pelo mesmo período ou superior que usufruiu da bolsa.

1.2 ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA

Para conhecer um pouco da produção acerca da temática deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no Catálogo de teses e dissertações da Capes e no repositório da Universidade de Brasília. No momento da busca, optou-se em utilizar o termo “Ciência sem Fronteiras”. Dessa forma, no catálogo de dissertações e teses da Capes, foram encontrados 81 estudos em nível nacional sobre o tema entre os anos de 2011 e 2018, sendo 49 dissertações e 16 teses, com o maior número de publicações ocorrido no ano de 2016 (25)⁴. Os estudos concentram-se nas grandes áreas do conhecimento: Ciências Humanas (34); Multidisciplinar (18); Ciências Sociais Aplicadas (16); Linguística, Letras e Artes (7), Engenharias, Ciências da Saúde (1) e Ciências exatas e da terra (1).

A nível institucional foi realizado um filtro por instituição (Universidade de Brasília) no mesmo catálogo, onde obtivemos 7 resultados, correspondendo com as buscas feitas no repositório de teses e dissertações da UnB.

A partir desse resultado e com o intuito de identificar de que forma os estudos se relacionavam com esta pesquisa, optou-se em realizar um filtro visual a partir dos critérios de inclusão/exclusão, utilizando as seguintes palavras chaves definidas pela pesquisadora: Escolas Públicas, Mobilidade Acadêmica, Trajetória escolar, Perfil dos egressos, Graduação Sanduíche, Experiências de Intercâmbio, Contribuições do Intercâmbio. Os trabalhos que continham pelo menos uma das palavras chaves acima e tendo como auxílio a leitura dos resumos foram selecionados.

Nessa direção, foram selecionados 17 trabalhos entre dissertações e teses. Posteriormente, foi organizado uma tabela com o nome do catálogo, ano, título e palavras

³ Fonte: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>>. Acesso em: 23 nov.2018.

chaves, encontrados nos apêndices deste trabalho. Para identificar a temática dos trabalhos, foi feita a leitura da introdução, metodologias, resultados/discussão e conclusão de cada trabalho, que serão apresentados brevemente.

De maneira geral, nenhum estudo tem como foco principal a abordagem da experiência de estudantes oriundos do ensino médio público no Programa CsF. Não obstante, identificou-se dois trabalhos, a saber: “Mérito? Gênero, Raça e Classe no Ciência sem Fronteiras: Impactos na Língua Inglesa” (BORGES, 2015), produzido no âmbito da Universidade de Brasília, assim como o estudo “O Programa de Mobilidade Internacional “Ciência Sem Fronteiras” na Perspectiva das Desigualdades de Oportunidades Educacionais” (GOMES, 2016). Esses dois estudos, não trabalham a experiência de estudantes provenientes de escolas públicas no CsF, mas apresentam discussões importantes para se pensar o acesso desse público ao programa.

O trabalho de Borges (2015) buscou identificar de que forma o perfil por gênero, raça e classe dos bolsistas da modalidade graduação sanduíche, que realizaram intercâmbio nos Estados Unidos entre os anos de 2012 e 2015, se relaciona com as dificuldades ou não do domínio do inglês. Evidenciou-se em seu estudo, que o programa refletiu as desigualdades do país, favorecendo bolsistas autodeclarados brancos, do gênero masculino, oriundos de um melhor contexto econômico, oriundos da região Sudeste do país e do ensino médio privado, que receberam durante sua formação básica um ensino de qualidade na língua inglesa, encontrando, dessa forma, menos dificuldades durante o intercâmbio (59,6%). O autor também reflete que a participação de estudantes de classes mais pobres no CsF se deu em razão do esforço pessoal e não em decorrência do programa em si. Ele conclui que essa política pública, isto é, o programa CsF não partiu do princípio da equidade e não proporcionou a inclusão escolar. Dessa forma, Borges destaca a importância de “considerar essas variáveis na definição de programas e ações governamentais mostra-se adequado a um Estado desenvolvimentista, que busca avanços econômicos conjugados com a redução das desigualdades sociais” (BORGES, 2015, p. 169).

Gomes (2016) estudou de maneira mais profunda as desigualdades sociais de acesso à mobilidade de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais que participaram do programa CsF no ano de 2013. A autora debruçou-se sobre o perfil desses estudantes considerando os aspectos demográficos, socioeconômicos, socioculturais e escolares, demonstrando que existiu um perfil altamente favorável no acesso ao programa. Quando se trata da trajetória escolar, é revelado que 63% dos estudantes são provenientes de instituições de ensino médio privado. Nessa direção, Gomes ainda procurou identificar o tipo de escola, considerando que algumas instituições de ensino gozam de prestígios, em especial as

instituições federais, que se encontravam entre as escolas com as maiores notas no Enem em 2013. Assim, a autora acredita que:

Pode-se citar, como exemplo, que o estudo do perfil social do estudante móvel contribui significativamente para se conhecer o estudante que tem acesso à mobilidade acadêmica internacional, pois, como se viu, trata-se de um indivíduo beneficiado por uma confluência de fatores que envolvem a posse de vários capitais simbólicos, entre os quais se destacam o capital cultural, o capital escolar, o capital linguístico e o capital de mobilidade. Outra possível contribuição para a área de estudos emerge da relação entre favoritismo escolar e o acesso à mobilidade para fins de formação, fato que está relacionado à tese de que os estudantes móveis constituem uma elite acadêmica (GOMES, 2016, p. 166).

Em outra perspectiva, o trabalho de Santos (2018) desenvolvido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foi o único a demonstrar por meio do perfil discente, que o programa CsF no contexto da universidade estudada oportunizou que (62,9%) estudantes oriundos de escolas públicas acessassem o programa. Entretanto, não foi questionado o tipo de escola e dado não foi aprofundado, já que essa temática não foi o centro de sua pesquisa.

Os outros trabalhos encontrados perpassam pelo perfil dos bolsistas beneficiários de maneira rápida, abordando o gênero, idade, contexto socioeconômico, formação dos pais, entre outros, demonstrando que bolsistas oriundos do ensino médio público, negros, de classe baixa e com pais de menor nível escolar, foram minorias no programa. Contudo, o principal foco desses trabalhos recai para outras temáticas, tais como: impactos da mobilidade acadêmica; reflexos do programa no sistema educacional; análise das possíveis contribuições do programa CsF à formação acadêmica dos bolsistas; política educacional e percepções da experiência de intercâmbio; análise da implementação do programa; apresentação de proposta de gestão ao programa; trajetórias formadoras; internacionalização da educação superior, entre outros. Esses estudos trabalharam com essas temáticas, considerando as experiências de intercâmbio dos bolsistas, o que é significativo na consideração dessa política.

De maneira geral, a experiência internacional, a partir do CsF é destacada pelos autores como um acontecimento importante na graduação. Martinez (2018), embora não tenha investigado a trajetória escolar dos bolsistas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), revela que o perfil acadêmico dos participantes entre 2011 a 2016, privilegiou um público com um alto capital econômico, autodeclarados brancos (88%) e oriundos de um contexto familiar com escolaridade alto (ensino superior), 67% das mães e 64% dos pais.

Em relação à motivação para participar do programa, os estudos de Costa (2015) e Ramos (2016) revelam que a maior motivação na participação do CsF está na crença de que a experiência internacional proporciona aperfeiçoamento profissional e melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Furtado (2016), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma nova proposta de gestão para programas de mobilidade acadêmica, considerando a avaliação dos próprios estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo. É pontuado que a principal contribuição do programa CsF para os estudantes que participaram da pesquisa foi de cunho cultural e linguístico. Destaca-se também que a experiência na universidade de intercâmbio proporcionou contato com um sistema educacional de melhor infraestrutura e tecnologia, com uma carga horária menor de conteúdo teórico, priorizando uma maior carga de estudos individuais, bem como o estabelecimento de relações mais próximas com as empresas, isto é, uma prática mais profissional. Em outra direção, revela que a universidade de origem é bem avaliada nos quesitos metodológicos de ensino e na carga horária de conteúdo teórico.

Bido (2015), em seu estudo com 58 estudantes provenientes de duas instituições privadas e uma instituição pública, localizadas no Rio Grande do Sul, evidenciou que o nível de satisfação dos ex-bolsistas do CsF é de 90%, ou seja, a experiência de intercâmbio é vista a partir dos ganhos imensuráveis possibilitando a ampliação da visão de mundo, de experiências culturais, as novas aprendizagens acadêmicas e que podem favorecer a inserção no mercado de trabalho. Alguns dos desafios apontados por Bido dizem respeito à superação da barreira linguística, o escasso acompanhamento das agências (Capes e CNPq) no desempenho dos bolsistas e uma melhor política de aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior.

Ainda sobre as contribuições da experiência de intercâmbio, Luoyuan Lui (2018), em seu estudo sobre intercâmbio Universitário Brasil-China, pontuou que a experiência no exterior por meio do CsF, possibilitou a formação da cidadania global de estudantes do Rio Grande do Sul. É destacado o forte crescimento pessoal, que está relacionado às vivências de diversas experiências, ao conhecimento sobre os chineses e a sua cultura para além dos preconceitos existentes sobre eles, ao desenvolvimento da maturidade e independência, ampliação de horizontes e a potencialidade de enfrentar mudanças e desafios. Apesar da dificuldade com a aprendizagem do mandarim evidenciado neste estudo, o intercâmbio é visto como aquele que também pode trazer a proficiência no idioma. Luoyuan Lui também destaca que a experiência no exterior pode distingui-los profissionalmente e/ou academicamente.

Finalmente a pesquisa de Conceição (2017) apresenta que os ex-bolsistas do programa CsF se diferenciaram na formação geral e no componente específico da prova do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade), no ano de 2013, em comparação a estudantes que realizaram intercâmbio por outros programas e estudantes que não realizaram intercâmbio. Apesar de não analisar em profundidade o perfil dos estudantes, o autor releva que o CsF

selecionou estudantes brancos, mais jovens, oriundos de escolas privadas do ensino médio e que ingressam na instituição de ensino superior por meio do vestibular ou do Enem.

Os estudos encontrados caminham na assertiva de que a experiência de intercâmbio na graduação é valiosa, pois ultrapassa os ganhos acadêmicos e profissionais. Contudo, questiono-me: quais são os jovens universitários que mais migram?

De maneira geral, os estudos produzidos acerca do CsF demonstram que a experiência de intercâmbio está diretamente ligada a oportunidades de novas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais. Dessa forma, a mobilidade no exterior é concedida como um acontecimento positivo e agregador na vida de jovens universitários. Em contrapartida, relevam que o programa carece de reformulações e que o ensino de idioma deve ser implementado com mais firmeza no Brasil. Poucos foram os estudos que abordam de maneira mais profunda o perfil dos estudantes privilegiados pelo programa. Muitas trataram do perfil observando mais as questões de gênero, região, perfil econômico e educacional dos pais.

De uma forma geral é possível afirmar a partir da leitura dos estudos, que o programa CsF, mesmo superando a barreira financeira por meio da concessão de bolsas, privilegiou estudantes brancos, oriundos da classe média/alta e de famílias com alta escolaridade. Nesse sentido, pode-se concluir que ainda há uma parcela de universitários privados de uma experiência internacional, não só por questões econômicas, mas devido a outras barreiras. Essas outras barreiras poderão ser compreendidas a partir da pesquisa que originou este trabalho, no qual buscou-se analisar não só o perfil dos bolsistas do programa CsF, mas também suas experiências e os significados atribuídos à vivência no exterior.

CAPÍTULO 2 CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS

A ampliação e democratização do acesso à educação superior no Brasil ocorreu sobretudo a partir de 2003 mediante implementação de políticas públicas que proporcionaram a expansão quantitativa desse nível de ensino, como o Programa de Apoio de Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007, assim como as políticas afirmativas que vem proporcionando a ampliação de vagas para grupos sociais que historicamente ficaram excluídos desse nível de ensino, como os negros, os povos indígenas e os estudantes oriundos de escolas públicas (BRASIL, 2007). Quanto ao sistema de cotas para alunos oriundos de escolas públicas, o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012, regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que trata sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. O art. 2º desse documento dispõe que 50% das vagas em instituições federais devem ser destinadas aos alunos de escolas públicas.

As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

A Universidade de Brasília implementou a lei de cotas para estudantes oriundos do ensino médio público no ano de 2013. Inicialmente, foram destinados 12,5% das vagas para alunos provenientes de escolas públicas. Contudo, apesar da ampliação do ingresso de estudantes que, tradicionalmente, ficaram excluídos da educação superior pública, devemos refletir sobre as reais condições de permanência e principalmente sobre os processos de acesso aos conhecimentos produzidos pela universidade. Todos os alunos possuem as mesmas oportunidades educacionais dentro do ambiente acadêmico? Todos têm acesso a projetos de extensão, monitorias, iniciação ciência, empresa Junior e intercâmbio internacional? Para Prestes, Jezine e Scocuglia (2012, p. 9-10), “A diferenciação de classe continua sendo claramente reproduzida nos processos de acesso e conhecimento no âmbito das universidades públicas e das suas instituições financiadoras de pesquisa”. Destaca também que dificilmente estudantes oriundos de populações pobres terão acesso a programas na área de produção científica e tecnológica, que são destinados à formação de pessoas que possuem habilidades para a produção de novos conhecimentos, como o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), que

apresenta a perspectiva do “elitismo acadêmico”, visto que seleciona alunos provenientes dos cursos mais competitivos e que possuem os pré-requisitos para atender às demandas da produção científica e tecnológica do Brasil.

Em uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Brasília (2014 a 2017) intitulada “Gerações sem Fronteiras: Experiências de Intercâmbio Internacional de jovens universitários”, coordenado pela Prof.^a Dra. Wivian Weller. Inicialmente, no ano de 2015, foi elaborado um questionário *on-line* e encaminhado para 2.117 bolsistas da UnB que participaram do programa CsF. Obteve-se um retorno de 32% totalizando, 672 respostas (cf. WELLER, 2017). Desse universo, apenas 13,99% - totalizando 94 estudantes que participaram do CsF e responderam ao questionário -, eram oriundos do ensino médio público. A análise dos dados oriundos do questionário aplicado em 2015 serviu de base para o desenvolvimento, no ano de 2016, de um subprojeto da pesquisa intitulado “Ciência sem Fronteiras: experiências de estudantes oriundos do ensino médio público”. Buscamos, inicialmente, conhecer o perfil desses bolsistas e ficamos instigados em identificar o tipo de escola de ensino médio público que os bolsistas frequentaram, visto que há diferenças na qualidade de ensino ofertado em algumas instituições escolares públicas, tais como os colégios militares e os colégios que possuem a “fama” de mais aprovar estudantes nos vestibulares da UnB. Dessa forma, a pesquisa realizada em 2016 buscou compreender em que medida origem escolar e familiar influencia as escolhas acadêmicas e os projetos futuros dos estudantes bolsistas oriundos do ensino médio público. Assim, buscou-se conhecer também suas experiências na UnB e as experiências acadêmicas e culturais proporcionadas pela mobilidade.

Metodologia

Para a realização deste estudo, foi construído um novo questionário com o intuito de conhecer melhor os bolsistas oriundos do ensino médio público no Programa CsF. Dessa forma, o questionário foi alocado na Plataforma *LimeSurvey* e enviado a 2.117 bolsistas da Universidade de Brasília. Obteve-se um retorno de 87 que atenderam ao requisito de ser estudante oriundo de escola pública durante o ensino médio e que responderam ao questionário.

Os dados utilizados são provenientes de uma amostra não probabilística por conveniência. O questionário esteve composto pelas seguintes sessões: dados gerais; trajetória escolar; escolaridade e ocupação profissional dos pais; vida universitária no Brasil; experiências

prévias no exterior; sobre o intercâmbio; tempo livre; universidade no exterior; e projetos futuros. Contamos também com três perguntas abertas (opcionais), que serão consideradas ao longo deste trabalho. Nesse capítulo serão apresentadas as seguintes questões: experiência como estudante de escola pública e da escolha de estudar na Universidade de Brasília e experiência como estudante da Universidade de Brasília e na universidade onde realizou o intercâmbio.

Um olhar sobre os bolsistas do CsF oriundos de escola pública

Apresentaremos a seguir alguns resultados da pesquisa de iniciação científica realizada em 2016 no contexto do projeto “Gerações sem Fronteiras: Experiências de Intercâmbio Internacional de jovens universitários”.

Perfil geral dos bolsistas do CsF oriundos do ensino médio público

Em um breve resumo sobre o perfil geral dos 87 bolsistas do CsF oriundos do ensino médio público, destaca-se que 43,68% são do sexo feminino e 56,32% do sexo masculino. Apesar de o programa CsF ter abarcado áreas prioritárias (engenharias e tecnologias), que tradicionalmente é marcado pela presença do gênero masculino, evidencia-se neste estudo, que não existiu uma diferença significativa por gênero.

Em relação à raça/etnia um maior percentual de bolsistas pertence a raça branca (45,98%), seguidos daqueles autodeclarados como pardos (40,23%) e apenas 9,20% se consideram da cor preta e 4,60% amarela (asiático). Os alunos dessa pesquisa são majoritariamente dos cursos de engenharias (56,35%). Os demais (43,7%) são alunos dos cursos de agronomia, arquitetura e urbanismo, ciência da computação, ciências ambientais, biológicas, e naturais, design, farmácia, física, geofísica, geologia, gestão ambiental, medicina veterinária, odontologia e química. Vale destacar que 88,55% dos bolsistas estudam no turno diurno, o que pressupõe que a maioria possui dedicação exclusiva aos estudos. Entre os estudantes que informaram exercer algum trabalho remunerado, a maior parte não trabalhava em 2016 (26,44%), seguido daqueles que realizavam atividades remuneradas esporádicas

(24,14%), dos 21,84% que faziam estágio técnico e dos 5,75% que trabalhavam sem carteira assinada. Somente um estudante trabalhava com carteira assinada e 20,69% nunca haviam trabalhado.

Nível de escolaridade e ocupação profissional dos pais

O nível de escolaridade dos pais reflete nas escolhas acadêmicas dos jovens, por meio de incentivos e do apoio para ingressar na educação superior. Os dados obtidos nesta pesquisa, nos permitem afirmar que os bolsistas deste estudo são provenientes de famílias com maior escolaridade. Em contrapartida, há um menor número de alunos oriundos de famílias com escolaridade mínima. O número de pais com formação escolar até o ensino fundamental incompleto era de 9,20%. No outro extremo, caracterizado por pais que cursaram pós-graduação, o percentual era de 18,39%. Já no nível de escolaridade das mães, averiguou-se que 3,45% possuía, ensino fundamental incompleto e 16,09% pós-graduação. Destaca-se também, que 41,38% das mães dos bolsistas possuíam ensino superior completo. Quanto à ocupação profissional das mães, observou-se que 34,48% eram funcionárias públicas. No outro extremo apenas uma mãe trabalhava como empregada doméstica. Já a ocupação profissional dos pais, 26,44% eram funcionários públicos, seguido de 21,84% de pais militares, 14,94% que trabalhavam com carteira assinada, 12,64% que trabalhavam por conta própria, 9,20% que atuavam como empresários, 6,90% como profissionais liberais e 8,05% estão em outra situação.

Trajetória escolar dos bolsistas

Os participantes dessa pesquisa são oriundos do ensino médio público, visto que, foi um critério para o preenchimento do questionário. Entretanto, como apresentado anteriormente, fomos instigados nessa pesquisa a conhecer o tipo de escola de ensino médio que os bolsistas frequentaram, pois existem diferenças nas escolas públicas, com os colégios Militares e os colégios que possuem a tradição de mais aprovar seus estudantes no vestibular da UnB. Assim, buscou-se conhecer o tipo de escola cursada durante o ensino fundamental, o ensino médio e a forma de ingresso à universidade pública.

Tabela 1 – Trajetória escolar dos bolsistas

Variáveis	Porcentagem
Ensino Fundamental	
Particular	9%
Pública	82%
Particular e Pública	9%
Ensino Médio	
CEFET	3%
Colégio Militar	33%
EJA	1%
E. Pública Diurno	57%
E. Pública Noturno	2%
E. Pública Integral	2%
Forma de Ingresso	
Enem	6%
PAS	24%
Transferência	1%
Vestibular	60%
Vestibular com cotas	9%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

Em relação à escolaridade dos bolsistas do CsF, observa-se que durante o ensino fundamental (6° ao 9° ano), 81,61% frequentaram a escola pública, 9,20% estudaram em escola particular e 9,20% parte em escola pública e parte em escola particular. Pressupõe-se que entre os 81,61% dos bolsistas que estudaram em escolas públicas no ensino fundamental, existe a possibilidade de que um percentual de estudantes seja oriundo do colégio militar, uma vez que não foi questionado o tipo de escola pública.

Em relação ao ensino médio público, evidencia-se que a hipótese inicial deste estudo foi comprovada, pois 33,33% do total de entrevistados estudaram no Colégio Militar de Brasília. Um maior percentual (63,22%) é oriundo de escolas públicas e um pequeno percentual 3,45% são oriundos do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET)/Instituto Federal de Educação.

É interessante observar que a forma de ingresso na UnB ocorreu majoritariamente pelo vestibular tradicional, representando o maior percentual (60%) neste estudo. Em outro extremo, apenas (9%) ingressaram na universidade pública pelo vestibular com cotas, revelando uma minoria no programa CsF.

Em relação às experiências dos bolsistas na escola pública e sua escolha pelo curso universitário, foi elaborada uma questão aberta, de caráter optativo, que representou um

percentual 45,98% respostas. Os alunos oriundos de Colégio Militar destacaram que tiveram uma experiência escolar satisfatória por meio da obtenção de uma boa base teórica, considerada essencial no ingresso à universidade pública e no desenvolvimento e desempenho acadêmico na UnB. Os alunos destacaram também a boa estrutura e os recursos financeiros do colégio militar, que oferecem uma boa remuneração aos seus professores.

Como estudante oriundo de um Colégio Militar tive oportunidade de participar de cursos extras curriculares voltados para a área de exatas (Matemática, Física e Química) dentro do próprio colégio, o que me ajudou a decidir o meu curso superior e influenciou diretamente na minha aprovação no vestibular da Universidade. (Graduando em engenharia mecânica – Diurno, intercâmbio na Hochschule Offenburg)

Estudei, durante o ensino fundamental e médio, no Colégio Militar de Brasília. Tenho apenas boas lembranças e experiências do colégio. Ingressei nele através de concurso e acho uma pena que esse sistema de ensino não seja acessível para uma quantidade maior de estudantes no Brasil inteiro. (Graduando em Engenharia Civil – Diurno, intercâmbio - Saint JosephS University)

Como estudei em Colégio Militar, obtive boa base teórica para me desenvolver academicamente. Apesar de toda rigidez, a qualidade do ensino é superior a de muitas escolas. (Graduando em Farmacia – Diurno, intercâmbio - University of East London)

Os relatos acima permitem inferir que o acesso ao Colégio Militar é restrito a uma parcela da população, que alcança a aprovação no concurso de ingresso à instituição. Os selecionados, durante sua formação, terão acesso à um ensino rígido e de muita qualidade acadêmica, que ultrapassa a sala de aula, contemplando uma formação extraordinária em áreas prioritárias, como as ciências exatas. Nesse sentido, o ingresso na universidade pública já é esperado de quem frequenta o Colégio Militar.

Em outra perspectiva, bolsistas de outras escolas públicas destacam as más condições das escolas, tais como: problemas com infraestrutura, greves, falta de professores, má qualidade do ensino ofertado, desmotivação, entre outros aspectos. Enfatizam também, que a ausência de uma boa base em relação aos conteúdos repercute durante a graduação, principalmente, no primeiro semestre do curso, onde há maior dificuldades nas disciplinas de exatas. Assim, muitos alunos se esforçam para preencher as lacunas em relação aos conteúdos e alcançar o nível esperado pela universidade. Apesar das más condições relatadas acima, os bolsistas deste estudo destacam que sempre buscaram estudar nas melhores escolas públicas, revelando a importância da escolarização em suas vidas.

Estudar em uma escola pública não é tão simples quanto parece. Os professores podem a qualquer momento entrar em greve, a falta de estrutura é um agravante que diminui o rendimento do aluno e também a falta de estímulo que poucos demonstram em sala de aula. Atualmente não se formam mais sonhadores, e sim repetidores de conteúdos, ou melhor, “memorizadores”. A pressão sobre um estudante de escola pública é

relativamente menor do que a de um estudante que paga pelo próprio estudo, até porque a própria sociedade já não espera tanto da escola pública, e quando há alguma descoberta ou ideia nova, todos aplaudem. A minha visão sobre a escola pública é que ela pode ser melhor que muitas escolas particulares. O que falta é a atenção tanto por parte dos alunos, quanto por partes dos professores e direção no geral. Também, estímulo, incentivo, plantadores de sonhos. Na universidade muita coisa muda. Assim que ingressei na Universidade de Brasília houve bastante dificuldade da minha parte na questão de conteúdo. Mesmo estudando pro vestibular e adquirindo pontos suficiente para estar ali, ainda sim, não me sentia preparado e tive que passar horas, se não dias, revendo conteúdo. Não há sombra de dúvidas que é uma excelente universidade e possui excelentes docentes. (Graduando em engenharia eletrônica – Diurno, intercâmbio na University of Georgia)

O relato do bolsista de engenharia eletrônica revela que as dificuldades enfrentadas por estudantes de escolas públicas ultrapassam aspectos estruturais da escola e da falta de professores, mas relaciona-se à forte descrença das instituições de ensino médio pública e da sociedade em relação aos seus estudantes que também sonham com a universidade pública. Nessa direção, o jovem reconhece que a pressão para o ingresso ao ensino superior público recai sobre aqueles que pagam pelo próprio estudo. Em outra direção, ele percebe que a escola pública tem potencial para ser melhor, entretanto, carece de um olhar diferenciado da sociedade.

Quando um estudante da escola pública supera as diversas barreiras escolares, familiares, socioeconômicas e consegue ingressar no ensino superior público, o caso é visto como um sucesso escolar improvável, no sentido atribuído por Lahire (1997). Contudo, evidencia-se que as barreiras não são apenas no acesso, mas também na permanência e desempenho na instituição pública, pois como bem relata o estudante de engenharia “não me sentia preparado e tive que passar horas, se não dias, revendo conteúdo”, demonstrando a dimensão do esforço para suprir as lacunas da formação acadêmica recebida durante sua formação.

No entanto, os bolsistas relataram que na escola pública aprenderam a respeitar as diferenças, conviver com diferentes ideias, conhecer uma “perspectiva real da vida”, além de se adaptarem melhor ao ritmo da universidade pública, por serem acostumados com o ensino público e sempre terem que correr atrás dos próprios objetivos.

Estudar na escola pública é um desafio enorme. No entanto, me proporcionou ter uma perspectiva mais real da vida, de como as coisas são difíceis, de como é importante estudar e como as coisas são desiguais. Tive a oportunidade de conhecer projetos e pessoas maravilhosas que fizeram com que eu pudesse acreditar em mim mesmo e conseguir entrar em uma universidade pública - o único da minha turma de EJA. Estar em uma escola pública é conhecer realmente a realidade do país onde vivemos. (Graduando em engenharia florestal – Diurno, intercâmbio na Universidad Politécnica de Madrid)

O relato do estudante de engenharia florestal demonstra que na escola pública também se vive bons momentos e que a participação em projetos escolares se configura como uma

iniciativa importante, que pode marcar a trajetória escolar dos alunos, mudando perspectivas e aproximando da universidade pública. A fala do jovem comprova novamente a descrença da sociedade em relação aos alunos de escola pública, em especial da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como bem expressa “Tive a oportunidade de conhecer projetos e pessoas maravilhosas que fizeram com que eu pudesse acreditar em mim mesmo e conseguir entrar em uma universidade pública - o único da minha turma de EJA”.

Os cursos preparatórios

Os cursos pré-vestibulares são procurados pelos estudantes com o intuito de reforçar ou preencher as lacunas da formação básica e principalmente aumentar as chances para alcançarem a aprovação na universidade pública.

Tabela 2 – Realização de curso preparatório durante o ensino médio

Variáveis	Porcentagem
Sim	68,97%
Não	31,03%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

Para os bolsistas dessa pesquisa, mesmo as melhores escolas públicas não preparam de forma completa e satisfatória para o ingresso na universidade. Assim, atribuem o sucesso da aprovação ao próprio esforço e à dedicação dos familiares que colocam a educação como prioridade. Em relação ao público deste estudo, destaca-se que 68,97% dos bolsistas realizaram cursinho preparatório para ingressar na universidade, revelando assim, um contexto familiar de alta formação acadêmica em que o acesso à educação superior é altamente valorizado. Esse fato esclarece quando se questionou a maneira em que o curso foi pago, destacando-se que (51,72%) foi custeado pelos familiares, 13,79% deu-se por meio de bolsa de estudos e os outros 3,45% foi custeado parte por bolsa de estudos e parte pelos familiares ou ainda pelo próprio trabalho.

Estudei minha vida toda em escola pública. Fiz um cursinho pré-vestibular apenas porque meus pais sempre acreditaram muito em mim e sempre colocaram educação como uma prioridade. Mas foi a muito custo. Na UnB, sempre me senti muito diminuído quando me comparo com meus colegas que estudaram em escolas particulares – que são a esmagadora maioria. Eles eram muito mais inteligentes e preparados que eu. A diferença é que eu era acostumado com o ensino público, e eles não. Agora, no fim do curso, posso dizer que me saí melhor que muitos deles, mas

isso devido a um esforço pessoal grande e à boa educação que tive dos meus pais. (Graduanda em Ciências Biológicas – Diurno, intercâmbio na University of Szeged)

O depoimento acima nos permite refletir que os cursos considerados de maior prestígio social ainda possuem um caráter elitista e que as desigualdades não são apenas de classe, ou de origem escolar, mas de acesso igualitário aos conhecimentos. Um estudante que obteve uma boa base de conteúdos durante a educação básica não terá grandes dificuldades para acompanhar as atividades acadêmicas durante a graduação. Revela também os incentivos e a importância que os pais atribuem a continuidade dos estudos. Mesmo com a qualidade de ensino ofertado pelos Colégios Militares, os cursos preparatórios também são procurados por esses estudantes que buscam aperfeiçoamento para os exames competitivos nos vestibulares, como podemos observar nos relatos a seguir:

Minha experiência na escola pública (colégio militar de Brasília) foi para uma estudante do ensino médio satisfatória. Fiz curso preparatório para vestibular de medicina na UnB por 2 anos e não passei. Resolvi mudar de opção no vestibular porque eu já tinha nota para passar em outros bons cursos e estava me sentindo fracassada ao tentar tantas vezes sem sucesso. Primeira vez que mudei para odonto passei no vestibular. Comecei a fazer e a pesquisar mais sobre a profissão. Acabei me interessando e me identificando. (Graduanda em Odontologia – Diurno, intercâmbio - University of Florida).

O Colégio Militar de Brasília na época tinha um ensino muito bom, e passei para a UnB direto. Fiz apenas cursinho preparatório para o PAS porque a matéria de química do segundo e terceiro ano da escola eram trocadas com as do PAS. (Graduando em engenharia elétrica – diurno, intercâmbio University of Manchester)

Para Zago (2008, p. 15), “o comércio dos cursinhos pré-vestibulares, aliado a uma série de estratégias familiares, contribui para a elitização do ensino”. Os investimentos familiares não ocorrem apenas no âmbito financeiro, mas também em forma de incentivos que se traduzem no prolongamento da escolarização, o que fica evidente quando se trata da motivação para ingressar no ensino superior, destacando que 81,61% tiveram apoio dos pais (pai e mãe) para ingressar na educação superior.

A trajetória escolar dos participantes deste estudo revela que a instituição familiar ainda possui um papel determinante nas escolhas acadêmicas de seus filhos. Evidencia-se que os incentivos são reais, principalmente por meio dos cursos preparatórios, mas também são simbólicos, isto é, o acreditar e o motivar, aproximando a universidade pública da realidade social. No entanto, percebe-se que os esforços estabelecidos pelos pais e pelos bolsistas para o ingresso na universidade pública, muitas vezes, não garantem o sucesso acadêmico, sendo necessário realizar esforços para alcançar o “nível” desejado pela instituição de ensino.

Percepções sobre o intercâmbio

Antes de emergir nas experiências de intercâmbio propriamente dita, considera-se relevante reforçar que os critérios definidos pelo programa para a seleção da geração sem fronteiras, contou principalmente com o desempenho acadêmico dos estudantes. Assim, o gráfico abaixo demonstra a participação bolsistas na UnB.

Tabela 3 – Participação em atividades durante a graduação

Variáveis	Porcentagem
Iniciação Científica	20%
Jovens Talentos para a Ciência	2%
Monitoria	22%
PET – Programa Especial de treinamento	3%
Projetos de extensão universitária	15%
Projetos de pesquisa de professores (sem bolsa de iniciação científica)	15%
Empresa Júnior	6%
Grupo de pesquisa	7%
Outros	9%
Nunca participei de nenhum programa	1%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

Entre as atividades mais significativas aparece a monitoria (22%) e a participação em projetos de iniciação científica. No outro extremo, apenas uma estudante não havia participado de nenhum programa universitário. Dessa forma, pode-se inferir que os participantes deste estudo, usufruíram do ensino, da pesquisa e da extensão, pilares da universidade pública.

Motivações para a participação do Programa CsF

Muitos universitários ainda são privados de uma experiência de mobilidade acadêmica na graduação, sobretudo devido às barreiras financeiras. Como já apresentado no primeiro capítulo, o Programa CsF ultrapassou essa barreira, possibilitando a muitos universitários uma experiência no exterior. Contudo, o que motiva estudantes de graduação, oriundos de escolas públicas a realizarem intercâmbio?

Tabela 4 – Motivações na participação do Programa CsF

Variáveis	Porcentagem
Estudar em uma universidade no exterior	36%
Conhecer outro país	11%
Melhorar o domínio da língua estrangeira	11%
Conquistar melhores oportunidades de trabalho	13%
Aprimorar meu conhecimento quanto ao meu curso	10%
Almejar uma oportunidade de especialização ou pós-graduação	11%
Buscar uma nova experiência e fazer amizades	6%
Outros	1%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

O desejo de estudar em uma universidade no exterior motivou 35,63% dos bolsistas desta pesquisa. É relevante destacar que os estudantes também almejavam com o intercâmbio conquistar melhores oportunidades de trabalho (13%), conhecer outro país (11%), melhorar o domínio da língua estrangeira (11%) e apostaram que o intercâmbio poderia oferecer oportunidade de especialização ou pós-graduação. A partir dos percentuais apresentados, observa-se que o intercâmbio na graduação é visto como uma grande oportunidade capaz de proporcionar novas aprendizagens. Assim, pode representar um diferencial no currículo dos participantes no ingresso no mercado de trabalho e/ou na pós-graduação. Outro fator relevante que perpassa as motivações para a participação no programa é o apoio para a realização do mesmo. Os dados apontam que a maioria dos estudantes receberam apoio de pai e mãe (34,48%); no outro extremo 2,30% tiveram apoio somente do pai. Na questão aberta – sobre a experiência na universidade do intercâmbio –, obtivemos a resposta de 44,83% dos bolsistas dessa pesquisa. Os estudantes destacam a qualidade da infraestrutura e o incentivo e investimento em pesquisas, além de reforçar que esses aspectos motivam mais os alunos a pesquisar e se desenvolverem academicamente. Ainda sobre a infraestrutura (laboratório, biblioteca, acesso à internet, etc) da universidade de intercâmbio, 91,40% os bolsistas avaliam como ótima e apenas 3,23% como péssimo. Por outro lado, reforçam a escassez de infraestrutura e pesquisa da UnB.

Além da bela cidade em que morei me impressionei muito com a universidade no quesito estrutura e profissionalismo. Pude ver como é fazer uma pesquisa sem precisar se preocupar com detalhes que a universidade deveria cobrir e não cobre ou cumpre por falta de dinheiro ou má gestão. Confesso que considerei que as aulas deixaram a desejar, não se se por eu estar acostumada a aulas mais longas, além da questão linguística, mas considero muitas aulas e provas da UNB mais fáceis de serem acompanhadas. (Graduanda em Ciências Biológicas – Noturno, intercâmbio na National University of Ireland Galway).

Além de abordarem aspectos sobre a universidade de intercâmbio, os bolsistas realizaram comparações com a universidade de origem. O que ficou mais evidente foi a o método de ensino da universidade de intercâmbio. Foi destacado que o ensino (conteúdo) da universidade de origem, no caso a UnB, é melhor em relação a algumas universidades de intercâmbio. Em contrapartida, para os bolsistas a carga horária das universidades no exterior é menor comparando a UnB, possibilitando que o aluno tenha mais tempo de estudo em casa, isto é, exige-se mais o perfil de aluno extraclasse. Ainda sobre o método de ensino, foi apresentado que a principal forma de avaliação na UnB acontece por meio de provas e que nas universidades de intercâmbio há várias formas de avaliação como: projetos, trabalhos em grupo, prova entre outros.

A universidade onde estudo nos EUA tem ótimos professores e estrutura. A maior diferença para a UNB são os métodos de ensino. Na universidade nos EUA a maior parte da avaliação dos alunos é feita através de exercícios, projetos e trabalhos individuais e em grupo. Já na UNB, a maior parte da avaliação é feita através de provas. Pela minha experiência nos EUA, notei que, na universidade americana em que estudei, apesar de ter muito mais trabalho para fazer, o aprendizado é muito maior pois aplicamos a teoria através de projetos e trabalhos. (Graduanda em engenharia aeroespacial – Diurno, intercâmbio na Florida Institute of Technology)

O quesito diálogo com a instituição, pesquisadores e professores da universidade de intercâmbio. Os bolsistas avaliaram esses aspectos em uma escala de 1 a 5 (em que 1= Pésimo e 5= Ótimo), por meio da soma das escalas, observamos que 58,62% consideram esses aspectos como ótimo, 25,29% como mediano e apenas 16,09% como péssimo.

Principais dificuldades

O convívio no exterior, em especial, para aqueles que pela primeira vez estiveram longe de suas famílias e do seu país, pode gerar algumas dificuldades. Como observa no gráfico abaixo:

Tabela 5 – Principais dificuldades encontradas durante o intercâmbio

Variáveis	Porcentagem
Não senti nenhuma dificuldade	25,29%
Conseguir estágio	16,09%
Idioma	16,09%
Saudades da família	14,94%

(Continua)

(Conclusão)

Variáveis	Porcentagem
Clima	8,09%
Ficar muito tempo fora do Brasil	4,60%
Conviver com pessoas estranhas	3,45%
Problemas de saúde	3,45%
Saudades dos amigos	3,45%
Ficar sozinho	2,30%
Valor da bolsa	2,30%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

A maior parte (25,29%) dos estudantes afirma que não sentiram nenhuma dificuldade de comunicação, financeira ou de convívio durante o intercâmbio. Houve, porém, um número considerável de estudantes que mencionou sentir dificuldade para conseguir estágio (16,09%), com o idioma (16,09%), sentir saudades da família (14,94%). O restante 27,6% tiveram dificuldade com o clima, ficar sozinho, conviver com pessoas diferentes, ficar muito tempo fora do Brasil, saudade dos amigos, problemas de saúde e com o valor da bolsa.

Para além das atividades acadêmicas o intercâmbio proporcionou também vivências interculturais, oportunidades de viajar, conhecer novas culturas, fazer novas amizades. Trazendo contribuições para a formação acadêmica e pessoal como mostra nossa pesquisa. Nesse sentido, buscou-se conhecer qual foi a principal contribuição da experiência de intercâmbio.

Tabela 6 – Principais contribuições do intercâmbio

Variáveis	Porcentagem
Aprendizado para a vida profissional	20,69%
Aprendizado para a vida pessoal	54,02%
Fluência no idioma do país	17,24%
Conhecer outros países e viajar	1,15%
Morar fora de casa/Adquirir mais autonomia	4,60%
Fazer novas amizades	2,30%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

Observe-se que 54,02% dos bolsistas apresentam que a maior contribuição do intercâmbio foi aprendizado para a vida pessoal, 20,69% atribuem para a vida profissional, 17,24% acreditam que o intercâmbio proporcionou fluência no idioma do país, 4,60% adquiriram mais autonomia e apenas 1,15% conhecer outro país, 2,30% fazer novas amizades.

Projetos de Futuro

As diversas experiências de socialização proporcionadas pelo intercâmbio, pode influenciar e ampliar os projetos de futuro de jovens universitários oriundos do ensino médio público.

Tabela 7 – Projetos de Futuro

Variáveis	Porcentagem
Fazer outro curso de graduação	2%
Fazer uma pós-graduação no Brasil	21%
Fazer uma pós-graduação no exterior	30%
Montar meu próprio negócio ou sociedade	2%
Morar por um tempo fora do Brasil	2%
Trabalhar no setor privado	16%
Trabalhar no setor público	14%
Não sei	12%
Outros	1%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2015).

O gráfico acima, demonstra duas perspectivas interessantes no que se diz respeito aos projetos de futuro dos participantes deste estudo. Evidencia-se que o maior percentual dos bolsistas (51%) almeja ingressar na pós-graduação no exterior (30%) e (21%) no Brasil. Assim, pode-se inferir que a experiência internacional é vista de maneira positiva e que o intercâmbio possui força no prolongamento dos estudos. Por outro lado, (30%) desejam ingressar no mercado de trabalho, privado (16%) e público (14%). Em outra direção, observa-se que (12%) não sabem ou não estão seguros do que desejam para o seu futuro.

CAPÍTULO 3 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo destina-se à apresentação dos grupos de discussão (GDs), realizados na segunda etapa da pesquisa de iniciação científica, durante o ano de 2017. Nessa fase, buscou-se compreender as orientações coletivas de jovens universitários oriundos do ensino médio público, que fizeram intercâmbio pelo programa Ciência sem Fronteiras (CsF), no intuito de avançarmos no entendimento sobre as contribuições da experiência no exterior para a formação acadêmico-profissional e pessoal.

De abordagem qualitativa, este estudo realizou Grupos de Discussão e Entrevistas Narrativas como técnicas de coleta de dados. Para análise dos dados, utilizou-se as duas primeiras fases de interpretação do Método Documentário, a saber: interpretação formulada e interpretação refletida (BOHNSACK; WELLER, 2013). Nessa perspectiva, trataremos as seguintes temáticas: Trajetória escolar; experiências de intercâmbio e projetos de futuro.

3.1 GRUPOS DE DISCUSSÃO E O MÉTODO DOCUMENTÁRIO

Conforme Weller (2006; 2013), a origem dos grupos de discussão na Alemanha remonta aos anos 50 do século passado, utilizado pela primeira vez por integrantes da Escola de Frankfurt na pesquisa social empírica. No ano de 1960, Werner Mangold apresenta uma nova perspectiva de análise para os grupos de discussão fundamentada na exploração das experiências comuns de determinado grupo, a partir de um estudo doutoral acerca das análises de pesquisas grupais desenvolvidas pela Escola de Frankfurt. Contudo, foi no final da década de 1970 que essa metodologia ganhou um aporte teórico metodológico, apoiado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia. A utilização dos grupos de discussão como método de pesquisa ocorreu principalmente no corpo dos estudos sobre juventude desde a década de 1980 na Alemanha (WELLER, 2006, 2013). Atualmente sendo utilizado em pesquisas com diferentes grupos sociais (WELLER, 2018).

O objetivo dos grupos de discussão é possibilitar um espaço em que os participantes constroem narrativas de determinadas experiências, relativas ao contexto ou ao meio social vivenciado. Além disso, busca-se conhecer as orientações coletivas e as visões de mundo

representadas pelos sujeitos a partir do meio social em que vivem (BOHNSACK, 2004; WELLER, 2006, 2013).

[...] os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo. (WELLER, 2006, p. 247).

Bohnsack (1999, apud WELLER, 2006) apresenta os seguintes critérios para a condução dos grupos de discussão: o pesquisador deve proporcionar um ambiente em que prevaleça o contato recíproco e a confiança mútua entre os participantes; as perguntas devem ser dirigidas ao grupo como um todo; a pergunta inicial deve ser a mesma para todos os grupos para que se possa realizar uma análise comparativa; o grupo de discussão deve começar com uma pergunta que estimule a participação e a interação; a organização e ordenação das falas deve ser realizada pelos entrevistados, não pelo pesquisador; as perguntas devem possibilitar narrativas, priorizando o “como” em vez do “por que”, e a discussão deve ficar a encargo do grupo.

Weller (2006) apresenta algumas vantagens na realização de grupos de discussão na pesquisa com jovens, como: a linguagem utilizada pelos participantes aproxima-se da linguagem do cotidiano quando os mesmos estão entre seus pares; a interação estabelecida pelo grupo pode levar à discussão de temáticas não pensadas anteriormente; fatos distorcidos podem ser corrigidos pelos participantes; a interação entre os sujeitos possibilita que o pesquisador adquira um conhecimento detalhado do convívio social compartilhado, e o pesquisador assume um papel de ouvinte, pois o grupo é responsável pela condução do GD.

3.1.1 Método Documentário na análise de Grupos de Discussão

Conforme Bohnsack e Weller (2013), o método documentário remonta aos escritos de Karl Mannheim no ano de 1921/1922, especialmente no artigo “Contribuições para a teoria da interpretação das visões de mundo”. Mannheim entende as visões de mundo como

uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos, (MANNHEIM, 1980, p.101 apud BOHNSACK; WELLER, 2013, p. 68).

Ainda de acordo com Mannheim, existem três níveis de sentido na interpretação de um produto cultural, apresentado como: nível objetivo, nível expressivo e nível documentário, definidos da seguinte forma:

um nível objetivo ou imanente, dado naturalmente (por exemplo, num gesto, num símbolo ou ainda na forma de uma obra de arte); um nível expressivo, que é transmitido por meio das palavras ou das ações (por exemplo, como expressão de ou como reação a algo); e um nível documentário, ou seja, como documento de uma ação prática. (MANNHEIM, 1964, p. 103-129, apud BOHNSACK; WELLER, 2013, p. 69).

Para Bohnsack e Weller (2013), o nível documentário possibilita ao pesquisador a descoberta dos espaços sociais de experiências comuns, a reconstrução do *habitus* e das visões de mundo do grupo pesquisado.

Nesta perspectiva de interpretação, Mannheim também apresenta o conceito de conhecimento atóxico, definido por Michael Polanyi (1985) como o conhecimento implícito. Acessar esse conhecimento, explicar e teorizar é papel do pesquisador, conforme Bohnsack e Weller (2013, p. 73).

O método documentário na pesquisa social empírica foi atualizado por Ralf Bohnsack a partir dos anos 1980, para a análise interpretativa de grupos de discussão e de entrevistas narrativas. Bohnsack dividiu a análise interpretativa em quatro fases, a saber: Interpretação formulada; Interpretação refletida; Análise comparativa e a construção de tipos e análise multidimensional.

Para a análise dos grupos de discussão realizados nesta pesquisa, optou-se em utilizar somente as duas primeiras fases de interpretação do método documentário. A primeira fase é denominada de interpretação formulada, destinada à reconstrução da linguagem coloquial, isto é, daquilo que foi dito pelos participantes do GD para uma linguagem que seja compreendida por aqueles que não fazem parte do meio social pesquisado. Na segunda etapa, intitulada de interpretação refletida, busca-se analisar, para além do dito, o como foi dito e as interações assumidas pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, é o momento destinado à análise e reconstrução da orientação coletiva (BOHNSACK; WELLER, 2013, p. 81).

3.2 SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA DE CAMPO

Para a realização deste estudo, foi criado um roteiro para os grupos de discussão, que contou com o apoio do grupo de pesquisa Gerações e Juventudes (GERAJU), coordenado pela professora Wivian Weller. Um formulário com o objetivo de coletar informações adicionais relacionadas aos entrevistados para contribuir na construção dos perfis de cada participante também foi elaborado, assim como um termo de consentimento livre e esclarecido sobre a participação na pesquisa.

O roteiro de perguntas e de temas para a discussão dos grupos foi dividido em oito blocos. O bloco I buscou conhecer a trajetória escolar dos participantes, as motivações para a escolha da Universidade de Brasília, o ingresso na instituição e os momentos marcantes durante a graduação. O bloco II procurou conhecer as experiências prévias dos estudantes no exterior. O bloco III tratou das experiências de intercâmbio propiciadas pelo programa Ciência sem Fronteiras, aprofundando-se nos seguintes aspectos: o que foi mais importante durante o intercâmbio, relação com os estudantes e com os professores da universidade no exterior, relacionamento interpessoal, diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB. No bloco IV, buscou conhecer como foi o aprendizado do idioma oficial do país. O bloco V foi destinado à discussão do cotidiano no exterior, isto é, rotina durante o período das aulas e das férias. No bloco VI, tratamos do regresso ao Brasil e da vida após o intercâmbio, destacando as questões relacionadas ao processo de adaptação ao país e à UnB e às oportunidades de projetos e de trabalhos surgidos após a experiência no exterior. O bloco VII trouxe para os grupos a temática de projetos de futuro. Por fim, o último bloco foi destinado a discutir questões não abordadas anteriormente.

Cada bloco temático foi composto de uma pergunta ampla, que estimulava uma narração, e perguntas subjacentes, que foram introduzidas quando se esgotava a discussão, com o intuito de aprofundar questões não contempladas na pergunta geral, como mostra o exemplo abaixo.

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre como foi a volta para o Brasil e para a Universidade de Brasília? – Pergunta ampla
<ul style="list-style-type: none"> • Na opinião de vocês, qual foi a maior contribuição do intercâmbio?
<ul style="list-style-type: none"> • Vocês pretendem continuar estudando o idioma do país de intercâmbio?
<ul style="list-style-type: none"> • Após o intercâmbio, surgiram novas oportunidade de trabalho ou de projetos de pesquisa?

O mesmo roteiro de perguntas e temáticas foi utilizado para todos os grupos de discussão, sendo que a passagem inicial para cada GD foi a mesma, relativa ao bloco I – ingresso na Universidade de Brasília.

O questionário de identificação do(a) estudante foi destinado para coleta de dados para a construção do perfil de cada participante em que foi solicitado: nome fictício, idade, gênero, cor/etnia, religião, estado civil, quantidade de irmãos, escolaridade e profissão da mãe e do pai, escolarização básica dos sujeitos desta pesquisa (tipo de escola: pública, particular, urbana, rural), ano e forma de ingresso na UnB e, por último, informações relacionadas à universidade de intercâmbio.

A aproximação com os sujeitos pesquisados foi realizada a partir da primeira etapa da pesquisa, intitulada *Ciência sem Fronteiras: experiências de estudantes oriundos de escolas públicas*, desenvolvida com 87 estudantes da Universidade de Brasília. Os estudantes que responderam à primeira etapa deste estudo, e demonstraram interesse em contribuir para a segunda etapa, disponibilizaram o e-mail e/ou telefone no primeiro questionário aplicado. Os critérios escolhidos para a constituição de cada grupo de discussão levaram em consideração as experiências comuns dos estudantes, a saber: origem escolar durante o ensino médio (escolas públicas e Colégio Militar de Brasília), participação no programa *Ciência sem Fronteiras* e o gênero dos estudantes.

Em seguida, foi enviado um *e-mail* aos estudantes explicando os objetivos da pesquisa e convidando-os a fazer parte dos GDs. Nessa etapa, foi necessária uma atitude de persistência por parte da pesquisadora, pois muitos estudantes não responderam aos *e-mails*, sendo imprescindível reenviar dois ou três convites ou até mesmo entrar em contato via WhatsApp e/ou telefone residencial. Outras dificuldades encontradas estão relacionadas aos critérios definidos para a escolha dos GDs, o que tornou mais difícil a realização de grupos de discussão com mais de dois intercambistas e a organização dos grupos no que se refere à definição de data, horário e local.

Foram realizados 4 GDs e uma entrevista narrativa com um estudante oriundo do ensino médio público na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o ano de 2017, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Descrição dos Grupos de Discussão

Grupos de discussão	Participantes	Data do GD	Local de realização do GD	Tempo de duração
Escola pública – meninas	Lf (25 anos) Sf (26 anos)	07/04/2017	Faculdade de Educação – UnB	1h e 26min
Escola pública – meninos	Tm (23 anos) Gm (23 anos)	27/04/2017	Faculdade de Educação – UnB	1h e 21min
Escola pública – meninos	Jm (23 anos) Lm (24 anos) Pm (24 anos)	12/08/2017	Gama	1h e 29min
Colégio Militar – meninos	Jm (22 anos) Lm (23 anos)	17/05/2017	Faculdade de Educação – UnB	2h e 02min
Entrevista Narrativa – menino EJA	Jm (26 anos)	27/09/2017	Faculdade de Educação – UnB	42min 01seg

Fonte: Elaborado pela autora.

Os GDs e a entrevista narrativa foram realizados nas regiões administrativas (RAs) de Brasília, na Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília, e do Gama, na casa de um dos sujeitos de pesquisa.

As discussões de cada grupo foram gravadas por meio de um programa gratuito denominado *Audacity*, por um gravador e pelo aplicativo de gravação do celular da pesquisadora. Posteriormente, os áudios foram transcritos de forma completa. É importante salientar que a condução dos grupos contou com a orientação de uma doutoranda e uma mestranda pertencentes ao GERAJU, pois as mesmas já haviam trabalhado com a metodologia de pesquisa⁵.

Para esse trabalho de conclusão de curso, optou-se por analisar apenas três grupos de discussão: um GD de meninas oriundas de escolas públicas, que recebeu o nome de *É cultural*; um GD de meninos oriundos de escolas públicas, chamado de *Sair da caixinha*; e um GD de meninos oriundos do Colégio Militar de Brasília, intitulado de *Portas*. O nome de cada grupo de discussão representa a metáfora de foco, terminologia cunhada por Bohnsack (1989), que corresponde aos pontos em comum vivenciados pelos participantes e que tiveram uma densidade interativa durante o GD.

Este se ajusta lentamente àqueles espaços de experiências dominantes – àqueles temas que estão no centro das experiências comuns –, quando o pesquisador consegue iniciar um discurso que vai ganhando gradualmente autonomia, ou seja, quando o grupo desenvolve uma dinâmica própria e independente da intervenção do pesquisador. (BOHNSACK; WELLER, 2013, p. 76).

⁵ As pesquisadoras Denise Damasco e Cilene Vilarins auxiliaram na realização dos grupos de discussão.

Nesse sentido, os sujeitos desta pesquisa são estudantes ou ex-estudantes da UnB que participaram do programa CsF na modalidade Graduação Sanduíche entre os anos de 2013 a 2016. Contou com um total de 6 estudantes, divididos em 3 grupos de discussão. Os participantes possuem entre 22 e 26 anos, são oriundos dos cursos de: Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Ciências Naturais e Odontologia e realizaram intercâmbio para os seguintes países: Estados Unidos, Alemanha e Itália, onde permaneceram entre 12 e 20 meses.

3.3 ANÁLISE DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO

A seção a seguir, destina-se à apresentação dos grupos de discussão realizados no ano de 2016, como parte integrante da pesquisa de iniciação científica coordenada pela Prof.^a Dra. Wivian Weller. Em cada um dos três grupos, serão apresentados o diário de campo, o perfil dos participantes e as passagens relativas à trajetória escolar, as percepções de intercâmbio e aos projetos de vida de cada grupo. Além disso, visa aproximar o leitor do universo vivido por jovens oriundos do ensino médio público, que participaram do Programa CsF e os significados atribuídos à experiência no exterior.

3.3.1 Grupo *É Cultural*

O grupo de discussão *É cultural* foi realizado no dia 04 de abril de 2017, na Faculdade de Educação (FE/UnB), às 19h, na sala da Professora Doutora Wivian Weller. Composto por duas estudantes oriundas de escolas públicas, Sofia (Sf), 26 anos, e Laura (Lf), 25 anos, o GD teve uma duração de 1h e 26 min.

3.3.1.1 Diário de campo do GD *É Cultural*

A primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa foi realizada via *e-mail* e, em seguida, foi estabelecido contato via WhatsApp, com o intuito de definir data, horário e local de realização do grupo. As estudantes desde o princípio se apresentaram dispostas a contribuir com a pesquisa e facilitaram sua organização.

Na data destinada para a realização do GD, cheguei mais cedo na Faculdade de Educação para organizar o ambiente e preparar o grupo. Iniciamos o GD com o preenchimento do formulário de identificação e com a assinatura do termo de garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo. Posteriormente, foi feita uma apresentação das pesquisadoras e do projeto de pesquisa. É importante salientar que a condução do grupo contou com a orientação da Professora Doutora Denise Damasco, que já havia trabalhado com a método de pesquisa utilizada neste estudo.

O GD recebeu o nome *É cultural*, pois, em muitos momentos de interação as participantes percebiam à cultura do país de intercâmbio a partir da concepção que possuem em relação à cultura brasileira.

O turno das falas foi organizado pelos sujeitos da pesquisa. No começo do GD, houve pouca interação entre as participantes, que demonstraram uma postura tímida inicialmente. Na passagem inicial sobre “Ingresso na Universidade de Brasília”, houve pouca interação entre as participantes. Contudo, a interação melhorou quando foi introduzida a pergunta “O que foi mais importante durante a graduação?”, em que ambas relataram a experiência de intercâmbio como um acontecimento marcante. No decorrer do GD, as intercambistas assumiram a condução do grupo como se fossem as pesquisadoras, em especial a estudante Sofia (Sf), que, em muitos momentos, dirigiu perguntas para a Laura (Lf). Durante o grupo de discussão, as jovens demonstram interesse e atenção pela fala da companheira, houve momentos de falas simultâneas e de concordância/ratificação das ideias.

Um aspecto relevante na condução do GD foi a introdução das temáticas, que foram feitas uma após a outra, sem um intervalo de tempo relativo a alguns segundos, que é recomendada na condução de grupos de discussão. Assim, a falta de prática da pesquisadora na condução do GD pode ter limitado a narrativa das estudantes participantes. Outro aspecto importante a ser comentado é em relação à improvisação de perguntas no primeiro bloco (Ingresso na Universidade de Brasília), movida pela curiosidade da pesquisadora após realizar a pergunta ampla: “Vocês poderiam falar um pouco sobre o que levou vocês a escolherem o

curso e a universidade?”. Foram realizadas, em seguida, perguntas subjacentes que não estavam no roteiro de pesquisa, tais como: “Vocês tiveram incentivo para entrar na universidade?” e “Vocês fizeram cursinho preparatório para ingressar aqui na UnB?”. As perguntas acima não geraram uma narrativa e poderia ter sido utilizada a seguinte pergunta: “Vocês poderiam falar um pouco de como foi o processo de ingresso à Universidade de Brasília?”.

Outro aspecto relevante nesse grupo de discussão foi que a interação do grupo encorajou uma participante a falar mais abertamente sobre uma temática que talvez não seria comentada em outra metodologia de pesquisa, como a entrevista narrativa. Vejamos um exemplo: a pesquisadora perguntou: **Y1**: “Pra vocês quais são as principais diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB?” **Lf**: “Eu acho a UnB melhor” e **Sf** respondeu “eu achei a mesma coisa, tive essa percepção, ainda bem que você falou” e prosseguiu seu pensamento sobre a universidade de origem e a de intercâmbio. É importante destacar que o pesquisador deve estar atento ao introduzir perguntas que induzem a uma resposta, pois a pergunta acima, que estava presente no roteiro da pesquisa, já partia do princípio que havia diferença entre a universidade de intercâmbio e a universidade de origem.

Durante o GD houve dois momentos em que a discussão foi interrompida. A primeira por questões técnicas referentes ao gravador e a segunda por uma chamada telefônica de uma das participantes, o que tirou o foco da discussão, sendo necessário repetir a pergunta.

No último bloco destinado para discutir questões não tratadas anteriormente no GD, a pesquisadora Denise entrou em ação e perguntou qual era a opinião das jovens sobre o término do programa Ciência Sem Fronteiras (CsF) para a modalidade graduação sanduíche. A questão não estava prevista no roteiro de discussão, contudo trouxe reflexões importantes por parte das participantes, que podem auxiliar outros programas direcionados ao intercâmbio universitário. Assim, a pergunta foi adicionada nos outros GDs, *Sair da caixinha e Portas*.

Ao final do GD, as participantes demonstraram sentimento de saudade após o relato da experiência de intercâmbio, o que mostra que a abordagem metodológica dos grupos de discussão também é prazerosa para os sujeitos de pesquisa.

3.3.1.2 Perfil das estudantes do GD *É cultural*

Laura (Lf), natural de Brasília, tem 25 anos, parda, solteira, tem um irmão e não informou sua religião. Seus pais possuem ensino superior completo, sua mãe é professora e seu pai é policial militar. Sua escolarização básica sucedeu toda em escola pública. Na educação infantil, estudou na Escola Classe 314; no ensino fundamental, no Centro de Ensino Fundamental Polivalente, na quadra 913; e a última etapa da educação básica foi realizada no Centro de Ensino Médio Setor Oeste, todas escolas localizadas na Asa Sul em Brasília. Durante o ensino médio, não realizou cursinho preparatório para ingressar na Universidade de Brasília. Ingressou na UnB por meio do vestibular tradicional para o curso de ciências naturais, no ano de 2010, no Campus de Planaltina. Antes de realizar o intercâmbio, já havia feito uma viagem como mochileira pela América do Sul, como presente de ingresso à universidade pública. Laura realizou intercâmbio para a Universidade de Hochschule Neubrandenburg, na Alemanha. Permaneceu por 20 meses no país e teve a oportunidade de estudar e fazer estágio.

Sofia (Sf), natural de Pirassununga, São Paulo, tem 26 anos, parda, solteira, tem dois irmãos e se declarou cristã. Seus pais nasceram na cidade do Rio de Janeiro e possuem ensino superior completo, sua mãe é enfermeira e o seu pai é policial militar. Durante a educação infantil, Sofia estudou em escola particular denominada “Mundo dos Sonhos” e, no ensino fundamental e médio, no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Também realizou um curso técnico no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou na Universidade de Brasília por meio de transferência no ano de 2011 para o curso de engenharia civil. Antes do CsF nunca havia saído do Brasil e realizou intercâmbio na Università Degli Studi di Firenz, na Itália, onde permaneceu por 1 ano.

3.3.1.3 Trajetória Escolar e Acadêmica

*“Você tá em um mundo totalmente novo, onde você tem mais liberdade de escolher mais ou menos ali as coisas que você quer, mas você também tem responsabilidades sobre suas escolhas e tudo mais.”***Sofia**

Neste estudo, a mobilidade acadêmica é compreendida dentro de um processo, no qual a trajetória escolar dos bolsistas é concedida como fator importante no entendimento dos significados atribuídos à experiência de intercâmbio na graduação. Nesse sentido, o primeiro bloco do grupo de discussão buscou conhecer um pouco da trajetória escolar dos sujeitos desta pesquisa e as motivações que os levaram à escolha da Universidade de Brasília (UnB) (Linhas 1 – 29)⁶:

Y1: Eh (.) vocês poderiam falar um pouco sobre o que levou vocês a escolherem a Universidade de Brasília?

Lf: (4) A priori?

Y1: Sim @(.)@

Lf: Porque é uma instituição que tem renome em Brasília e é porque @é de graça também@

Sf: É a única pública né?

Lf: É

Sf: Em Brasília né?

Lf: Exato;

Sf: É, eu já sou um caso à parte, porque eu vim transferida (2) Então eu estudava no Rio de Janeiro (.) e vim parar @aqui@ porque meu pai veio transferido (.) por motivo de trabalho. Então (3) eu vim estudar aqui por isso;

Y1: -Cês tiveram incentivo pra entrar na universidade?

Lf: Aham

Sf: Sim, dos meus pais;

Lf: Meus pais, minha mãe é professora, meu pai é policial e aí os dois são bem rigorosos com relação a estudo, meu irmão também formou aqui (1) e aí sei lá; foi uma coisa incutida desde sempre

Y1: Vocês fizeram é (.) cursinho preparatório pra ingressar aqui, na Universidade de Brasília ou na Universidade que você ingressou inicialmente

Sf: É, inicialmente não, eu não fiz cursinho e aí depois eu consegui meio, não foi bem um cursinho, fiz como se fosse um intensivão, mas já -tava bem encima da prova mermo. A prova que eu passei nem (1) eu fiz a prova um mês depois que eu entrei no cursinho. Então (1) -cabou que quando saiu o resultado em dezembro eu já tinha passado nessa primeira prova

Lf: É (.) eu não fiz cursinho (.) eu ingressei logo assim que terminei o terceiro ano né; do ensino médio (.) e aí não precisei fazer cursinho ; Eu estudava numa escola (2) quase que integral, porque eu tinha a tarde monitoria, essas coisas né

Sf: ^LUhmm°

Lf: Iaê eu não fiz cursinho durante o ensino médio

As jovens outorgam um valor positivo à UnB, que ultrapassa o caráter público da instituição, entretanto revela o que ela representa para a comunidade brasiliense, seja pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão ou pelas oportunidades que se abrem para aqueles que ingressam na única universidade pública da cidade.

A narrativa de Laura releva que a principal motivação para a escolha da UnB está diretamente relacionada a um valor simbólico, construído socialmente em torno do que representa o ensino superior público, como bem expressa a jovem: “porque é uma instituição

⁶ Os códigos utilizados para a transcrição dos dados encontram-se no Anexo D.

que tem renome em Brasília”, aferindo um certo prestígio. Apenas em um segundo momento, a estudante traz o caráter público da instituição, contudo é evidente que esse fator não foi determinante em sua escolha, pois, quando questionou-se sobre o incentivo recebido para o ingresso no ensino superior, pôde-se inferir que os seus pais tiveram um papel determinante em sua trajetória escolar e que a sua entrada na UnB se deu de maneira natural ou até mesmo como um legado do seu meio social, ao afirmar: “meu irmão também formou aqui e aí sei lá foi uma coisa inculcada desde sempre”.

Sofia ratifica o caráter público da universidade e reforça que é a única pública em Brasília, contudo revela que o seu ingresso na instituição foi uma necessidade e não uma escolha, devido à mudança do trabalho de seu pai, que é policial militar.

As participantes do grupo de discussão não realizaram cursinho preparatório para ingressar na universidade. Laura justifica isso pela entrada rápida à UnB e pelas atividades presentes na escola no turno contrário à aula. Já Sofia demonstra um certo interesse pelos cursos que preparam para o ingresso na universidade, embora não atribua o mérito de sua entrada ao curso.

A pergunta ampla sobre a escolha da instituição não gerou uma narrativa extensa. Assim, com o intuito de conhecer melhor as experiências escolares, a pesquisadora questionou sobre o ensino médio (Linhas 35 – 52):

Y1: E como que foi essa experiência de vocês durante o ensino médio (.) antes de ingressar na universidade? (1) Que-cês acharam do colégio (1) como que era a formação (.) a formação dos professores, o convívio de vocês com os professores, com outros alunos

Lf: Ah. (.) eu acho que é (2) muito (.) não tinha (4) como posso te explicar (.), @cada ano era um ano novo sabe?@ oras, professores bons, oras professores ruins (.) Secretária de Educação não tem um (1) não tem uma (1) continuidade assim talvez de formação de professores assim (.) pra facilitar né, o ensino e aprendi- aprendi-za-gem dos estudantes. Então (2) oras foi bacana, oras não (.) enfim (1) os pais iam (.) @moldando isso@ um pouquinho né, ajudando (.) reforço ou sei lá dever de casa mais, mas nada tão (1) °assim°

Sf: É (.) o (.) o convívio com os professores era mais em sala de aula mesmo assim (.) na (1) eu estava em escola pública né (.) então (.) dava pra **perceber** assim alguns professores eram mais empenhados e outros não (1) Não digo nem só a qualidade acadêmica, mas a qualidade humana, eu diria isso (1) Alguns professores se preocupavam de (1) você via eles se preocupando no sentido assim (1) quantos por cento aqui dessa sala vão conseguir chegar na universidade (.) e outros você via que não se importavam tanto com isso, só ia ali fazer o trabalho e pronto (2) pelo menos essa é a percepção que eu tenho. **Então**, esses professores que (.) se demonstravam diferentes com certeza me incentivaram muito (1) em=em mostrar que eles acreditavam que era possível entrar na Universidade pública

As jovens conferem um sentido instável no que se refere à qualidade acadêmica e humana dos professores do ensino médio público. Algumas questões e problemas reais são apresentadas por elas, tais como: formação continuada de professores, relação entre alunos e

docentes limitada à sala de aula e a ausência de incentivos destinado ao prosseguimento dos estudos. Sofia associa a qualidade humana à atitude de docentes que buscam aproximar a universidade pública da realidade social dos estudantes. Já a narrativa de Laura revela que na família, para além de um incentivo pessoal para o ingresso no ensino superior, há uma movimentação em torno do suprir as lacunas da formação acadêmica recebida pela escola pública, ao revelar que seus pais moldavam e reforçavam sua formação.

Ainda nessa cena, buscou-se conhecer as experiências acadêmicas na Universidade de Brasília e se houve, por parte da universidade, motivação para a realização do intercâmbio (Linhas 57 – 108):

Y1: E quando vocês ingressaram aqui na universidade (.) é (.) vocês (.) como que foi a entrada, como que foi o início, vocês gostaram do curso inicialmente? Vocês tiveram dificuldades durante o início ou não tiveram?

Sf: (3) (Pode começar)

Lf: Eu:, ah eu gostei, o único problema assim né; não chega ser um problema né (.) mas umas das dificuldades era a distância, porque eu estudava no campus de Planaltina (1) e aí (.) a distância né é uma coisa que vai te cansando (.) de acordo com o tempo, ma::s eu consegui uma bolsa de iniciação científica logo cedo assim na Embrapa

Sf: L^oLegal^o

Lf: E aí eu conseguia transporte de graça da minha casa até a Embrapa e da Embrapa até o campus de Planaltina, então isso me facilitou muito, formar né, continuar o curso, porque talvez (1) se não fosse essa oportunidade **de estágio** (.) talvez eu teria desistido ou sei lá, feito o vestibular pra (.) cá, pro campus mais perto de casa

Sf: É (1) quando (1) eu entrei (1) na universidade assim pra mim foi bastante diferente, porque é um mundo novo né? Quando você sai do ensino médio (.) eu pelo menos sinto isso assim

Lf: L^é

Sf: Você tá em um mundo totalmente novo, onde você tem mais liberdade de escolher mais ou menos ali as coisas que você quer, mas você também tem responsabilidades sobre suas escolhas e tudo mais (1) é eu -tava, o primeiro semestre assim, foi muito bom, -tava muito feliz, mas eu senti mais impacto quando vim pra Brasília (1) porque::aqui você percebe muito a (1) desigualdade (.) eu acho que é mais forte do que no Rio. Então, eu senti mais essa dificuldade quando cheguei aqui, no Rio não tinha tanto. Então (1) pelo menos no meu curso aqui né, não sei, você ver que a maioria veio de escola pública: r (.) então assim, lá no Rio ainda eh, eu acho que é mais igual isso assim (.) na universidade pública, aqui não, é bem nítido que não é. Você é minoria! (1) então você ver que, você senti um pouco de dificuldade de=de meio que assim, ter o mesmo (.) desempenho dentro da universidade. Eu pelo menos eu senti um pouco (4) não sei se também por causa do meu curso (.) não sei também

Y1: E como que era a relação de vocês (.) dentro da universidade com os professores do curso? Os professores incentivaram vocês a realizar o intercâmbio? (2) A fazer iniciação científica? Monitoria?(.) Eles acompanhavam?

Lf: Então, na universidade além da=da iniciação científica eu participava do Pet, que é o programa de educação tutorial né. iaê o coordenador orientador né, do Pet (.) ciência ele era assim (.) @um pai@, ele dava @conselho, falava sobre vida pessoal@ e aí ele me incentivou muito. Ele sempre falava, ele era muito amigo da minha orientadora da Embrapa e aí eles viviam trocando figurinhas ‘ah incentiva, incentiva’^oe aí aconteceu^o

Sf: (2) É eu, é na coordenação lá, porque assim coordenação é uma coisa que muda muito, né?

Lf: É

Sf: Então também não dar pra ter uma resposta assim, completamente (3) como é que fala? (2) certa assim, porque **varia** conforme o coordenador e tudo mais

Lf: ^{Lóo}

Sf: mas assim, normalmente no curso de engenharia que eu sei, você sempre tem (.) os calouros sempre têm (2) eh uma iniciação ao curso, no sentido assim de apresentar as oportunidades que tem dentro da graduação:, eh que você pode participar dos projetos de iniciação científica, que você pode participar do Pet, tem a Empresa Júnior, então assim, eu sei que realmente isso é apresentado eh (.) pra quem -tá iniciando o curso. Eh outra coisa também (2) quando começou também a divulgação do Ciência sem Fronteiras eu me lembro que tinha (1) como se fosse palestras assim, as vezes até de alguém que já tinha ido e -tava voltando (.) então era uma coisa assim (.) **mais geral** nada muito (.) nenhum incentivo específico pra mim, mas o incentivo geral dentro da graduação. Então essa percepção eu tinha (.) agora um incentivo específico não (.) particular diretamente pra mim não, mas de maneira geral tinha sim.

A narrativa das jovens revela algumas dificuldades presentes no meio universitário, que podem influenciar a permanência e o desempenho acadêmico na instituição de ensino. Como bem apresentado por Laura, a distância do campus de Planaltina em relação a sua casa é um fator que poderia ter ocasionado a desistência do curso, ao afirmar que a oportunidade oferecida pelo estágio possibilitou formar. Em uma outra perspectiva, a universidade pública é apresentada por Sofia como um mundo novo, isto é, um espaço em que se vive outras experiências, como a liberdade de escolha e as responsabilidades. Em um segundo momento, a fala da jovem nos leva a auferir que as desigualdades relativas à origem escolar são reforçadas na universidade, ao demonstrar que alunos oriundos de escolas públicas são minorias no curso de engenharia civil e que carecem de mais esforços para alcançar o mesmo desempenho acadêmico de estudantes provenientes de escolas particulares.

Posteriormente, quando se pergunta sobre a relação com os professores da universidade e os incentivos para a participação nas atividades acadêmicas, podemos pensar que o contato mais próximo com professores se converte em um incentivo mais direcionado e que também possui força para ser um diferencial na trajetória escolar dos alunos. Laura fala de maneira carinhosa de seu orientador do Programa de Educação Tutorial em Ciência (Pet), demonstrando que ele, juntamente com a orientadora do estágio, teve um papel determinante na realização de seu intercâmbio. Por outro lado, Sofia apresenta que a coordenação é um fator que muda de departamento para departamento, para explicar que não recebeu nenhum incentivo específico por parte de professores para realizar intercâmbio ou participar de outras atividades, embora deixe claro que, na engenharia civil, são apresentadas para os alunos as oportunidades presentes na academia.

Para concluir o primeiro bloco, a pesquisadora propôs às participantes que falassem um pouco sobre a experiência mais marcante durante a graduação (Linhas 109 – 127):

Y1: O que mais marcou (.) eh durante a graduação? O que ficou marcado? O que foi mais importante durante a graduação de vocês?

Sf: (3) Eu acho que o intercâmbio marca muito

Lf: Lé

Sf: não tem como (.) @assim não sei@

Lf: É, pra mim foi também o intercâmbio (.) até porque

Sf: Pelo menos você vai com uma cabeça e volta com outra

Lf: É, totalmente. Eu fui a primeira lá do campus a ir (2) eu fui a primeira aluna (1) aí eu acho que (2) acho que até os outros alunos despertaram isso de querer se inscrever, e participar (1) porque até então, a galera não era muito assim, acho que o curso novo tem essa dificuldade

Sf: Lé

Lf: de engajar mesmo né (1) nas coisas assim acadêmicas, nas=nas atividades acadêmicas né (.) iaê como eu fui a primeira a ir, eu acho que a galera meio que despertou, hoje já tem um monte de gente

Sf: Eu fui a primeira do meu grupo de amigos

Lf: Lé

Sf: aí depois todo mundo foi (1) todo mundo não, mas a maioria.

Lf: é.

Para o grupo de discussão, a experiência de intercâmbio é considerada como um evento marcante na trajetória acadêmica, pois as participantes atribuem um valor positivo à vivência no exterior como geradora de mudanças, como bem afirma Sofia e ratifica Laura em “pelo menos você vai com uma cabeça e volta com outra”.

A narrativa das jovens nos leva a compreender que ser a primeira do curso ou do grupo de amigos a participar do programa CsF pode aproximar e incentivar outros estudantes a também quererem ter a mesma experiência, pois, quando uma pessoa próxima ao seu meio social tem a oportunidade de vivenciar uma experiência enriquecedora no exterior, leva o outro a também querer viver um intercâmbio.

3.3.1.4 Percepções sobre o intercâmbio

Motivação para participar do programa e escolha do país

“é você sempre bate assim, a poxa, não sei também eh eu não tinha o inglês muito bom também” Sofia

Nessa passagem buscou-se conhecer melhor as motivações que levaram as estudantes a realizar intercâmbio (Linhas 142 – 152):

Y1: -Cês poderiam agora falar um pouco sobre a experiência de vocês na universidade do intercâmbio? (1) Como se deu a escolha da universidade? A escolha do país?

Lf: (3) Então (.) eu fazia o estágio na Embrapa né (.) e aí o meu co-orientador de lá (.) ele fez o mestrado dele na Alemanha (1) e aí quando eu -tava nesse processo de me inscrever, ele botava, tipo assim (.) ele botava quente pra eu escolher Alemanha (.) e aí juntou que uma afilhada da minha mãe também morava lá

Sf: ^Lmas por que ele era de lá, °não entendi°?

Lf: Não=não, ele fez mestrado lá

Sf: A tá

Lf: E aí ele ficava botando muita pilha pra eu ir, pra eu tentar (.) eh me inscrever pra faculdade que ele fez o mestrado (.) pra tentar o mesmo orientador dele (bla bla bla) e aí ele ficava botando muita pilha. Só que (1) quando eu me inscrevi você não escolhe (.) na época do meu edital você não escolhia direto a universidade

Sf: ^Lvocê escolhe o país°

Lf: Você escolhe o país e depois do processo inteiro, você envia as três cartas e tals e aí quando eu escolhi o país e fui contemplada (.) pra escrever as três cartas, não tinha a opção da universidade que ele tinha feito o mestrado (.) porque ele fez por outro programa e a universidade que ele fez não -tava cadastrada (1) mas aí a gente fez uma pesquisa (.) eu, ele, minha mãe, todo mundo que -tava envolvido nesse projeto todo pra escolher a uma das três (2) opções né pra; cursar.acabou que (.) durante o meu período (.) lá na Alemanha que eu fiquei 20 meses (1) Eh (1) eu fiquei em duas universidades (.) porque eu consegui, eu fiz um pouco do curso em uma (.) e aí eu consegui um estágio em outra cidade, aí migrei (2) aí fui pra (1) uma outra cidade (Linhas 165 – 185 diálogo sobre a localização das cidades que Laura morou na Alemanha)

Sf: Eh o meu foi (2) eu -tava (1) quem me incentivou mesmo pra (.) me inscrever foi um amigo meu do curso que ia se inscrever também e fico ‘ah, vamos, vamos!’ falei ‘aí não sei, se vou conseguir, não sei o que’

Lf: @ (1) @ (Você sempre bate)

Sf: É você sempre bate assim, a poxa, não sei também eh: (1) eu não tinha o inglês muito bom também, porque eu tinha vindo de escola pública, o inglês não é lá essas coisas. aí: (1) ele falou assim: então (1) tenta pra Portugal, tem vaga pra Portugal. Aí eu fiquei assim: ‘ah, será?’ ele falou: ‘vai você vai gostar’, aí eu fui e me inscrevi pra Portugal (2) só que foi o último ano de Portugal, quan- quando foi (.) no meio do=do

Lf: ^Lprocesso°

Sf: No meio do processo cancelaram as vagas pra Portugal (1) aí eu recebi um e-mail, assim já -tava mesmo no processo né, já tinha sido (2) (aí ele falou assim) mandaram um e-mail pedindo pra escolher outro país (.) os alunos que -tavam dentro do processo poderiam escolher eh (1) outro país, aí tinha lá as opções, tinha Alemanha, tinha França, eh (2) não tinha Espanha, que caso se tivesse acho que eu teria escolhido

Lf: @ (1) @

Sf: Tinha: Austrália, tinha outros lugares assim, tinha Estados Unidos, Canadá, Inglaterra (.) e tinha Itália (1) aí eu escolhi a Itália.

Lf: °Que legal°

Sf: É (.) aí meio assim que eu fiquei com receio assim né de será porque já -tava, faltava assim sei lá acho que era: (2) janeiro fevereiro

Lf: ^L(foi pa pum)

Sf: É porque começa em setembro, mas eu falei ‘Como vou aprender outro idioma assim né?’ (.) aí eu falei assim ‘Não vou pelo menos escolher, eu estava na dúvida entre França e Itália, porque né mais latino ali a gente dar um jeito de aprender rápido

Lf: @ (1) @

Sf: Aí eu falei acho que vou pro italiano que é mais parecido, talvez seja mais fácil de me adaptar a cultura também e tudo mais (.) aí eu fui por esse caminho (1) aí a gente teve um curso online antes também, de iniciação ao italiano, tinha um curso de italiano lá também, a gente ganhou curso de italiano lá também (.) você provavelmente fez de alemão também (ou não?)

Lf: Eu fiz na universidade

Sf: É então (.) chegando lá né;?

Lf: É, só que antes eu fiz aqui um curso (2) teve gente que ganhou um curso mesmo né (.) da Capes

Sf: É

Lf: O meu eu ganhei da universidade

Sf: Ah tá;

Lf: (da universidade)

Sf: No caso o meu foi da Capes mesmo.

Lf: É (.) aí

Sf: Você já tinha o alemão né?

Lf: **E::ntão** meu alemão era muito fajuto, porque eu fiz num curso (.) online

Sf: ^L(só queria fazer a prova)

Lf: ^Lantes

Sf: de proficiência então

Lf: Então (.) mas era no próprio portal do Ciência sem Fronteiras (.) @era tipo muito bizarro no início (.) entendeu, era muito fácil@ dava pra você consultar;

Sf: Ah:: a prova de proficiência

Lf: Aí assim, eu sabia tipo (1) cumprimentos, despedidas

Sf: É, mas quando cheguei na Itália eu só sabia falar isso

Lf: É

Sf: Falar meu nome (.) sou estudante (1) estudo engenharia civil (1)

Lf: É

Sf: Tenho tantos anos (.) só sabia falar isso

Lf: Também sabia falar muita coisa não

Sf: Bom dia, boa tarde, boa noite

Lf: Só cumprimentos (despedidas)

Sf: Com licença, desculpa

Lf: @(1)@ aquelas coisas que você aprende em um mês

Sf: É (.) foi o que cheguei sabendo também

Lf: (1) Aí quando cheguei lá tinha um curso da universidade, porque (1) quando eu cheguei lá (1) a moça percebeu que a maioria dos bolsistas não sabiam falar alemão (2) aí ela falou ‘ah acho que vocês terão que fazer um curso’. Aí ela falava inglês com a gente (1) e aí (1) a gente começou a fazer o curso junto com a universidade (.) só que o curso da universidade era impossível (1) eu peguei só matérias que tinha feito (1) praver se eu né?;

Sf: ^Leu tive dificuldade também

Lf: E aí (.) algumas coisas dava pra acompanhar quando colocava no quadro o slide, mas fora isso ficava uma coisa muito vaga;

Sf: Aí a escolha da universidade (.) eu não tinha muita noção da Itália, porque até então não era a minha opção né (2) aí eu=eu peguei a lista né, que eles dão uma lista das universidades você pode escolher três pra você enviar as cartas, aí eu fui pesquisar (.) questão de cidade, custo de vida (.) e também quais eram as melhores opções pro meu curso (1) então eu peguei orientação com (.) procurei saber de algum professor que conhecia lá na Itália ou que já tinha estudado por lá e soubesse me indicar, aí eu peguei indicação de algumas eh que talvez fosse mais forte dentro da minha área (1) aí foi mais ou menos assim, eu coloquei as três opções e tentei ver custo/benefício de cidade e melhor opção pro curso (.) aí eu tentei balancear um pouco isso.

Na análise dessa passagem, evidencia-se que o desejo para a realização do intercâmbio originou-se devido ao contato com professores e amigos. Quando se trata da motivação para estudar no exterior, também se percebe que a questão linguística se configura como um fator que perpassa toda a experiência de intercâmbio.

O relato de Laura salienta que a motivação para participar do programa Ciência sem Fronteiras está diretamente ligada a um incentivo mais próximo e particular de professores orientadores, que se traduz em um direcionamento específico na escolha do país e da

universidade de intercâmbio, pois a estudante destaca que o seu orientador “botava muita pilha”. Para além desse incentivo, podemos perceber que o contato com pessoas que já residiram ou residem no país de intercâmbio é um fator que pode motivar e ocasionar segurança ao estudante no momento da escolha. A jovem também apresenta o intercâmbio a partir de uma perspectiva de projeto, para demonstrar que não esteve sozinha no processo, mas recebeu apoio de um conjunto de pessoas que trabalharam coletivamente na escolha da melhor opção da universidade, ao dizer: “a gente fez uma pesquisa, eu, ele, minha mãe [...]”.

Sofia demonstra que a motivação para participar do CsF também pode suceder por meio de amigos, que buscam superar a insegurança de seus colegas em relação à questão linguística. Assim, é perceptível que o conhecimento de determinado idioma pode influenciar ou limitar na escolha do país de intercâmbio. Como podemos observar, Sofia avalia de forma negativa o inglês oferecido pela escola pública com o intuito de justificar que “não tinha o inglês muito bom também”, tendo escolhido Portugal por se sentir segura para se comunicar, já que a língua falada é o português. Em outra perspectiva, a fala da jovem indica que o idioma não foi o único aspecto gerador de insegurança na participação do programa, pois infere-se, a partir da fala apresentada, “aí não sei se vou conseguir”, “você sempre bate assim, a poxa”, que a insegurança também pode ter sido motivada pelo fato de nunca ter tido uma experiência fora do Brasil. Em outro momento, a questão do idioma como influenciador da escolha do país de intercâmbio é reforçada quando o processo para Portugal é cancelado e a estudante escolhe a Itália considerando os seguintes aspectos: idioma de origem latina, que se aproximasse da língua portuguesa e uma cultura que fosse mais fácil de se adaptar. No que diz respeito à escolha da universidade, há outros fatores que influenciam a escolha, como: custo de vida e instituição que seja referência na área de conhecimento do estudante.

Uma temática leva à outra, Sofia, ao concluir sua narrativa sobre a escolha da Itália, demonstra receio no que se refere ao curto prazo para aprender um novo idioma, trazendo para a discussão a questão do curso de línguas. Dessa forma, percebe-se que a ausência da proficiência linguística acarretou uma preocupação para as bolsistas e para o programa CsF, que buscou estabelecer estratégias de aprendizagem da língua.

No processo de preparação para a realização do intercâmbio, as participantes do GD realizaram um curso *online* para aprender o idioma do país. Sofia questiona Laura sobre o conhecimento prévio da língua alemã antes do intercâmbio. Laura expressa insegurança ao se referir ao idioma, o considerava “fajuto”, explicando que o curso era “bizarro”, por ser muito fácil e por ter a possibilidade de pesquisar no momento da realização da prova de proficiência. Nesta cena, as participantes desenvolveram um diálogo interativo em torno do conhecimento

que adquiriram no curso *online*, concluindo que chegaram ao país de intercâmbio apenas com conhecimentos básicos da língua relativos aos cumprimentos básicos do cotidiano.

A ausência da proficiência do idioma também pode ser um fator dificultador na compreensão das aulas da universidade de intercâmbio, assim como, pode limitar a escolha de disciplinas. Laura inicia a narrativa explanando a dificuldade em compreender as aulas na universidade de intercâmbio, esclarecendo que apenas cursou disciplinas que já havia feito na UnB, “eu peguei só matérias que tinha feito, pra se eu né”. De forma destacada, ambas as estudantes afirmaram que sentiram dificuldade na compreensão das aulas nas universidades de intercâmbio, Laura diz que era “impossível” entender a aula se o professor não utilizasse como apoio didático o slide ou o quadro.

Relação com o idioma estrangeiro

A pesquisadora propõe ao grupo a discussão acerca do idioma e da relação com os estudantes do país de intercâmbio (Linhas 253 – 324):

Y1: Em relação ao idioma oficial do país, vocês tiveram dificuldade durante as aulas (.) vocês comunicavam com os estudantes do país ou era mais com brasileiros (.) como que era essa relação?

Lf: Então, quando eu cheguei lá em Neubrundenburg eu morei num (1) numa república (2) e aí nessa república tinha (.) três alemães e aí a gente era mega amigo; no início a gente só falava inglês (1) só que aí (2) a professora do curso eh (1) que eu fazia a noite na universidade ela falou ‘olha, se você continuar falando inglês não vai adiantar, você tem que tentar (.) fala errado, mas falane?’ falou assim e aí eu **pedi ajuda** e a gente conversava sempre; então assim (.) a presença deles em casa (2) facilitava muito (.) porque eu apontava e eles me falavam, talvez se eu tivesse sozinha, seria muito difícil né? (1) porque (.) na rua você fica com vergonha;, você não conhece as pessoas direito (1) e (.) lá na **Alemanha** as pessoas, não é que são frias (.) mas é porque elas têm (2) acho que **medo** de te incomodar (.) sabe (1) então até você quebrar essa barreira inicial

Sf: (Eu acho) que europeu de uma forma geral

Lf: É, até você quebrar essa barreira inicial (1) @ixi maria e junta que eu sou um pouco tímida@ (.) enfim mas dentro de casa era tranquilo de lidar (.) a gente conversava, nada que uma mímica funcionasse; @(1)@

Sf: °É°

Lf: Aí (.) esse curso (.) na universidade durou sei lá 3-4 meses (4) aí quando terminou (2) não sei (1) parece que tirou (.) um peso das costas assim? porque eu já sabia (.) assim bastante comparado com que tinha chegado né (.) bastante; e aí a vivência é uma coisa que é **gradual**-cê vai tendo vivência -cê vai aprendendo.

Sf: °praticando°

Lf: É.

Sf: Eh, eu também (.) quando eu cheguei lá eu já -tava com a ideia de (1) porque como eu sabia pouco (.) então eu já -tava com a ideia de tentar pelo menos morar com (.) algum:: (3) com italiano em casa:(ou) se fosse brasileiro mas (2) podia ter brasileiro também, mas não tivesse gente também no local (.) pra poder praticar. Aí acabou que

(2) eu consegui um apartamento lá, morei com quatro italianas, quatro meninas italianas lá (1) foi muito bom, elas me ajudaram muito, no início era muito engraçado eu falava tudo errado (.) elas riam e tals

Lf: ^{L@(.)@}

Sf: Aí eu pegava (aquela) (1) tipo assim (.) usava a brincadeira até como motivo de relacionar mais e tal (1) então foi muito legal, falo com elas até hoje (.) tenho contato com elas (.) então: elas me ajudaram muito lá (.) eh na universidade eu já senti mais um pouco essa dificuldade com relação as pessoas serem mais fechadas (.) eu não consegui criar vínculos como=como as italianas que eu morei (1) não foi a mesma coisa (.) era uma coisa tipo pedi informação::

Lf: ^{L°Aham°}

Sf: Não criei vínculo (.) dentro da universidade (1) eh tanto os alunos como os professores são bem fechados (2) assim, pelo menos eu tive essa percepção; (.) as pessoas são mais fechadas assim pra criar um tipo de vínculo (.) agora se você quer fazer uma pergunta e tal (1) tudo bem (.) mas criar vinculo é mais difícil

Lf: ^{L°difícil°}

Sf: Eh: (.) com relação a=a (2) conhecer pessoas foi mais isso (.) agora é ela falou né a gente não tinha a vivência do idioma (2) eh (1) mas dava pra se vira:r na comunicação do dia a dia (.) agora uma coisa é a comunicação o dia a dia e outra coisa é a aula

Lf: ^{L@°é (nossa)°@}

Sf: São termos completamente diferentes, termos técnicos, termos bibliográficos, literários eh (1) então assim (.) não é uma coisa que você aprende num curso de idioma.

Lf: É

Sf: Você não aprende

Lf: ^{Lna prática}

Sf: na prática então (.) você tem que se virar e tal pra aprender; (1) pra tentar entender (.) você não sabe se olha (.) se escreve se ler.

Lf: Nossa, meu primeiro dia de estágio foi, eu quis chorar (2) porque eu fiz estágio numa coisa que eu fiz minha graduação inteira (1) que eu trabalhei na Embrapa (.) eu sabia mexer em @todos os aparelhos praticamente@, **mas eu não entendia como que ele falava.** (.) era desesperador; (1) porque dar a impressão que você tá boiando né;

Sf: Aham

Lf: As vezes **você já sabia**, já sabia fazer o procedimento (1) mas o comando era muito técnico (.) então. você se perdia (.) aí (1) não ser que ele apontasse @as coisas@ mas aí com o tempo vai né?

Sf: É

Lf: Porque fiquei 7 meses no estágio, então

Sf: ^{Lah°bastante tempo°}

Lf: Aí: (1) foi tranquilo.

Sf: °Ah, que legal°

Lf: °Graças a Deus° (1) e assim o professor desse estágio era (2) tipo assim (.) um anjo (.) um anjo em pessoa (.) eu quebrei o pé ele mandava e-mail te perguntando como estava meu pé sabe (.) super atencioso e o filho dele estudava no mesmo prédio (1) então sabe? Acho que ele meio que (incumbiu) o filho dele cuidar de @mim assim por um tempo@

Sf: Ah, mas isso é legal

Lf: Isso foi bem bacana (.) era uma cidade pequena

Sf: É não é comum de tão,°eu acho°

Lf: **E não** (.) e só tinha três brasileiros (2) e aí e tipo assim não tinha muito brasileiro né (.) porque tem cidade que tem muito uma galera

Sf: °tinha muito brasileiro na minha cidade°

Lf: Aí lá tinha pouquinho né? Então a gente era novidade (1) então a galera (1) a recepção foi muito boa na segunda cidade, foi bem bacana, °e isso facilitou muito com relação ao idioma°

As estudantes demonstram que a aprendizagem do idioma ocorre dentro de um processo, que é gradual, propiciado pela vivência e pela prática. Assim, a estratégia de morar com nativos é vista de forma positiva e como facilitador na aprendizagem do idioma, que ultrapassa a comunicação oral, mas também permite uma comunicação corporal. Para além da aprendizagem do idioma, o convívio em república com nativo é apresentado como prazeroso e como propiciador de vínculos mais fortes. Já a experiência na universidade de intercâmbio é vista a partir da ótica da dificuldade em construir vínculos mais próximos com professores e alunos. Da mesma maneira, a complexidade linguística adotada no meio universitário exige conhecimentos mais especializados, que muitas vezes não são aprendidos nos cursos de idiomas, e que podem limitar a compreensão ou um melhor desempenho nas atividades acadêmicas. Além da universidade, a ausência do bom domínio linguístico também pode limitar o desempenho em outros espaços relacionados à atividade laboral. Ao final, as estudantes expressam que a aprendizagem do idioma acarreta um sentimento de alívio, que traz melhoras para a rotina no exterior como um todo.

Laura conta que morou em uma república com três alemães, mas que inicialmente utilizava o inglês para se comunicar. A intercambista prossegue a narrativa explicando que a professora de alemão da universidade enfatizava a importância de tentar falar, mesmo se houvesse erros. Dessa forma, a estudante compreende que o convívio em casa com os alemães facilitou de forma significativa o seu aprendizado do idioma, que ocorreu principalmente por meio de conversas. Ainda nessa cena, a jovem diz que é uma pessoa tímida e que por isso a comunicação em outros espaços sociais era limitada, devido à barreira inicial.

Laura cursou alemão na universidade de intercâmbio durante quatro meses. Quando o curso finalizou, a jovem afirma que tirou um “peso das costas”, pois já havia adquirido muito conhecimento do idioma mediante a vivência e a prática. Sofia ratifica a fala de Laura dizendo: “é, eu também”, e em seguida conta que também tinha a ideia de morar com italianos para praticar o idioma. Assim, ela residiu em uma república com quatro italianas, que a ajudaram de forma significativa no aprendizado da língua.

Sob outra perspectiva, Sofia relata a dificuldade em estabelecer vínculos com os alunos e professores da universidade, justificando que as pessoas eram mais fechadas e que a comunicação girava em torno de informações da instituição. Laura concorda com Sofia utilizando o marcador conversacional “Aham” e Sofia continua sua narrativa acerca do vínculo dentro da universidade dizendo que há diferenças entre a comunicação do cotidiano e a linguagem universitária, devido aos termos técnicos, bibliográficos e literários, que não são aprendidos em um curso de idiomas. Laura concorda com a elaboração de Sofia, complementa

que se aprende na prática e recorda da sua experiência de estágio no exterior, apresentando que, no primeiro dia, sentiu vontade de chorar por não compreender os comandos técnicos dos aparelhos com os quais já havia tido contato no Brasil. Para concluir, a jovem fala que aprendeu muito durante a experiência de sete meses no estágio.

Experiências marcantes no exterior

“O cordão umbilical se rompeu sabe?” **Laura**

Na tentativa de conhecer os significados atribuídos à experiência de intercâmbio, a pesquisadora propõe ao grupo que fale sobre os momentos mais importantes da vivência no exterior (Linhas 407 - 447):

Y1: Mas o que mais foi importante durante o intercâmbio? (2) o que vocês acharam mais importante? O que
Sf: L()
Lf: L(o estágio)
Lf: Ah eu gostei de tudo (1) mas acho que o estágio marcou muito, porque; eu acho foi uma independência assim; sabe?
Sf: Eu acho isso legal
Lf: Apesar de eu ter ficado eu=eu (2) **de contato eu tenho mais contato** com a galera que eu fiquei no primeiro ano lá assim (1) que eu morei em república eu tenho contato até hoje
Sf: °É°
Lf: Falo no Skype e tudo mais (.) mas o estágio foi tipo assim (3) cordão umbilical se rompeu sabe? (.) Eu ia pro banco sozinha; eu fazia compra sozinha; fazia as coisas sozinha; ia pro estágio? (.) eh (1) tinha? horário marcado sabe (.) essas coisinhas **rotina mesmo né** (.) foi um marco no intercâmbio inteiro né; porque eu fiquei muito tempo também né (.) no final eu -tava (.) confesso a você que eu -tava (1) doida pra voltar pra casa (1) apesar de lá **ser muito bom** e tudo mais;
Sf: Mas aí você sente saudade né (.) eu senti falta (.) mas eu -tava meio assim (.) **queria ir só pra visitar a família @e voltar@**
Lf: L@exato@
Sf: **É essa sensação que a gente fica** @queria poder estar voltando pro Brasil apenas pra tirar férias@
Lf: é
Sf: Depois poder voltar (1) porque é essa sensação (.) pelo menos eu tinha essa sensação (.) tipo assim queria ficar um pouquinho com a família com os amigos (.) mas queria poder voltar.
Lf: Seus familiares te visitaram lá?
Sf: Ah minha mãe conseguiu me visitar (.) só minha mãe
Lf: Eh minha mãe foi (.) eu sou muito ligada a minha família né (.) minha mãe foi três vezes (.) meu irmão foi duas vezes e minha irmã foi uma vez;
Sf: °Ah (ata)°
Lf: @foi tipo@
Sf: Não, lá em casa só deu pra ir minha mãe (.) aí @ a gente meio que racho@ um pouco as despesas
Lf: °é°

Sf: Af: (2) meu pai pagou a passagem dela (.) ela foi com o dinheiro que ela conseguiu juntar e: eu banquei ela lá
Lf: É minha mãe na verdade também juntou (.) todas as vezes ela juntava dinheiro não fazia nada eu acho que aqui
Sf: É; porque é caro né
Lf: Eu não sei (.) na verdade minha família (.) **não** é a pior claro (.) mas também não é a melhor (1) minha mãe é professora;
Sf: °Uhum°
Lf: Então (2) deu=deu uma
Sf: °Suada
Lf: @Suada pra consegui@ mas ela gosta de viajar também né
Sf: °Ah mas é bom°

A experiência de estágio no exterior é compreendida para além da aprendizagem profissional, abarca outros ganhos, que estão relacionados à independência pessoal. Para mostrar a importância do estágio, Laura utiliza a metáfora de que o “cordão umbilical se rompeu”, demonstrando que o estar sozinho e o realizar sozinho proporcionam autonomia e independência, conquistada durante a rotina no exterior. Em outra perspectiva, podemos perceber que o cordão umbilical ainda permanece conectado à família, como bem expressa as jovens “eu -tava doida pra voltar pra casa, apesar de lá ser muito bom e tudo mais”, “mas aí você sente saudade né, eu senti falta [...]”, demonstrando uma relação forte com a família.

Ainda nessa passagem, com o intuito de reforçar a importância da família, Laura assume o papel da pesquisadora e questiona Sofia se, durante o intercâmbio, ela recebeu visita de seus pais. Durante a estadia no exterior, as estudantes tiveram a oportunidade de serem visitadas por suas famílias, contudo percebe-se que, para estarem juntos, foi necessário realizar sacrifícios. Sofia diz que sua mãe teve a oportunidade de fazê-la uma visita. Já Laura fala que é muito ligada à família e que recebeu diversas visitas de sua mãe, do seu irmão e de sua irmã no período que permaneceu na Alemanha. Sofia demonstra que possui uma realidade econômica diferente de Laura, dizendo: “Não, lá em casa só deu pra ir minha mãe [...]”, e reforça que as despesas da viagem foram divididas entre sua mãe, seu pai e ela, devido ao alto custo da viagem. Ao tratar da questão financeira, Laura justifica que sua mãe também precisou juntar dinheiro, pois é professora.

Com o intuito de conhecer melhor as experiências conjuntivas das participantes, a pesquisadora lança uma pergunta subjacente sobre as diferenças entre a universidade de intercâmbio e a universidade de origem (Linhas 448 – 539):

Y1: E pra vocês quais são as principais diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB?
Lf: (3) Eu acho a UnB melhor
Sf: Eu achei a mesma percepção, ainda bem que você falou né (.) porque assim eu acho assim (.) que a gente é melhor em termos de (1) vou deixar mais específico
Lf: É

Sf: Em termos didáticos

Lf: Isso, °exatamente isso°

Sf: Ela é melhor (1) mas a gente ver como a universidade lá fora é muito bem organizada

Lf: Tecnológica

Sf: É estrutura de ponta (.) você tem melhores laboratórios (.) você tem acesso (.) por exemplo (.) eh eu acho a UnB aqui muito boa (.) mas por exemplo a estrutura do curso lá fora, do meu curso lá fora era mais organizado eh (1) no sentido até assim de disciplinas mais adequadas com (.) mais modernas, entendeu

Lf: °aham°

Sf: Tipo assim (1) o curso em si era mais organizado (.) mas eu sentia falta daqui (.) das aulas daqui (.) da universidade (.) da qualidade de ensino eh eu acho que a UnB assim (.) não=não tem nada

Lf: °É°

Sf: A perder; vamos dizer assim em de=de

Lf: É

Sf: Em termos de ensino

Lf: °até de conteúdo

Sf: É de conteúdo assim (.) em termos de ensino porquê de estrutura;

Lf: De estrutura não; já perde.

Sf: °perde

Lf: Mas uma coisa que eu acho que (1) a UnB ganha (1) apesar de ter rixa entre; cursos.

Sf: °Uhum°

Lf: Aqui a gente se relaciona, os cursos se (1) relacionam né e lá não a galera era tipo assim (1) pelo menos na universidade que fiz; tipo a galera de agronomia só andava com a galera de agronomia; a galera de (.), a galera parecia (.)

Sf: (não tinha muito comuns)

Lf: E -cê conhece alguém de ciências sociais (.) 'não conheço não'; aquele curso (1) eca.tipo assim? (1) a galera não queria nem amizade, não queria nem saber tipo (.) véi como assim; colocava tudo em caixinha né; tudo muito; sei lá? (.) tem=tem; as coisas legais né (.) como ela falou a parte tecnológica; estrutura; sem comparação

Sf: É

Lf: Ma::s (1) com relação a conteúdo teoria

Sf: °Eu também acho que não°

Lf: Bem similar

Sf: Aham, °eu também acho°

Lf: Que (sabe) melhor a UnB; (.) ma::s essa coisa de=de relação entre curso eu achei pelo menos na universidade que fiz um pouco (.) eu achei um pouco bizarro assim.tipo(1) o povo não conversa; aí eu acho que eles perdem (.) porque você trocar conhecimento

Sf: °Aham°

Lf: Eu acho que é o que faz a diferença né (1) no curso

Sf: O que mais troca é assim é dentro da república né

Lf: °

Sf: Porque acaba tendo gente de curso diferente (.) pelo menos no meu caso tinha (.) eram cinco meninas né contando todo mundo eu e mais quatro (.) de cursos diferentes

Lf: Mas então (.) eu vivenciei isso na república e as meninas elas não conversavam sobre curso (.) sobre a universidade

Sf: Ah, eu que perguntava

Lf: Eh as vezes você foi o canal da troca

Sf: °Nossa elas (falavam)°

Lf: Porque elas não conversavam

Sf: °É°

Lf: Uma fazia economia, a outra fazia medicina e o menino fazia acho que computação e eles tipo (1) não falavam sobre a universidade só sobre vida pessoal e tals; (1) e eu reparei isso também que quando eu cheguei (1) eles se uniram mais porque antes eu acho que eles não eram muitos amigos

Sf: @Eu fiz grupo de WhatsApp da casa@

Lf: É

Sf: @Botei em italiano@
Lf: Acho que brasileiro @já chega bagunçando já@
Sf: Eu falava @‘vamos sair todo mundo junto’@ que as vezes eles
Lf: L@Eu comida pra todo mundo@
Sf: Eu fazia janta também, hoje @vai ter comida brasileira@
Lf: Nossa, dava muito agonia
Sf: Aí elas começavam a fazer **também**, aí teve um dia que elas a gente vai fazer (.)
aí elas chamavam pra jantar pra fazer comida lá, italiana.
Lf: É
Sf: @Era legal@
Lf: Mas era muito engraçado essa questão da cultura né; quando a gente vivencia (1)
quando eu cheguei tinha um quadrinho assim (.) ah de 7h a 7:30h fulano, 7:30h a 8h,
8h a 8:30h ciclano
Sf: °(Uhum)°
Lf: Tipo assim (.) cada um tinha um horário pra cozinhar (.) eu falava véi
Sf: gente, sério?
Lf: Né (.) tonnhonho **cozinha todo mundo junto, come todo mundo junto** @aí
quando eu cheguei (.) tinha um menino que -tava com o siso @ tinha tirado o siso né;
e eu já cheguei fazendo sopa pro menino (.) falei não vou fazer um negócio aqui pra
ver se a gente se enturma e aí **na outra semana** ela que dia -cê vai cozinhar, @eu ih
já tá querendo não sei o que@ aí a gente começou (1) quebrou, no outro dia, assim
Sf: Aham
Lf: No outro mês (.) nos dois meses seguintes já não tinha essa questão de horário de
cozinha (.) cê podia entrar na cozinha na hora que você quisesse. ju:ntomas foi
divertido.
Sf: É

Ao propor o diálogo acerca das possíveis diferenças entre a Universidade de Brasília e a universidade de intercâmbio, as participantes relevam o potencial da UnB no que diz respeito à qualidade do ensino. Por outro lado, revelam aquilo que carece avançar, como: organização dos cursos, infraestrutura e tecnologia. Apesar de a universidade de intercâmbio ser avaliada de maneira positiva, as jovens veem a instituição como um espaço de relações mais fechadas, no que diz respeito à ausência de troca de conhecimentos entre diferentes cursos, como bem expressa Laura: “Colocava tudo em caixinha né?”. A concepção da caixinha também é levada para expressar as relações estabelecidas na república, que não se apresenta apenas como um espaço de aprendizagem do idioma, mas expressa uma dimensão socializadora e de construção de vínculos, que envolve partilha de momentos alegres, cuidado e união. As intercambistas se colocam como canal de união entre os estudantes da república, reforçando esse fato como produto da cultura brasileira.

Principal contribuição do intercâmbio

“É porque o intercambio é viver né. Então se você não crescer assim como pessoa, tem alguma coisa de errado, você ficou em uma bolha né” Laura

Como apresentado no segundo capítulo desse trabalho, 56% dos bolsistas que participaram desse estudo atribuem a maior contribuição do intercâmbio ao crescimento pessoal. Dessa forma, nessa passagem, buscou-se compreender o significado de um intercâmbio (Linhas 990 – 1036):

Y1: E pra vocês qual foi a maior contribuição do intercâmbio?

Lf: (2) Crescimento pessoal

Sf: Eu diria também (1) crescimento pessoal (1) muito mais do que acadêmico

Lf: Muito mais que acadêmico nossa nem se compara

Sf: Não tem comparação e isso na minha opinião hoje em dia (.) eu não diria isso antes talvez (.) mas vale muito mais do que o crescimento acadêmico até porque com o teu crescimento pessoal, você vai chegar muito mais longe academicamente também

Lf: É, ixi com certeza

Sf: Mas o crescimento pessoal; (3) você aprende muito;

Lf: Sem comparação

Sf: Como ela falou (.) você aprende a se virar sozinho (.) você (1) **aprende a lidar** com a questão de tá em um lugar diferente (.) com essa questão das diferenças em si (.) de você se adaptar a novas situações

Lf: °É°

Sf: Aos novos desafios **né**

Lf: Respeitar os outros também

Sf: É a ser mais tolerante também

Lf: Ser mais tolerante

Sf: **A ser mais** talvez (.) ter mais empatia porque você já sabe que o outro pode ser diferente

Lf: °Uhum°

Sf: Então você chega aqui (.) eu mesmo chego aqui e assim eu percebo as vezes que nem todo mundo (.) consegue se colocar no lugar do outro as vezes assim.

Lf: °É°

Sf: Não sei (.) acho que isso é uma coisa que você vai aprender com a vida também;

Lf: °É°

Sf: Mas eu diria também mais crescimento pessoal e dessa coisa de você (.) por exemplo você eh (1) tem que aprender um outro idioma (1) mas não tem jeito (.) você tem que aprender; porque que você tá lá

Lf: °É°

Sf: Então assim você tem que se virar

Lf: ^Luma hora você precisa

Sf: E você tem que realmente fazer tudo naquele idioma (.) se comunicar se adaptar aos costumes das pessoas que -tão ali sabe (.) então eh

Lf: °É°

Sf: Eu acho que é muito crescimento pessoal realmente

Lf: É porque o intercâmbio é viver né (.) então se (1) você não crescer assim (.) como pessoa (1) @tem alguma coisa de errado@ (.) você ficou numa bolha né.

Sf: Ah mas tem gente que não consegue

Lf: Nossa

Sf: **A maioria consegue**

Lf: É (.) a maioria consegue mas tem gente

Sf: Que se fecha

Lf: (2) é verdade;

As estudantes relevam que a maior contribuição do intercâmbio foi de cunho pessoal. Contudo, para compreendermos esse fenômeno, faz-se necessário um olhar sob a narrativa de Laura, especificamente para a metáfora “bolha”. O que significa a bolha? No contexto do

intercâmbio, a bolha pode representar o fechar-se em si, isto é, não permite-se vivenciar outras experiências com o outro que é diferente de nós. Em outra perspectiva, o sair da bolha nos remete à ideia de que o crescimento pessoal está diretamente interligado à dimensão do outro, ou seja, no intercâmbio não se vive sozinho, mas se vive com o outro. Assim, o resultado das vivências acarreta ganhos para si e para a relação com o próximo, como: autonomia, independência, respeito ao diferente e empatia. Dessa forma, como bem expressa Sofia, o crescimento pessoal é mais significativo que o crescimento acadêmico, explicando que, com o crescimento pessoal, se vai mais longe academicamente.

3.3.1.5 Projetos de futuro

“Nossa, é o máximo que eu vou chegar é na universidade, assim, aí eu vi um outro mundo” Sofia

A experiência de intercâmbio pode propiciar mudanças e/ou ampliação nas projeções futuras dos jovens. Assim, nessa passagem, buscou-se conhecer os projetos de futuro das estudantes (Linhas 1195 - 1275):

Y1: E o que vocês pensam em fazer após a graduação, seus projetos futuros

Lf: Ah; eu vou bem sincera eu tenho vontade de passar em um concurso bom assim né (.) e:::ah° não sei @ser feliz@ (1) ser feliz curti a vida nem=nem assim eu (1) eu não tenho muito anseio em ficar rica sabe (.) eu quero ser feliz ter qualidade de vida (.) ficar perto de quem eu amo (.) acho que isso é (.) sei lá é minha meta sabe

Sf: Bom eu ainda não tenho certeza (.) mas eu acho que se eu tivesse uma outra oportunidade de voltar, eu acho que eu voltaria (.) principalmente se fosse pra fazer um mestrado né fazer uma pós uma bolsa de estudo nesse sentido; até mesmo? um emprego mas eu acho que é um pouco mais difícil (.) uma oportunidade de emprego assim direto

Lf: Uma coisa que você falou em mestrado (.) **quando eu fui** °pro intercâmbio né° eu=eu era doida em continuar minha vida acadêmica eu era tipo sei lá fazia pet, pibic, eu já pensava em tudotinha tudo assim;

Sf: Planejado

Lf: **Planejado** vou fazer mestrado (1) só que quando eu fui pra lá eu vi que tipo assim mestrado é um título muito latino (.) mestrado lá pelo menos na Alemanha não vale

Sf: É não é mestrado é como se fosse a continuação da graduação

Lf: É (.) é tipo uma pós zinha (1) aí só que eu percebi que lá não tem; muito peso e **aí quando eu voltei** (1) @eu percebi@ que também na minha área não tem muito peso aqui pra emprego (.) assim a não ser que você continue até o doutorado; (1) assim a sua vida acadêmica (.) mas o mestrado; eu acho que (.) me desiludi; assim um pouco sabe (.) em continuar a vida acadêmica (1) **não sei** (.) pode ser uma vibe minha assim.

Sf: °O meu foi um pouco ao contrário°

Lf: É? Nossa pra mim foi uma desilusão

Sf: Assim (.) **não sei eu acho que é porque:** eu já tinha meio que assim (.) eu pensava eu acho que talvez eu pensava assim (.) nossa é o máximo que eu vou chegar é: na universidade; assim

Lf: **Ah ata** aí você viu um

Sf: Aí eu vi um

Lf: Um outro mundo

Sf: Um outro mundo (.) aí tipo assim eu pensei assim; **nossa caramba** eu -tô em uma universidade pública eu sou a primeira da minha família; a entrar em uma universidade pública

Lf: É

Sf: Então assim (.) pra mim já era tipo assim nossa sabe eu consegui muita coisa (.) pra minha família assim pra minha avó ela é tipo nossa

Lf: ^LOrgulho

Sf: É orgulho tipo minhas primas nossa you é a nerd (.) você faz universidade pública; então assim eu sou a única que faço universidade pública na minha família meus pais fizeram faculdade (.) mas foi partícula:r tipo depois que eles -tavam com emprego: pagaram fizeram particular e tudo mais (1) aí então assim isso pra mim já era muito? **então assim nunca pensei assim ah** vou fazer um mestrado; eu achava assim que eu tinha que dar (.) que eu tinha que conseguir a meta vou tentar me formar

Lf: ^Lformar

Sf: E:: conseguir um bom emprego e assim isso já vai ser muito na minha família assim. (.) agora eu já não acho (.) assim eu acho que se eu tiver a oportunidade de continuar; de ter um mestrado de dar uma continuação aos estudos eu acho que abraçaria, essa oportunidade (.) tanto aqui quanto fora (1) **e emprego também claro** mas assim eu não sou muito focada em concurso (.) eu não sei (.) eu acho que concurso vai acabar me pretendo aqui; eu acho que queria me sentir livre caso

Lf: O direito de ir e vim né

Sf: É tipo assim (.) **porque você acaba** que você está estabilizado; é muito bom, eu faço concurso de vez em quando também, mas você, eu fico meio assim, ah não sei bem se é isso que eu quero assim de -tá estabilizada, (é bom)

Lf: Eu acho, mas eu acho que eu penso mais pelo pé de meia, tipo, ah vou fazer um pé de meia

Sf: É eu acho que eu passaria também só pra ficar um tempo, mas aí eu fico com medo de pensar isso e depois me sentir tão estável com a situação

Lf: °E acomodar°

Sf: ^Le acomodar, então por enquanto eu não -tô pensando muito em concurso (.) eu -tô pensando em formar, você já formou, então eu não -tô pensando em nada (.) só no meu diploma que eu tenho que conseguir o ano que vem

Lf: É mas vai dar certo

Sf: E aí quem sabe (.) talvez eu acho que eu tentaria um mestrado pra fora se eu tivesse (.) tipo conseguisse uma bolsa alguma coisa (.) eu não sei eu acho que eu iria sim, tipo voltaria

Lf: É (.) é eu tenho vontade de fazer (.) tipo assim fazer um curso (.) um novo intercâmbio assim, sei lá voltado pra alguma área (.) não sei se é porque eu já -tô, querendo ou não é um vínculo empregatício também

Sf: °É°

Lf: Que conta

Sf: °É uma questão muito pessoal°

Lf: Você arca com o compromisso as vezes de tá no seu emprego e aí (.) enfim acho que isso te prende mais sabe, talvez se eu não tivesse nada ficaria louca pra voltar né (.) mas;

Nessa passagem, podemos inferir que a experiência no exterior é um potencializador na ampliação e na mudança dos projetos de futuros das jovens participantes desse GD. A narrativa da estudante Sofia indica que a universidade pública possui mais valia que as instituições privadas de ensino superior, ao afirmar que seus pais estudaram em universidades privadas. Assim, ser a primeira de sua família a ingressar na universidade pública significa ir além daquilo que foi vivenciado pelo seu meio social. Contudo, podemos perceber que a origem escolar da

família e a origem escolar do estudante podem ser fatores limitadores nos projetos de futuros, como bem expressa a estudante ao dizer que “o máximo que eu vou chegar é na universidade”, ou seja, o significado atribuído ao ensino superior público é de vitória e de orgulho. Nesse sentido, conseguir formar e entrar no mercado de trabalho representava muito em sua vida.

Por outro lado, a oportunidade de estudar no exterior, o convívio com outras realidades e com outras culturas também pode ampliar os projetos de futuros, pois possibilita ao jovem visualizar “um mundo”, para além daquilo que nossa estrutura familiar e escolar nos diz que podemos alcançar. Sofia demonstra interesse em continuar a vida acadêmica no Brasil ou no exterior, caso tenha outra oportunidade. Em outra perspectiva, a experiência no exterior também possibilita a reflexão do que se almeja profissionalmente. Ao contrário da experiência de Sofia, Laura, durante a graduação, sempre buscou participar de projetos com o intuito de realizar mestrado, mas, após a experiência na Alemanha, se desiluiu com a vida acadêmica por conhecer o pouco valor atribuído a esse título no exterior e refletir sobre a importância do mestrado para o seu campo de conhecimento. Ao tratar de projetos de futuro, a temática relativa ao concurso público também é posta em discussão. O concurso público é percebido por duas perspectivas: a de que acarreta segurança e estabilidade financeira, como um ponto positivo, e a de que pode acomodar a pessoa em relação a buscar outras oportunidades acadêmicas e profissionais. Sofia demonstra um sentimento de medo em relação a concurso público, por acreditar que pode se acomodar, e Laura almeja a estabilidade financeira proporcionada pelo concurso público, para permanecer perto da sua família e ter qualidade de vida.

3.3.2 Grupo *Sair da caixinha*

O Grupo de discussão *Sair da caixinha* foi realizado em Brasília, na Faculdade de Educação (FE/UnB), no dia 27/04/2017, contou com a participação de Tino (Tm) e Guadaci (Gm), oriundos do ensino médio público.

3.3.2.1 Diário de campo do GD *Sair da caixinha*

O primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado via *e-mail* e posteriormente via WhatsApp, desde o princípio os estudantes se demonstram dispostos a contribuir para o estudo. No dia da realização do GD, cheguei mais cedo na Faculdade de Educação para organizar o ambiente e deixá-lo confortável. Durante o GD, houve momentos de barulho externo, contudo isso não atrapalhou a discussão, que teve duração de 1h e 26 min.

Durante o GD, os alunos organizaram a ordem do discurso, utilizando “Eu primeiro?”, “Eu de novo primeiro” (Gm). Tino, em muitos momentos do grupo, narrou as suas experiências de maneira sorridente e descontraída, já Guadaci apresentou uma narrativa mais tímida. Contudo, houve momentos de ratificação de ideias e de identificação com a história de vida. Em alguns momentos, o intercambista Tino assumiu o papel de pesquisador, em especial no final do GD, quando questionou o estudante Guadaci sobre o seu casamento, fruto do programa CsF. Tino também fez uso de palavrões e de marcadores conversacionais, como “né” para que Guadaci confirmasse o seu discurso.

O GD foi interrompido duas vezes pelo participante Guadaci. Em um primeiro momento, com 54 minutos de gravação, o estudante saiu para atender uma ligação e logo após se demonstrou impaciente. Assim, com 1h de gravação, o estudante perguntou à pesquisadora se faltava muito para terminar o GD, pois estava preocupado com a sua carona. Esse episódio pode ter limitado as narrativas seguintes, relacionadas ao aprendizado do idioma, regresso ao Brasil e à UnB, maior contribuição do intercâmbio, projetos de futuro e avaliação do programa CsF. Ao finalizar o GD, agradecemos a participação de todos e seguimos conversando com Tino de maneira descontraída.

A metáfora de foco *Sair da caixinha* resultou da orientação coletiva dos sujeitos da pesquisa, ao relatarem que antes da experiência de intercâmbio viviam “dentro da caixinha”, no

sentindo de pensar apenas no seu próprio mundo, referindo-se à UnB e ao curso de graduação. A vivência no exterior possibilitou para esses jovens o contato com as múltiplas culturas, o convívio com diferentes visões de mundo e a construção da percepção figurativa de não se fechar em caixinhas. Guadaci relata que saiu do Brasil cheio de preconceitos e que a experiência cultural foi um divisor de águas em sua vida. Tino destaca que durante o intercâmbio se conheceu melhor, teve a oportunidade de repensar sobre sua vida e aprender sobre o respeito ao próximo, que foi o mais significativo.

3.3.2.2 Perfil dos estudantes do GD *Sair da caixinha*

Tino (Tm) nasceu em 1993, tem 23 anos, solteiro, preto, tem dois irmãos e declarou-se como Católico Apostólico Romano. Nasceu no Distrito Federal (DF), mas morou em Luziânia – Goiás (GO) até os 18 anos de idade. Sua mãe possui ensino superior completo e é professora e o seu pai tem o ensino médio completo e trabalha nos Correios. Durante a educação infantil, Tino estudou em escola particular denominada Pequeno Príncipe, já o ensino fundamental e médio foi realizado no Colégio Estadual Professora Lourdes de Oliveira Sampaio (CEPLOS), escola pública localizada na cidade de Luziânia-GO. Tino realizou cursinho preparatório durante todo o seu ensino médio para ingressar na UnB e sempre teve incentivo de sua mãe para tal, assim, ingressou na instituição no primeiro semestre de 2011 para o curso de odontologia, por meio do vestibular com cotas. Antes do programa CsF, nunca havia saído do Brasil e realizou intercâmbio para a Alemanha, no Friedrich Loeffler Institut, onde permaneceu por 17 meses.

Guadaci (Gm) tem 23 anos, branco, casado, tem três irmãos, não possui religião e é natural de Recife – Pernambuco (PE). Sua mãe possui ensino superior completo e é enfermeira e o seu pai concluiu o ensino médio completo e atualmente é corretor. Durante a educação infantil e o ensino fundamental, Guadaci estudou em escola particular na cidade de Recife e cursou o ensino médio em uma escola pública no Guará-DF. Guadaci fez cursinho preparatório durante o ensino médio e ingressou na UnB no primeiro semestre de 2011 para o curso de engenharia de computação, por meio do vestibular tradicional. Guadaci fez intercâmbio para os Estados Unidos, na North Dakota State University, onde permaneceu por 18 meses.

3.3.2.3 Trajetória Escolar e Acadêmica

*“Os professores também da escola pública a ver nenhum incentivava ou acreditava na gente”***Tino**

Iniciou-se o grupo de discussão com uma pergunta que buscou conhecer a trajetória acadêmica dos participantes e os significados atribuídos ao ingresso na Universidade de Brasília (Linhas 1 - 48):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre o que levou vocês a escolherem o curso e a Universidade de Brasília?

Gm: (3) Eu primeiro? (2) bom (.) é eu sempre quis estudar em Universidade Federal (1) eh e quanto ao curso escolha de engenharia da computação foi que sempre tive facilidade em lidar com tecnologia e tudo mais (1) e sempre achei uma profissão que seria pro futuro área de computação então optei pela engenharia da computação

Tm: A minha história e mais ou menos engraçado (.) o primeiro que eu tinha que arrumar um lugar que não era pago (1) e eu lembro quando eu era pequenininho (3) a gente (.) eu sou de Luziânia aí eu -tava lá aí a prima da mãe, da filha de alguém tinha passado na UnB (.) e -tava todo mundo contente ‘Aí que bomque bom!’ aí eu falei pra minha mãe ‘Mãe é esse trem aí é bom isso daí?’ aí minha mãe ‘sim’ (.) aí eu falei @vou passar na UnB também@ (1) e aí eu fiquei com isso na cabeça (.) e eu fui fazer odonto porque (1) não sei (.) eu queria fazer um curso da área de saúde (2) e eu lembro que eu ia na minha dentista e ela me atendia cantando -tava sempre feliz (1) aí eu pensei @deve ser muito legal@ porque ela -tá sempre feliz e aí eu fui ver uma coisa (.) e me identifiquei (.) e -tô aí

Y1: Vocês fizeram algum tipo de cursinho preparatório: pra ingressar na universidade (.) como que foi essa entrada na universidade a preparação (.) vocês tiveram incentivo dos professores durante o ensino médio (.) dos pais?

Gm: Eu de novo também?

Tm: (Você sim)

Gm: É eu fiz (.) preparatório (.) eu cheguei a fazer o alub (.) eu fiz o PAS 1 PAS (.) fiz o meu segundo e terceiro ano (.) assim ia pro colégio da rede pública pela manhã e ia pro Alub à tarde (1) é; o incentivo por parte dos professores da rede pública assim (2) não lembro de ter tido muito assim não mas obviamente pelo o Alub ser uma escola que te incentiva a passar na UnB (1) então assim tive muita influência do Alub (1) e se eu tivesse que medir onde eu tive mais ajuda obviamente foi no Alub não tive muita ajuda assim eh da minha escola pública (.) e acho que é isso (.) °é só essa pergunta? °

Y1: Se você também teve incentivo dos seus pais

Gm: **Ah sim** (.) dos meus pais sempre a regra lá em casa °era sempre° era simples você tinha que passar (.) eh **em universidade federal** até porque eu tenha uma mãe que é formada na federal de Pernambuco (1) então: (.) a gente sempre teve esse estímulo pra passar na Universidade Federal (.) meu irmão tinha passado mais cedo também (1) então: todos os irmãos assim da casa passaram em Universidade Federal (1) °então sempre teve esse estímulo°

Tm: A minha história é bem parecida com a do Daniel (.) eu também fiz Alub (.) eu fiz o PAS 1 2 e 3 (.) em que unidade você fez?

Gm: Eu fiz em Taguatinga

Tm: Ah eu fiz no Venâncio (.) e lá assim os professores eram voltados pra entrar na UnB (1) porque naquela época não tinha Enem Enem não servia pra nada é:: os professores também da escola pública (.) a ver (.) nenhum incentivava ou acreditava na gente

Gm: Não tinha nenhum preparatorzinho nem nada (.) -tava nem por dentro do que caía no vestibular

Tm: (Sim) e (3) e isso a respeito da família (.) a minha mãe é a que mais me incentivava (.) porque ela estudou na UEG que não é Federal mas é Estadual e o meu irmão estudou na UEG e a minha irmã estudou na UnB (.) então eu também era obrigado

Gm: É obrigação

Tm: A passar

Gm: Faz nada mais que a sua obrigação

Tm: É (1) isso.

A narrativa apresentada pelos participantes revela que o ingresso na Universidade de Brasília teve forte influência do meio familiar, em que, além de incentivo, esperava-se de seus filhos o cumprimento do legado deixado pelas mães e irmãos em relação à formação acadêmica recebida em instituições federais ou estaduais. Em outras palavras, o ingresso no ensino superior público foi internalizado na vida desses jovens como algo positivo, mas também como uma obrigação, como bem expressado por eles quando afirmam que “é obrigação passar”, “faz nada mais que a sua obrigação”. Tino demonstra preocupação com a questão financeira, contudo evidencia-se que a escolha pela UnB vai além do caráter público, quando o jovem recorda do tempo de infância para explicar que socialmente ingressar na UnB suscitava sentimento de alegria nas pessoas, ou seja, é algo bom. Guadaci também demonstra que, no seu meio familiar, ingressar em universidade federal configurava-se como uma regra.

Quando a pesquisadora questionou sobre a realização de cursinho preparatório para o ingresso na UnB, os participantes contam que esses cursos estiveram presentes durante todo o ensino médio, como uma forma de suprir as lacunas da formação recebida na escola pública e de preparar academicamente para realizar a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS), que é dividido em subprogramas que correspondem a três etapas, sendo que cada etapa é realizada no final de cada ano do ensino médio. Além dessa experiência conjuntiva vivenciada no colégio preparatório Alub, os participantes falam do sentimento de ser estudante oriundo do ensino médio público, em que predomina a descrença de docentes em relação à capacidade de seus alunos na entrada na universidade pública, como bem expressa os participantes: “os professores também da escola pública, a ver, nenhum incentivava ou acreditava na gente” (Tino) e “não tinha nenhum preparatorzinho nem nada -tava nem por dentro do que caía no vestibular”(Guadaci complementa). Dessa forma, os participantes não atribuem o mérito da aprovação na UnB à escola pública, mas aos cursinhos preparatórios que tornaram o sonho real.

Com o intuito de conhecer as percepções sobre o ensino médio público, a pesquisadora instiga os participantes a falarem sobre suas experiências. A narrativa apresentada pelos jovens nos leva a refletir a respeito dos objetivos do ensino médio, que ultrapassam a formação para a continuidade dos estudos, mas também abarcam a formação na cidadania e a formação para o

trabalho. Além disso, o relato dos participantes indica uma experiência conjuntiva em relação à formação acadêmica recebida na instituição pública, porém o significado atribuído ao ensino médio é distinto na trajetória escolar de cada participante (Linhas 52 – 130):

Y1: E que vocês acharam de forma geral da escola (.) durante o ensino médio?

Gm: Bom eu tive a chance de estudar eh: antes do ensino médio eu vim de Recife né (.) então eu estudei (.) eu estudava em uma escola muito boa lá era particular então quando eu vim pra Brasília que tive que estudar em escola pública assim eu eu consegui ver realmente a diferença -cê saí de algo que era muito bom lá em Recife e você vai estudar nenhuma escola pública (1) e era surreal pra mim, a começar pela média né que aqui pra você passar você tinha que tirar 5 (1) lá no colégio você tinha que tirar 7 pra você passar de; (.) bimestre (.) semestre; depende (.) da escola.Eh, (.) então começou por aí também começou eh: eu vim de uma escola cristã lá no Recife (1) e você vem aqui pra escola pública você ver a: liberdade que todo mundo tem que o professor não tem autoridade (2) e: isso era uma coisa assim que eu ficava abismado também as vezes até: (.) agora por lado mais educacional você ia fazia prova fazia prova em dupla; você fazia eh eh era umas coisas assim que eu fiquei assim impressionado tipo você tinha que esforçar pra reprovar de ano porque:

Tm: @tinha que fazer muito esforço@

Gm: Tinha que fazer muito esforço porque

Tm: ^L@tinha que querer@

Gm: ^L-cê tinha que realmente querer reprovar de ano naquela escola e mesmo assim, você via vários alunos reprovando; tipo sem compromisso chegava atrasado e: (.) e: colava em prova assim é chocante eu tive a chance assim (mas) eu sei que não são todos que podem se gabar disso pelo menos eu tive uma base muito boa, (1) que foi meu ensino fundamental foi muito bom, então eu não sofria muito assim pra: pra aprender pra pegar as coisas no ensino médio, mas assim quem (.) estudou a vida toda em uma escola pública assim (2) é notório você ver o déficit aluno de ensino médio não sabia fazer uma regra de três; (1) é foi foi impressionante pra mim o choque foi (.) foi grande (.) dos meus três anos que fiz de ensino médio aqui no DF

Tm: Eu sou tipo o o o do que ele falou do aluno que estudou sempre em colégio público (1) o colégio se em Brasília é ruim (.) o ensino público (.) imagina no interior de Goiás (1) pra ter ideia (.) eu saí do ensino médio (.) lá em Luziânia eu não em química a gente não tinha professor; tipo a gente não viu nem a tabela periódica (1) aí tudo o que eu aprendi na vida do pouco que eu sei foi no Alub (.) e eu lembro que na primeira aula lá (1) de matemática o professor lá do cursinho ele entregou uma folha e falou bem assim, ‘Ah galera essa folha é muito fácil (2) e só pra gente começar aqui que hoje é o primeiro dia,’ e todo mundo começou a fazer lá tranquilo e eu não sabia nada (2) aí eu lembro que eu cheguei em casa (.) ainda tinha isso né, sei lá 13 pra 14 anos; então eu já saía de Luziânia pegava um ônibus já vinha pra cá (.) aí eu lembro que quando eu cheguei em casa e eu chorei falei assim “mãe @eu não quero voltar não”@ aí eu lembro que eu fiz uma pergunta lá uma coisa que era simples mas eu não sabia e todo mundo me olhou (.) aí todo mundo me olhou assim como se fosse um tremendo idiota (1) lá no cursinho lá no Alub aí eu nunca mais fiz nenhuma pergunta (.) eu só chegava lá ficava calado o que eu não sabia eu estava sozinho

Gm: Não escrevia nem os papezinhos não (.) lá para tirar dúvida?

Tm: Ah:

Gm: Porque (lá no cursinho) você escrevia o papelzinho amassava e algum passava pro professor e o professor via lá

Tm: Ah na época eu era tão sei lá tão (1) a palavra que eu tenho é calouro porque calouro também tem medo de tudo né

Gm: Uhum;

Tm: Então eu era muito calouro lá do interior (.) do Goiás pra Brasília então (1) eu era (.) de tudo (.) então eu ia lá só ficava calado aprendia (1) mas o Alub me ajudou muito (.) e em relação ao colégio público, (1) academicamente eu não aprendi nada (.) mas pra vida eu aprendi muito (1) porque eu acho que você deve ter visto um pouco disso; (.) até mais porque além de ser um colégio público era um colégio de periferia então aí era até perigoso e tudo mais, tinha tipo a galera lá as ganguezinha (.) e você tinha que aprender a se portar (1) então isso eu aprendi muito a a a meio que respeitar entender as pessoas até pelo medo entendeu?

Gm: Uhum

Tm: E também uma coisa que a gente aprende muito no colégio público (1) é que eu sei lá não sou de uma família rica nem nada mas nunca me faltou nada (.) e tinha o meu colega (.) do lado que era bem melhor de vida do que eu e que não queria saber de nada e -tava lá porque o pai não ia jogar dinheiro no colégio particular então ele ia de moto e bla bla bla e tinha o meu colega do outro lado que ia lá pra lanchar (.) porque não tinha comida em casa. (1) então você consegue ver essa diferença e aí você começa (.) a ver a importância de ajudar as pessoas e de ser ajudado (1) porque é uma coisa que eu vejo muito aqui na UnB e tudo mais que a maioria é de família boa e tudo mais (.) ainda mais no meu curso que é odontologia a galera leva aqui igual o ensino médio (1) ninguém fica aqui nem vai no RU comer e não -tá (nem aí) pra ninguém se alguém -ta precisando de alguma coisa ou não (.) e no colégio público eu aprendi isso (.) a a a saber que tem alguém melhor que eu mas também tem alguém pior; (.) então como ensinamento de vida de respeitar as pessoas (.) eu acho que estudar no colégio público (1) é bem melhor do que estudar em colégio particular (.) respeito da vida de se tornar um ser humano (.) e também falando muito mais a respeito de ter gratidão as coisas (.) que lembra lá da sua sala do seu colégio lá do Guará e pra uma sala aqui na UnB (1) é um upgrade fantástico e aí eu chegava aqui? (.) eu lembro minha primeira aula foi no ICC (1) bioquímica aí eu cheguei lá e vi aquele auditório parecendo filme eu falei @‘caralho eu -tô num lugar que é foda demais é o melhor lugar’@ e meus colegas da Escola Particular 1 da Escola Particular 2 com aquela cara ‘Ah não aqui é ruim o ar condicionado não funciona bla bla bla’ e eu -tava feliz que as paredes não estavam pichadas (1) então o colégio público (1) se eu pudesse escolher novamente eu acho que eu teria estudado lá (.) porque eu acho que como ser humano mesmo sendo ruim valeu a pena;

Gm: °Massa°

Quando se trata de conhecimentos adquiridos na escola pública, os participantes outorgam um sentimento de ausência na formação acadêmica recebida pela instituição.

Guadaci atribui um significado negativo à experiência escolar realizada na Região Administrativa do Guará. O participante fala da escola pública a partir da comparação com a experiência escolar vivenciada no colégio privado em Recife. Assim, a escola pública é apresentada por meio dos problemas, destacando o sistema avaliativo, a média de aprovação, a ausência de autoridade docente e a falta de compromisso dos alunos. É destacado, também, que estudantes que tiveram uma trajetória escolar em instituições de ensino público possuem *déficit* na formação acadêmica.

O jovem demonstra dificuldade em se adaptar a essa nova realidade, assim como, expressa um sentimento de choque. No entanto, explica que não teve dificuldade para aprender, afirmando “eu sei que não são todos que podem se gabar disso, pelo menos eu tive uma base muito boa que foi meu ensino fundamental, foi muito bom”, indicando que não faz parte dessa realidade de estudantes que são marcados pelo *déficit* educacional. Para concluir, o participante diz que, com o nível educacional exigido pela escola pública, era impossível reprovar, reforçando, assim, a carência do ensino dessa instituição. Nesse momento, Tino dialoga com a fala de Guadaci para complementar e reforçar sua assertiva em relação à facilidade do ensino público. Contudo, posteriormente, se identifica com o modelo de aluno descrito por Guadaci, oriundo do ensino fundamental e médio públicos, para expressar que também apresenta um *déficit* educacional em sua formação escolar. Essa ideia é reforçada quando o jovem compara a escola pública do Distrito Federal, considerada por Guadaci como ruim, com o ensino do Estado de Goiás, especificamente do interior de Luziânia, indicando que a educação nessa região é pior.

Dessa forma, o jovem vê o cursinho preparatório como supridor do *déficit* educacional causado pela escola pública. Tino também apresenta a dimensão do esforço na aquisição da base acadêmica recebida pelo colégio Alub, pois expressa: “14 anos eu já saía de Luziânia, pegava um ônibus”, e, em um segundo momento, narra uma situação vivenciada no primeiro dia de aula, para demonstrar um sentimento de inferioridade em relação à base de conhecimentos que havia adquirido durante a sua trajetória escolar. Nesse momento, Guadaci questiona Tino sobre outras estratégias para realizar perguntas, mas o jovem utiliza a expressão calouro para dizer que era inexperiente, por pertencer ao interior de Luziânia e por ter medo de errar.

Em outra perspectiva, Tino apresenta o colégio público a partir da aprendizagem de valores, como o respeito ao próximo e principalmente o valor da ajuda, que, em sua concepção, são importantes para a formação humana. Ele também apresenta um sentimento de gratidão à experiência que teve na escola pública, pois lhe permitiu olhar para a UnB de uma outra maneira, valorizando a universidade pública como um todo.

Ainda nesse bloco, buscou-se conhecer as experiências mais marcantes durante a graduação (Linhas 131 - 278):

Y1: E como que foi a entrada de vocês aqui na UnB (.) como que foi o começo do curso (.) o que mais marcou durante a graduação?

Gm: A.: academicamente eu nunca (1) tive nenhuma dificuldade pra lidar com as matérias da UnB (3) eh obviamente você vai eh eu reprovei uma ou outra matéria cheguei a trancar outras (1) mas: assim (1) sabendo do que foi me oferecido em sala

de aula (.) sabendo do meu potencial (1) eh dava pra ter alcançado as notas tranquilamente (2) ma::s uma episódio interessante foi logo nos primeiros dias de aula que a gente faz uma matéria que é introdução a engenharia da computação (.) e aí a professora pediu pra gente se apresentar falar de que escola vem e tudo mais (1) e você via que 80% do da turma se não mais era Escola Particular 1 aí tinha Escola Particular 2 também eu (.) aí pra não dizer que eu era único de escola pública tinha um do colégio militar (1) que é considerado escola pública (.) aí eu mas demais assim eu era o único da turma assim de escola pública; e:: (4) e passei em terceiro (1) segundo colocado do vestibular (2) e mas assim você ver que (2) eh (2) é surreal como (2) como tem (1) a diferença de de (4) o preparo de uma turma que (1) 80% vem da Escola Particular 1 (.) se você pegar digamos (2) eh (2) se fosse 80% de escola pública eu acho que o pessoal não teria a base que o pessoal do Escola Particular 1 tinha (.) porque eu lembro que quando eu tinha aula de cálculo cálculo 1 tinha aluno que chegava assim já -tava respondendo (.) as questões (.) eu cara mas 'como é que você sabe responder isso (.) você chegou a ver no ensino médio?' 'Ah na Escola Particular 1 tinha você podia pegar a base de cálculo 1 lá' tipo você pegava matéria que era de cálculo 1 °e tudo mais° então assim eu caraca uau surreal (.) então eu aprendi do zero mesmo (.) mas assim, consegui não tive nenhuma: dificuldade não (.) foi deu pra pegar o ritmo da coisa tranquilamente °não sofri muito não (.) acho que vou passar a bola pra você°

Tm: Eu cheguei aqui e achei que seria igual no Alub na primeira aula eu ia sair chorando (1) aí eu vi a aula (.) eu peguei a ementa (.) olha como eu era uma pessoa esforçada (.) eu li a ementa lá bioquímica e falei assim 'pô bioquímica deve ser foda pra caralho'(1) aí eu pegava lá e via lá (1) sei lá ciclo de Krebs (1) aí eu pegava o livro (.) lá na biblioteca (.) livro gigante e estudava antes do professor dar aula (2) aí eu chegava na prova se:i lá eu disputava nota com uma menina que só tira SS a vida inteira (.) aí @eu vi que eu não precisava daquilo@ no começo eu estudei muito (.) aí eu vi que era de boa (.) odonto é muito (1) eu acho que (2) não sei por nível superior eu acho muito fácil eu acho que só exatas que força um pouquinho; agora o resto (1) o professor dá aula ainda mais que a média aqui é 5 (.) se tu prestar atenção você vai lá pra prova (1) tira 5 de boa (2) então esse é um dos problemas (.) que: eu não sou uma pessoa assim muito assim muito esforçada (.) então eu comecei a ver que dava pra levar (.) aí eu fui levando (1) e a respeito do que ele falou dos alunos eu acho que na minha sa- (.) na odonto inteira só eu era de colégio público mesmo (1) porque na época que a gente entrou não existia Enem.

Gm:

↳exatamente°

Tm: Então aí a galera do colégio militar mas colégio militar é melhor que os particulares (2) então só **era eu** (3) e aí eu ficava assustado assim (.) olhava (2) é:: e a respeito que ele falou do preparo das pessoas (2) os meus colegas de odonto (1) não sei como é que são de engenharia eu converso (.) muito com o meu irmão (1) essa galera de colégio particular eles são (1) condicionados (2) eles vem sei lá física desde o sétimo ano (.) sei lá e vão aprendendo a fazer conta a decorar fórmula então você dar uma formula e eles () agora se você colocar eles pra pensar fora da caixinha (.) eles travam e na odonto muitas vezes você tem que pensar fora (.) da caixa aí quando é uma coisa que é só decorar (.) eles são tranquilo (.) agora uma coisa que você tem que pensar e analisar (1) as vezes eu me sobressaio (2) porque no colégio público até pra não precisar estudar você começa 'ah talvez o professor vai querer isso' então tinha seminário que eu nem fazia eu chegava lá (falava) então (.) o colégio público ele me deu essa coisa de pensar fora da caixa (1) e eu tenho uma amigo meu que é da química aqui (.) ele -tá no doutorado e ele também é de colégio público e tudo mais (.) a gente sempre fala se o aluno da Escola Particular 1 da Escola Particular 2 do que for (.) levasse a vida a sério (.) a gente não teria nenhuma chance (2) então eu fiquei muito feliz com essa galera que -tá nem aí @porque se não eu -tava lascado@ (1) não é? agente teria uma chance contra eles se eles levassem a vida a sério

Gm: Não me surpreende que o Uniceub -tá cheio de pessoal que estudou na Escola Particular 1, Escola Particular 2

Tm: Nossa

Gm: Se tipo (.) se tivesse feito o mínimo tinha entrado na UnB

Tm:

↳sim

Gm:°Se tivesse feito o mínimo°

Tm: E tomado a nossa vaga
Gm: Não tinha tomado não

Os participantes expressam um sentimento de minoria oriunda do ensino médio público em seus cursos e demonstram que a origem escolar constitui-se como um diferencial no desempenho acadêmico, pois aqueles que são provenientes do ensino médio privado, principalmente de instituições de renome em Brasília, destacadas pelos participantes, como Escola Particular 2 e Escola Particular 1, são bem preparados academicamente e provavelmente não terão muitas dificuldades de aprendizagem na universidade. Em contrapartida, a narrativa dos jovens dessa pesquisa evidencia que, por serem estudantes oriundos do ensino médio público, tiveram que realizar mais esforços no processo de ensino e aprendizagem, como bem expressa Guadaci, “então eu tive que aprender do zero mesmo”, e reforça Tino, ao contar que no começo do curso era uma pessoa esforçada para competir com aqueles que sempre adquiriam uma menção superior nas matérias. Contudo, os participantes não demonstram ter tido grandes dificuldades no que se refere ao desempenho acadêmico.

Em outra perspectiva, Tino apresenta que, na escola pública, aprendeu a pensar além do que é memorizável, isto é, pensar de forma criativa. Assim, para ele essa aprendizagem configurou-se como um diferencial em seu curso, que, muitas vezes, exige do aluno “pensar fora da caixinha”. Para concluir sua narrativa, o jovem compreende que a formação escolar de estudantes de colégios privados os coloca à frente de estudantes provenientes de escolas públicas, com o intuito de aclarar que, se eles tivessem se esforçado, eles teriam conquistado seu espaço na universidade pública. Guadaci concorda com a elaboração feita por Tino, porém demonstra que, independente dos esforços dos alunos do colégio particular, ingressaria no ensino superior público, ao dizer que não tomariam sua vaga, visto que ele passou em colação boa no vestibular.

Com o intuito de conhecer melhor o momento mais marcante durante a graduação, a pesquisadora reforça a pergunta de forma enfatizada (Linhas 191 - 268):

Y1: Mas o que mais marcou durante a graduação (1) teve algum projeto (2) eh professores que marcaram durante a graduação?

Gm: Ah sempre tem um outro professor assim que você sempre vai lembrar com carinho (2) eh infelizmente na engenharia da computação não tem tanto contato assim tipo (.) o contato mais humano da coisa com o seu professor, é? uma profissão meio que isolada que você escolhe (.) tipo você decide programar (.) fazer site e tudo mais (.) é uma relação com o seu computador (.) então você não tem o lado muito humano da coisa (.) eh mas assim você admira sim um ou outro professor (.) é tem um contato mais próximo (.) seja porque fez pibic (.) fez algum outro projeto e tudo mais (.) é admiro professores da elétrica com quem eu tive uma parte assim que me interessou bastante na parte do curso; a parte de elétrica eh (2) e quanto assim experiência (1) inesquecível única assim (.) eu diria que foi o próprio Ciência Sem Fronteiras (.) foi, assim eu sou muito grato de ter entrado na UnB (2) porque pela UnB, foi o meu

ingresso no Ciência sem fronteiras; e assim foi uma **bola de neve né** (.) eu entrei na UnB (.) Ciência sem fronteiras (.) conheci a minha esposa no intercâmbio (.) casei com uma estrangeira (.) então tipo nada teria acontecido se não fosse:: (.) entendeu (.) tipo foi o primeiro passo a UnB depois CsF e depois que voltei do CsF me deu uma base muito legal pra (1) assim que eu voltei entrei em um estágio numa empresa que é a minha atual empresa onde eu trabalho atualmente; então assim foi um divisor de águas eu diria °foi o Ciência Sem fronteiras foi mais marcante com certeza°

Tm: E::u (2) não sei explicar (.) em odonto (3) as pessoas são muito esquisitas (.) eu não eu tenho uma piada que o médico que não passou no vestibular ele é o dentista (.) então a maioria dos meus colegas que não passou em medicina é gente chata (.) arrogante (.) é gente esquisita (1) e os professores eles são muito bons (.) então eles estariam muito melhor fora da universidade (1) abrindo consultório e -tariam muito mais ricos (.) então eles estão aqui só pra elevar o ego (.) então muitas vezes eu -tava triste desanimado (.) aí eu -tava falando pra vocês do meu tcc que é a respeito de trauma dental (.) que é um projeto que eu entrei (1) eu -tô nesse projeto sei lá (2) eu acho que eu entrei no terceiro ano (1) então eu -tô lá juntando o intercâmbio a quase 5 anos e lá foi (.) os melhores momentos que eu vivi na odonto (2) porque lá (1) quem participa do (.) tem alguns professores da UnB e tem profissionais de outros lugares (.) então ali eu consegui ver um outro lado da odonto (1) pessoas que estão ali pra se ajudar que não é só ver o outro como concorrente (.) que não fica só se gloriando (.) então os melhores momentos (.) foi nesse projeto (.) que é um projeto de (.) dental (.) prevenção e tratamento é (.) então os melhores momentos foi nesse projeto (.) é claro na vida acadêmica a gente também faz (2) grandes amigos então (.) os meus amigos muita brincadeira (.) e sinto muita falta deles né (.) porque eu fui né @a gente vai e a turma fica@

Gm: É, exatamente

Tm: Eeles formam e a gente fica

Gm: °(É)°

Tm: Então como alguns não né

Gm: @Alguns não (.) alguns ainda continuam@ tem umas lendas no meu curso aí (.) eu fui e voltei e ainda formei primeiro que muita gente ali no meu curso; tem uns que, eh engenharia não é mole não

Tm: É odonto é mais tranquilo

Tm: A odonto como eu já falei é bem mais fácil então (1) e também eu acho que a engenharia além de ter a desistência a galera que fica (2) não tem como você enrolar (.) porque ou você já ou você não sabe (.) agora na odonto se você vai enrolando (.) você decora um negocinho e vai passando (1) e no final a metade que forma não vai ser dentista (1) nem eu sei que também é muito frustrante (.) não sei, você faz um programa lá (.) dar errado você fecha (.) no outro dia você abre e faz todo (.) **agora tu planeja, tu fica lá a tarde inteira lá com o paciente e tudo mais** (.) aí no final não dar certo; -cê sente a pior (.) **uma pessoa mais idiota do mundo então esse momento é muito triste** (.) **quando alguma coisa não dar certo e aí você simplesmente não pode desligar o paciente** e ele tá lá no outro dia de manhã; então pensa em uma profissão bem difícil (.) em relação a isso (.) aí igual ele falou que ele agradece muito a UnB pelo Ciência Sem Fronteiras eu sempre brinco (.) eu falo bem assim ‘pô a odonto se eu não ser dentista @ ao menos eu fui para o CsF por causa dela@

Gm: (Fez o intercâmbio)

Tm: Sim (.) então é isso.

Ao relatarem sobre o momento mais marcante na UnB, os participantes apresentam algumas problemáticas vivenciadas no curso, como a ausência de contato mais próximo e humano com professores, a concorrência entre os estudantes, a desistência do curso e a complexidade de lidar com o sentimento de frustração gerado pela prática. Contudo, evidenciase que a experiência de intercâmbio foi um evento que marcou de forma distinta a vida universitária dos jovens dessa pesquisa.

Guadaci faz uso de duas expressões “bola de neve” e “divisor de águas”. A expressão “bola de neve” pode ser compreendida pelas oportunidades propiciadas pelo ingresso na UnB, ou seja, a entrada na instituição possibilitou a realização do intercâmbio e essa experiência no exterior ocasionou ganhos para a sua vida pessoal e profissional. Já a expressão “divisor de águas” pode significar que a participação no programa Ciência sem Fronteiras constitui-se como um acontecimento que trouxe mudanças para a sua vida. Dessa forma, Guadaci manifesta sentimento de gratidão a sua entrada na UnB e atribui um significado de transformação à experiência de intercâmbio, que marcou a sua trajetória acadêmica.

Para compreender o significado do momento mais marcante na trajetória acadêmica do estudante Tino, faz-se necessário olhar para a sua trajetória escolar realizada no Colégio Estadual 1, localizada na cidade de Luziânia-GO. Em relatos anteriores, o jovem afirma que na escola pública aprendeu o valor da ajuda ao próximo e que essa aprendizagem foi importante para a sua formação humana. Dessa forma, o valor da ajuda permanece com Tino em sua vida universitária, por esse motivo, podemos inferir e compreender o despontamento apresentado em relação ao curso de odontologia, ao referir que se deparou com pessoas individualistas. Nesse sentido, para Tino o melhor momento vivenciado na odontologia foi em um projeto em que teve a oportunidade de sentir novamente o valor da ajuda. Com o intuito de reforçar o despontamento com o curso, o estudante afirma que, se não for dentista, pelo menos participou do programa Ciência sem Fronteiras, para demonstrar que ganhou algo com o curso.

3.3.2.4 Percepções sobre o intercâmbio

Motivação para participação e escolha do país de intercâmbio

“Você não pensa que pode acontecer com você, você agora graduando assim, mal sabe nada da vida assim e ser mandando para o exterior, era uma realidade distante assim pra gente, eu acho.” Guadaci

Nessa passagem, buscou-se conhecer as motivações para a participação no programa CsF, assim como o que foi determinante na escolha do país de intercâmbio (Linhas 279 - 392):

Y1: Qual foi o principal motivo pra participar do Programa Ciência sem Fronteiras?
Gm: “Eu” eu caí de paraquedas; pra mim pensar em intercâmbio (.) ainda mais financiado pelo Governo era algo tão distante assim, que eu pensava que isso era coisa só pra mestrando doutorando e tal (.) aí eu tinha ouvido falar da primeira leva que

alguns amigos foram e tal (.) mas assim eu fiquei sabendo, mas não tinha me aprofundado em buscar ah vou me inscrever pro próximo não (.) aí uma vez (.) chegaram na turma falando ‘Ah tem (.) você se inscreveu pro Ciência sem Fronteiras?’ eu ‘não eu pô’ ‘ainda tem inscrição aberta’ quando eu fui ver as inscrições abertas era pra Portugal; Corrêa do Sul (.) Japão lugares que assim (.) **só Portugal** que eu falava a língua né (.) o resto zero chances de eu aplicar (1) aí eu sei que eu apliquei pra Portugal (.) e não sei se você ficou sabendo dessa chamada que foi cancelada a chamada de Portugal

Tm: Eu acho que eu fui nessa

Gm: Foi cancelada a chamada pra Portugal (.) aí pediram pra eu escolher entre Austrália (.) Reino Unido Estados (.) aí eu escolhi Reino Unido porque pô eu queria ir pra Europa

Tm: L_{sim}

Gm: e aí falaram ‘você tem que entregar essa nota de inglês até tal prazo’ e não ia dar (.) o tempo que eu ia receber a resposta (.) o tempo que eu fizesse essa prova pra receber a resposta não ia dar o prazo que eu tinha que entregar a nota (.) então (.) eles me colocaram para os Estados Unidos (1) e aí pra uma cidade **que eu nem escolhi** para os Estados Unidos

Tm: Só vai

Gm: Só vai (.) aí: eu terminei indo (.) mas **foi bem que paraquedas** assim foi alguém que chegou no centro acadêmico e falou ‘você já se inscreveram (.) tá aberta’ eu me inscrevi pra Portugal (eu pensei aquilo) vai que cola né (1) e **tinha IRA bom** (.) tinha todos os requisitos (.) tinha Enem no tempo que ninguém fazia Enem

Tm: É

Gm: Eu tinha feito só por esporte (.) fui lá; **assim** a professora do nosso (1) da escola pública ela (.) não sei se ela recebia uma bonificação por olímpia de matemática ou por Enem (.) não sei (.) eu sei que tudo que envolvia matemática ela me colocava pra fazer tal (.) eu fiz Enem nessa brincadeira também; aí quando eu fui vendo que eu tinha Enem

Tm: Tinha tudo

Gm: Tinha IRA (.) tinha é (.) participação de projeto e tudo mais eu ‘ah; (sei lá) °não custa nada fazer aí colou (.) deu tudo certo°

Tm: Eu também (.) eu não sei porque eu fiz Enem (.) -tô tentando lembrar, acho que eu fiz Enem porque era de graça

Gm: É (.) pra rede pública é de graça (.) assim não tinha motivo da gente fazer, mas

Tm: Ou foi Deus

Gm: Sinal divino né

Tm: Eu acredito muito (.) eu sou muito católico (.) e eu nesse negócio de CsF ele começou (.) eu -tava numa aula de citologia (.) eu -tava no terceiro semestre no segundo semestre (1) e aí tinha um mestrando lá (.) e eu gostava de conversar com pessoas (.) diferentes (1) as pessoas de odonto (.) não sei explicar (.) elas são tipo um lixo (.) é tudo igualzinha (.) eu gosto de conversar com outras pessoas (1) aí ficava conversando com esse mestrando lá (.) aí ele chegou e falou ‘ah cara tem esse negócio chamado Ciência sem Fronteiras é muito legal bla bla bla bla bla’ **eu nem dei moral** (.) falei assim ‘ah beleza’ (.) igual ele falou (.) não isso daí é pra galera que tá lá no mestrado

Gm: L_{você não pensa que pode acontecer com você} (.) tipo você agora graduando assim (.) mal sabe nada da vida assim e ser mandando para o exterior (1) é uma realidade distante assim pra gente. °eu acho°

Tm: **Aí passou alguns semestres** (1) aí eu -tava (1) na crise de mudar de curso (.) você teve essa crise?

Gm: Ah; tive (.) até você passar em uma matéria você não sabe se você pertence a esse curso ou não (.) tem uma matéria que é o paredão máximo assim (.) se você passar de (.) OC consegue °se formar no curso°

Tm: A nossa lá eu acho que é dentística (.) que é quando você faz instalação

Gm: Vixi::

Tm: Aí você ver lá que uma criança é melhor que você com aquela massinha (.) aí todo mundo triste lá e tal (.) aí eu sempre (1) **eu sou meio revoltado mesmo** com as pessoas de odonto (.) porque eu acho elas muito fúteis e aí a minha dupla (1) minha dupla é um amigo (.) é um irmão da vida (.) minha antiga dupla né (.) porque ele

formou e eu -tô aqui (.) eu fui até padrinho de casamento dele e aí nessa época ele chegou e falou ‘Pô cara eu me inscrevi no CsF’ (1) e não quis nem saber o que era (.) eu só virei e falei ‘**Pô você vai me deixar sozinho aqui nessa merda?’ (1)** aí ele ‘**Pô hoje é o último dia (.) @se inscreve também’@ (2)** aí a gente foi se inscrever lá no CA e a internet não funcionava (.) aí eu dei os meus documentos pra ele e ele que me inscreveu (1) eu nem (1) aí a gente colocou lá Portugal também porque a gente não tinha certificado de língua nenhuma (.) e pronto (.) aí nesse meio tempo ele engravidou uma menina e tal (1) aí chegou um certo dia uma galera lá (1) porque a odonto é assim (.) não teve um grupo falando ‘ah vocês se inscreveram pro CsF?’ Não (.) **quando saiu o resultado um monte de gente ‘Ah eu vou pro CsF’ ninguém tinha avisado pra ninguém**

Gm: Uhum

Tm: Tipo (.) a gente ficou de bico calado @porque o meu amigo ia ser pai@ porque se isso chegasse na futura esposa dele (.) ele ia morrer né (.) porque ele queria ir pra fora (.) **então a gente ficou lá quietinho agora o resto (.) tipo egoísmo mesmo** (.) aí chegou uma galera lá ‘ah vou pra fora e bla bla bla’ aí eu olhei assim e falei assim ‘ih, caralho’ a gente olhou no e-mail e tinha recebido esse e-mail também que era (.) que colocou pra Portugal também e que era pra outros países bla bla bla

Gm: °O processo foi um pouco mais demorado (.) mas nos últimos meses assim você recebe uma resposta do lugar definitivo que você ia (.) você recebe uma carta da universidade né quando você é aceito°

Tm: Aí (.) mas o meu eu tive primeiro? (.) porque aí (2) eu queria ir pra Europa e eu já tinha um amigo que foi pro Reino Unido e ele falou que tinha que entregar esse documento inglês e eu sabia que não ia dar tempo e eu sabia que não ia conseguir essa nota

Gm: Era uma prova de inglês que tinha que fazer (.) mas não dava (.) °o prazo era curto pra ir pro Reino Unido°

Tm: Aí eu sabia que não ia dar (1) e eu falo espanhol (.) mas não tinha Espanha (1) aí tinha Itália (.) mas eu não queria aprender outra língua latina que não serve pra nada (.) **aí tinha Alemanha lá cara (.) aí eu acho que é Deus (.) eu não sei** (.) eu comecei a pensar assim ‘pô quando vou poder aprender Alemão na vida’

Gm: Então você foi pra Alemanha então?

Tm: Eu fui pra Alemanha (.) e eu queria ter a experiência (.) de tipo (2) sei lá (1) aqueles brasileirosque vão pra fora sem saber nenhuma palavra de nada (.) eu queria ter essa experiência na minha vida (1) aí foi acho que uma das experiências **mais fantásticas** (.) eu não sei (.) tu pesquisou pra onde tu ia e tudo mais?

Gm: Ah óbvio (.) quando você recebe a carta a primeira coisa que você faz você joga a cidade no google

Tm: **Então (.) eu queria chegar lá tipo sem saber nada**

Gm: Sério?

Tm: Aí: acabou o semestre aqui (.) aí uma semana depois eu ia viajar (.) eu sabia (1) tipo que eu ia entrar (1) no avião (.) depois não sabia mais de nada (.) não sabia onde ia chegar (.) **foi a sensação mais sensações fantásticas tipo (1) de você (.) eu não sei explicar (.) mas foi uma sensação tão boa** assim; do desconhecido (.) que eu chegar em um lugar e eu não ia saber de nada (.) eu não sei explicar (.) mas foi uma sensação fantástica que eu sei que nunca mais vou sentir na vida (.) porque depois volta no exterior você já sabe (.) não é mais calouro

Gm: É

Tm: Então (.) foi um desses motivos da minha escolha da Alemanha (.) ir pra uma língua que eu não sabia nada e pro um lugar que eu não sabia de nada (.) **foi uma experiência fantástica**

Gm: Você foi ()

Tm: Sim=sim

Gm: Quando eu fui pro Estados Unidos eu já sabia inglês (.) tanto que eu -tava **na dúvida** entre os países que falavam inglês

Tm: E eu acho que fica ali a linha tênue entre a coragem e a loucura

Gm: °É°

A expressão “cair de paraquedas”, utilizada pelo participante Guadaci, pode nos auxiliar na compreensão do significado de um intercâmbio para os jovens desse grupo, pois o termo remete a um acontecimento que ocorreu de forma inesperada, que não foi planejado ou que nunca foi pensado por eles. Os participantes demonstram desconhecimento em relação às oportunidades de intercâmbio voltadas para a graduação, justificando que essas iniciativas são mais voltadas para estudantes da pós-graduação. Assim, fazer intercâmbio configurava-se como algo distante da realidade dos estudantes. Como bem expressa Guadaci, “você não pensa que pode acontecer com você tipo você agora graduando assim mal sabe nada da vida assim e ser mandando para o exterior”.

O incentivo para participar do programa não ocorreu por meio de fontes oficiais, mas através de amigos e/ou de outros estudantes. Dessa forma, evidencia-se a importância da criação de uma rede de informações, por meio de palestras e eventos destinados a mostrar as oportunidades de estudar no exterior.

Quando se refere à escolha do país de intercâmbio, a narrativa dos participantes indica que a ausência do certificado de proficiência de idioma estrangeiro limita as opções de escolha do país de intercâmbio, visto que, os jovens escolheram Portugal devido ao idioma falado no país. Em decorrência do cancelamento do edital para Portugal, a nova escolha do país de intercâmbio foi pautada pelo desejo pelo desconhecido. Já Guadaci demonstra interesse por países europeus, contudo, pela falta de certificado, “caí de paraquedas” em uma cidade dos Estados Unidos que não escolheu.

Ainda nessa passagem, a pesquisadora realizou uma pergunta subjacente sobre o possível incentivo dos pais para a realização de intercâmbio (Linhas 393 - 424):

Y1: E vocês tiveram incentivo dos pais de vocês pra fazer intercâmbio?

Gm: Tive (.) recebi da minha mãe (.) do meu pai não (.) **meu pai é muito** (.) sei lá; (.) desde cedo foi trabalhar a vida toda dele foi dedicada ao trabalho e tudo mais; também não teve uma educação assim de qualidade igual minha mãe teve né (.) minha mãe chegou a fazer ensino superior meu pai não (.) então ele é muito cabeça fechada pra algumas coisas (.) °entendeu°. Então quanto a intercâmbio ele ‘Não, que viajar o que não sei o que ficar aqui trabalhar aqui não sei o que não sei o que não sei o que se forma logo’; quanto a minha mãe não, ‘No meu tempo eu nunca ia ter uma oportunidade dessa então você -tá tendo uma chance mergulha mesmo vai de cabeça’ e foi isso aí **incentivo da minha mãe** e não muito do meu pai;

Tm: Eu (.) como eu não acreditava que eu ia (.) eu não falei pra ninguém

Gm: Sério?

Tm: Pra ninguém criar expectativas pra ninguém encher o meu saco (.) aí chegou, (.) esse negócio (.) de qualquer forma eu não acreditava (2) aí tá bom (.) aí depois chegou outro e-mail lá com o intimado assim tipo ‘escolha o país’ aí eu fui conversar (1) com meu irmão porque eu e meu irmão a gente é muito amigo e tal e falei ‘e aí (.) você acha que vale a pena?’ aí ele falou **‘Claro que vale** (.) você tem que ir não sei o que lá não sei o que’ aí eu fui (2) pensar no que eu queria antes de falar com minha mãe (2) porque o meu pai é mais ou menos o que (2) o Guadaci falou (.) mais cabeça dura cabeça fechada (.) então eu já sabia mais ou menos o que ele ia falar (.) mas tipo eu

não queria colocar a decisão na minha mãe (.) ah mãe o que você acha que eu faço (.) porque eu acho que é uma responsabilidade muito grande você chegar assim e falar ‘o que eu faço’ (.) aí se no futuro eu me arrepender eu vou por a culpa nela (.) aí então eu já fui decido eu só cheguei assim @‘**Ah mãe eu vou pro intercâmbio**’@ (.) aí ela ah (.) eu falei mãe @ -tô só comunicando que eu vou@ (1) aí ela no começo ela não queria e meu pai também não (.) meu pai ‘**Ah bla bla bla** tem que trabalhar formar logo bla bla bla’; aí o (amigo dele) começou a falar ‘Ah vai ser legal demais’ **aí meu pai ficou @todo empolgado@** ‘**Não Tino você tem que ir você tem que ir**’ (1) aí a minha mãe depois empolgou também e tudo mais; mas foi isso tipo (1) eu não gosto de colocar as minhas decisões de vida na mão de ninguém porque eu sei que lá no futuro se eu me decepcionar com alguma coisa (1) você pode querer jogar culpa naquela pessoa, então (1) eu ponho a responsabilidade toda em cima de mim (1) então não teve incentivo vai ou não vai (.) tipo eu decidi e só falei assim (.) ‘mãe estou indo’.

O relato acima revela que, na concepção dos pais dos participantes dessa pesquisa, o intercâmbio, a princípio, não é visto a partir dos ganhos, mas concebido como perda de tempo e/ou causador de atraso na conclusão da graduação e no ingresso no mercado de trabalho. Guadaci associa o incentivo recebido para a realização do intercâmbio à formação escolar de seus pais, ao revelar que foi incentivado por sua mãe, dada a formação acadêmica que ela recebeu durante a educação superior, por esse motivo reconhecia que a oportunidade que seu filho estava recebendo era única. Ao falar de seu pai, o participante utiliza a expressão “cabeça fechada” para referir-se à formação que ele recebeu em comparação à formação de sua mãe e que, por trabalhar a vida toda, o valor do trabalho possuía mais valia.

A narrativa de Tino reforça a ideia de que fazer intercâmbio era visto como um evento distante de sua realidade social, ao afirmar: “como eu não acreditava que eu ia, eu não falei pra ninguém”, manifestando um sentimento de descrença diante da oportunidade. Em seguida, o estudante também utiliza a expressão “não criar expectativas”, revelando um sentimento de medo de gerar esperança nas pessoas de algo em que ele mesmo não acreditava. O relato do jovem também sugere um sentimento duvidoso em relação à contribuição do intercâmbio, quando ele diz que questionou seu irmão sobre a validade da possível experiência. Em contrapartida, o estudante demonstra preocupação em ser autor principal em suas próprias decisões, por reconhecer que o intercâmbio representava algo grandioso. Por reconhecer a importância, manifesta receio em decepcionar-se futuramente e culpar aqueles que influenciaram a sua decisão. Dessa forma, Tino diz que não houve incentivos por parte de seus pais, principalmente de seu pai, que, em sua concepção, pensava igual o pai de Guadaci em relação ao valor do trabalho. Apenas em outro momento, a partir da opinião de um amigo que via o intercâmbio como uma experiência positiva, seus pais se animaram com a ideia.

Experiência na universidade de intercâmbio

“Assim eu sou outro Guadaci eu diria assim o Guadaci que saiu da engenharia da computação antes do intercâmbio e o que voltou, é surreal, eu aprendi muito”

Guadaci

O intercâmbio possui o potencial de propiciar aos jovens universitários novas experiências, que são vivenciadas em diferentes espaços e com diferentes sujeitos. Dessa forma, buscou-se, nessa passagem, conhecer as experiências de intercâmbio na universidade (Linhas 425 - 485):

Y1: Vocês poderiam falar agora um pouco sobre a experiência na universidade que vocês realizaram intercâmbio?

Gm: Ah pra mim foi a melhor possível foi sensacional; eh:: (2) se na UnB eu não tinha um contato tão humano com professor assim lá eu tive a chance de ter (3) e foi bom que você ver professores das mais diversas (.) culturas (.) tem professor que é Indiano (.) você vai ter um professor que é Ucrâniano (3) eh parando pra pensar assim (2) ah tive aula com professor Americano, -tava na dúvida se tive ou não (.) mas tive (.) **e foi** das melhores possíveis assim; eh esse professor ucraniano inclusive (1) escreveu cartas assim (.) de pós graduação caso eu quisesse fazer lá e tudo mais; eh (2) també::m quanto a questão das notas assim foi uma diferença gritante que eu vi (.) que no meu curso eu me esforço igual um condenado e as vezes você recebe um MM por isso (1) lá não se você realmente se esforçar você ver o (.) eh (.) o seu mérito (.) ser reconhecido né (.) você consegue ver isso lá na prática (.) então lá se eu me esforçasse se eu não me esforçasse você ia receber lá o seu B seu C mas se você realmente se esforçasse você -tava tirando seu A. (1) **e aqui na UnB não** (.) caramba você sempre se esforçava e tudo mais e as vezes não conseguia ficar com o seu SS entendeu? Você tirava lá seu MM; um MS suado (2) e lá não (.) então lá eu tive a chance de ficar todo semestre que eu participei lá (.) que eu fiquei 1 ano e meio (.) em todo o semestre eu: fiquei na lista dos melhores alunos do curso e tudo mais então (.) isso foi muito bom isso assim foi (2) eh **assim eu sou outro Guadaci eu diria assim** o Guadaci que saiu da engenharia da computação antes do intercâmbio e o que voltou; (.) é surreal (.) eu aprendi muito (.) ah outra experiência que você tem a chance de ver eh (.) você tem aulas curtas (.) são aulas de 50 minutos e muito mais home (.) então eles passam muito mais tarefas de casa pra você (.) aí você chega lá na aula (.) você já vai preparado pra aula entendeu (.) a aula é para o professor tirar uma dúvida ou outra e tal de dar o rumo da coisa (1) ma::s aulas curtas de 50 minutos (.) então você (.) não era algo maçante da UnB que você assiste com o olho pegando fogo já assim de sono que vai te dando (.) eh muito tarefa de casa então você aprendia muito na prática (.) você tinha toda uma estrutura caso você tivesse dúvida e tudo mais eh você falava direto com professor (.) monitoria outra assim uma experiência sensacional eu diria melhor possível não tinha como ser melhor não

Tm: A minha experiência na universidade lá (1) eu achei o lado negro do Csf que é a total falta de organização (1) que lá na Alemanha primeiro eu fui fazer o curso de Alemão (.) então isso foi muito organizado (2) mas já a entrada na universidade eles terceirizaram lá pro (1) DAAD que é tipo um órgão lá de intercâmbio Alemão (1) aí: (.) a gente foi porque primeiramente era só pra; exatas que era bem mais organizado (.) eu acho que eu fui o primeiro (.) sei lá o segundo que eles abriram pra saúde (.) que eles colocaram lá ciências da saúde uma coisa assim (.) e aí eu acho que na cabeça deles é tudo a mesma merda (.) que a gente chegou lá: a gente fez o curso de alemão aí eles disponibilizaram algumas vagas e a gente que teve que (.) mandar carta pra

universidade e a gente que teve que correr atrás de tudo e não tinha vaga para a odonto (2) tinha só vaga lá bem (aberta) umas coisas bem zuadas (.) e aí eu e uma colega minha (.) que eu fui com uma colega minha daqui da UnB (.) a gente foi pro mesmo lugar (.) a gente=a gente tentou fazer aquela gambiarra (2) a gente se inscreveu pro curso lá técnico de medicina (.) que aqui no Brasil não existe e tipo uma medicina técnica (.) é um curso que você aprende: a trabalhar com as máquinas que envolve a saúde tipo (.) e tudo mais (.) porque nessa universidade tinha odonto (.) aí a gente achou que lá é tipo UnB que lá a gente ia poder (1) fazer curso e tal (.) aí quando a gente chegou lá na universidade a gente foi atrás (.) aí a nossa (1) preceptora lá falou que não podia fazer nada (.) aí a gente foi conversar com os professores de odonto ninguém deu moral pra gente (1) então a gente de odonto não conseguiu fazer nada (.) quem? recebeu a gente muito bem foi o professor de anatomia (.) que a gente já tinha feito aqui (.) então isso foi muito legal (.) que a gente conseguiu lá a gente disseco lá cabeça (.) o professor lá recebeu a gente muito bem e também um dos problemas que eu fui eu -tava muito novo no curso -tava sei lá no quarto semestre (.) então (1) ainda mais odonto que é uma área que você vai construindo o conhecimento vai fazendo as áreas pra depois ver a boca e tudo como um todo (.) só agora que eu consigo ver 'porra (.) olha o tanto de poder ter ido atrás lá' que na época eu não sabia de nada eu era um calouro ainda (.) então isso também (.) prejudicou muito **aí eu fiquei** um ano na universidade; aí no primeiro semestre eu só fiz anatomia fiz algumas aulas lá que não prestou pra nada (.) aí no outro semestre falei pô não -tô fazendo nada vou buscar um estágio (1) aí entrei em contato com uns amigos do Brasil lá e consegui um estágio em outra cidade (.) aí eu fiquei em uma clínica lá uma clínica particular uns dois meses que isso foi bem legal (.) mas de qualquer forma lá tinha tudo tipo (.) eu estudo aqui o professor fala tem um negócio tecnológico que não a gente não tem aqui no Brasil (.) tinha na clínica (.) mas eu não conhecia muita coisa sobre odonto; então (1) dois problemas grandes que é a desorganização do Ciência sem Fronteiras e também que eu fui muito novo no curso (1) eu não sabia de muita coisa (.) isso atrapalhou.

Os jovens apresentam perspectivas diferentes em relação à experiência acadêmica na universidade de intercâmbio, demonstrando que estudar no exterior pode propiciar novas experiências que não foram vivenciadas na universidade de origem. Por outro lado, evidencia-se que a forma que os programas de mobilidade estudantil são planejados e executados pode influenciar positiva ou negativamente na experiência de intercâmbio.

O participante Guadaci atribui um significado positivo à experiência acadêmica na universidade de intercâmbio, que é vista a partir daquilo que não foi vivenciado na Universidade de Brasília, como a relação mais próxima com os professores, as oportunidades de ter aulas mais curtas e com docentes de diversas culturas e, principalmente, o modelo avaliativo. Esses aspectos apresentados pelo jovem sugerem uma reflexão acerca da forma que se dar a formação de engenheiros da computação na UnB, que parece apresentar uma carência na formação mais humana dos estudantes, quando o próprio participante Guadaci diz que é uma profissão isolada, para explicar que a relação se dá de maneira mais forte com o computador. Dentre outros aspectos apresentados pelos participantes relativos ao percentual significativo de desistência e reprovação no curso de engenharia da computação, Guadaci indica que a experiência na universidade oportunizou mudanças em sua vida, indicando que a organização, o modelo avaliativo e as relações estabelecidas no curso são fatores que possuem relevância em sua

trajetória acadêmica, ao dizer “eu sou outro Guadaci eu diria assim, Guadaci que saiu da engenharia da computação antes do intercâmbio e o que voltou é surreal”.

Em outra perspectiva, a fala de Tino revela aspectos importantes que podem influenciar na experiência proveitosa ou não na universidade de intercâmbio e que estão diretamente relacionados à maneira que o programa está organizado, tais como: oferta de cursos correspondente à área de estudo dos bolsistas, acolhimento da universidade no exterior e realização de um processo seletivo de alunos que estejam em semestres adequados, para que o mesmo vivencie outras experiências acadêmicas na universidade de intercâmbio. Esses fatores apresentados são importantes para o melhor aproveitamento acadêmico, pois o bolsista Tino expressa sentimento de despontamento no que refere-se ao melhor aproveitamento acadêmico da experiência na Alemanha “só agora que eu consigo ver ‘porra (.) olha o tanto de poderia ter ido atrás lá’ que na época eu não sabia de nada eu era um calouro ainda”, indica que talvez tenha faltado uma orientação mais pautada. Por outro lado, o bolsista apresenta um sentido positivo quanto à vivência na disciplina de anatomia da universidade de intercâmbio, que, apesar de já ter realizado a mesma disciplina na universidade de origem, a experiência na universidade de intercâmbio foi diferente e proveitosa, assim como a prática de estágio, em que teve contato com aparelhos tecnológicos com os quais não havia tido contato no Brasil.

Principais diferenças entre a UnB e a universidade de intercâmbio

Ainda nesse bloco, buscou-se conhecer como os participantes percebem a universidade de origem e a universidade de intercâmbio a partir de suas experiências (Linhas 486 - 547):

Y1: Pra vocês quais são as principais diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB?

Gm: Ah com certeza a duração das aulas, (1) eh: (2) acho que a aproximação do professor com o aluno (1) e também acho que (1) o sistema avaliativo deles é totalmente diferente assim, (3) eh: sei lá se aqui você vai ganhar recebe ponto por participação ou sei lá, lá não vai ter isso entendeu (1) eh eu diria (1) eh eu diria mais gritante assim que eu fiquei impressionado foi (1) aulas curtas 50 minutos (1) e o volume de dever de casa que você tinha que fazer (2) e só

Tm: Ah (.) em relação as matérias, a matéria de anatomia é bem parecido com aqui, tem a aula, depois (.) só que eles tem bem mais estrutura, (.) aqui a gente tem umas peças, que é tipo os órgãos velhos (.) e lá tem tipo os grupos aí eles tem o corpo e aí eles dissecam esse corpo, (.) então aí (.) é junto a medicina e a odonto, aí a odonto fica com a cabeça e (.) a galera da medicina fica com (.) alguma parte, (1) eh (.) a carga lá era muito maior do que aqui de anatomia (.) e as outras matérias que eu fiz (1) como era só teoria, lá é uma forma meia maluca, não sei como é nos Estados Unidos que tipo o semestre (.) sei lá, começa em fevereiro e as aulas vão até (.) maio, mas a prova

só é no meio de junho ou julho, (1) então se é aula teórica o professor não cobra chamada ninguém vai na aula, eles ficam de férias (.) cinco meses e aí nas férias eles estudam pra fazer a prova (1) e é só uma prova, tipo (1) isso eu acho que não tem recuperação e pronto, aí eu ia lá pra aula no começo -tava lotada, aí depois só tinha eu lá e uns gatos pingados e aí eu ora como assim @ninguém ia na aula@, (1) lá é assim?

Gm: Não, não lá o pessoal (1) acho que você tem, acho eles cobravam chamada ou não as aulas eram sempre cheias assim

Tm: E eram quantas provas ou era só uma, a final?

Gm: Não, tinham tinham diferentes provas, tinham diferentes provas

Tm: Lá eu achei

Gm: se não tinha prova digamos colocava um projeto lá, você tem que entregar esse projeto no final do semestre e tudo mais

Tm: Eu achei bem maluco a forma de avaliação lá (.) em relação aqui, eu acho que se aqui fosse igual lá (.) não ia dar certo, porque aqui o professor tem que ficar em cima, aí tem que por a prova (.) daqui uma semana pra alguém presta atenção a alguma coisa

Gm: Não é outra coisa, também é a estrutura da universidade assim tipo não se compara, não se compara, você vai no refeitório assim, nossa eu cheguei lá parecia o paraíso pra mim, o refeitório assim era um restaurante aqui que você ia, era uma praça de alimentação de um shopping, (1) pronto o refeitório era basicamente isso, isso já era incluso lá da sua alimentação e tudo mais, (1) eh transporte também (1) aqui se você é cadeirante você -tá enrolado pra subir em um ônibus aqui que passa na UnB, (1) lá não o ônibus ele tinha um sistema que ele mesmo, ele se abaixava pra você não ter que subir um degrau, aqui você tem quase que escalar o ônibus né, porque o degrau e gigantão

Tm: Agora tem um elevador que demora 5 minutos

Gm: Pois é, lá não a estrutura assim a estrutura assim questão de você vai usar o computador lá, você vai ter Macbook, você vai ter o Windows, Linux, todas as diferentes plataformas que você precisa usar, (1) entendeu? E aqui na UnB, meu Deus é sucateado assim (.) pelo menos a gente que lidar muito com a área de informática você ver os equipamentos que o pessoal usa assim você ver que é ultrapassado

Tm: Sim, lá (2) só anatomia foi onde eu tive (1) mais contato, aqui a gente é um corredor no terceiro andar da FS, (.) a UnB é muito ruim né em relação a, igual a a USP lá em São Paulo, (1) então imagina em relação as universidades lá, (1) que a odonto aqui é um departamento, (.) a USP, a Unesp e tudo mais, cada matéria da odonto é um departamento, (1) então já é uma diferença, cada uma tem um prédio, a gente tem um corredor na FS e anatomia o mesmo jeito, tem um corredor na FS e lá anatomia tinha um prédio (1) gigante, então a estrutura lá, eu acho que não é tão grande quanto os Estados Unidos, porque os Estados Unidos (1) a cidade é universitária

Gm: A que eu fui é universitária

Tm: Lá é ao contrário, a universidade fica dentro da cidade, nos Estados Unidos (1) a universidade, não,(1) a cidade fica dentro da universidade

Gm: Aham, eu diria isso. Pelo menos pra a experiência foi isso, cidade já dentro da universidade

Tm: Na Alemanha não é tão assim, (1) porque lá é outro esquema, a população é bem menor eles não precisam de tantas pessoas (1) formadas, então tem menos universidades, (1) eles têm outros tipos de de cursos que não precisa que não precisa ser universitário (.) e é isso.

Como experiência conjuntiva, os sujeitos destacaram que as universidades onde realizaram intercâmbio são mais tecnológicas, organizadas e modernas em relação à universidade de origem. Guadaci destaca o acesso às diferentes plataformas (MacOS, Windows, Linux), que podem facilitar de forma significativa o desenvolvimento acadêmico dos alunos, afirmando que a UnB é muito sucateada e que os equipamentos da área de tecnologia são ultrapassados. Tino concorda com Guadaci e enfatiza o tamanho do prédio de anatomia e o

acesso aos melhores equipamentos. Dessa forma, evidencia-se que a universidade de intercâmbio propiciou boas experiências no que diz respeito à estrutura.

Outro fator marcante para os participantes dessa pesquisa diz respeito à avaliação adotada pela universidade de intercâmbio. Para Guadaci, o sistema avaliativo é visto de maneira positiva pela variedade de instrumentos de avaliação, resultando, assim, em um maior reconhecimento do esforço dos alunos. Em uma outra perspectiva, Tino vivencia o sistema avaliativo na Alemanha um pouco diferente da experiência de Guadaci. O estudante demonstra estranhamento e talvez uma certa dificuldade com a forma de avaliação da universidade de intercâmbio, ao expressar que, para a realidade dos universitários brasileiros, o modelo de avaliação da Alemanha não caberia, explicando que exige mais autonomia do estudante. Contudo, quando se trata de ensino, Tino demonstra não haver diferença no que se diz respeito ao conteúdo das disciplinas que cursou na Alemanha.

O intercâmbio propicia diferentes vivências, como a experiência na universidade, a experiência do cotidiano, a experiência com diferentes culturas e até mesmo a experiência com si próprio. Dessa forma, nessa passagem buscou-se conhecer o que foi mais marcante durante o intercâmbio (Linhas 590 – 627):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre o que mais foi importante durante o intercâmbio? O que mais marcou?

Gm: Ah o fato de eu ter conhecido minha esposa lá (.) eh isso (.) só deixa eu desligar aqui rapidinho (.) eh teve isso **mas também ver como as coisas funcionam fora do Brasil** (.) você não tem noção do quanto a gente pensa fechado eh assim não pensa fora da caixinha quando você tá no seu país assim (.) eh (.) eu saí daqui (.) sei lá cheio de preconceitos e tal; e (.) é incrível como o intercâmbio é capaz de mudar uma pessoa sabe tipo (.) lá você vai ter aula com mulçumano você vai ter aula com hindu você vai ter aula com pessoas assim das mais diversas crenças e religiões e tudo mais (.) e você ver que (.) eh (.) que **não necessariamente** um deles vai ter que tá certo; e tudo mais você ver o quanto você era cabeça fechada pra certas coisas (.) aceitar certos comportamentos ou não (.) e **assim lá é um tapa na cara** pra uma pessoa com mente pequena é um tapa na cara mesmo assim (.) então isso foi muito bom pra mim foi (1) bom ver como as coisas funcionam em outro país eh questão de tudo, tanto economia tanto eh (.) a educação em sim a (.) diferença cultural e tudo mais foi muito bacana;

Tm: Eh (.) pra mim (1) o mais importante, acho que foi de cunho pessoal porque normalmente você fica muito sozinho também (1) e aí você pensa pensa e repensa

Gm: °Só posso dar uma saidinha pra atender essa ligação importante°

Tm: E (2) **pensa sobre a vida** (.) e melhora piora e vai mudando (.) então isso pra mim é o mais importante das experiências que eu tive lá (.) pra a pessoa que eu me tornei mas em relação, ao país ser o melhor país da Europa e tudo mais (.) mas a coisa que mais aprendi lá (.) é o respeito (.) e a preocupação com o próximo porque mesmo os alemães sendo malucos e fechados e não falando com você (.) se eles veem que você **tá precisando de ajuda eles vão te ajudar** (2) então (.) uma coisa que me marca muito e quando eu -tava vindo embora né (.) eu -tava com duas malas de 32K então eu -tava carregando o meu peso igual uma formiga (1) e aí eu -tava numa cidade e tive que ir pra Munique eu fui de trem (.) e depois de Munique eu peguei o metrô pra ir pro aeroporto e aí todo mundo via que eu -tava com dificuldade e aí todo mundo disposto a me ajudar os alemães (.) e também em relação a preocupação com o outro a gente morava lá em uma época (.) é tipo uma casa que tinha um quintal aí morava eu e acho que uns três brasileiros e mais uns três alemães e aí a gente ia fazer churrasco

alguma coisa e aí a gente ia arrumar a churrasqueira alguma coisa e eles falavam ‘ah faz isso aí não porque a fumaça vai incomodar o vizinho’ (.) quando que no Brasil a gente pensa isso? (.) então lá eles pensam muito (.) até de uma forma egoísta ‘ah eu não vou incomodar ele para ele não poder me incomodar’; mas de qualquer jeito eles pensam muito no próximo lá (.) e eu vejo o quanto a gente é egoísta (.) que a gente tem aquela fama de ser o país mais acolhedor mas tudo é mentira (.) a gente é muito egoísta e lá a coisa que eu mais aprendi é respeito com o próximo (1) você saber que não é o centro do mundo e que você; (.) não tem que atrapalhar a vida do outro o máximo que você conseguir.

O grupo revela a experiência de intercâmbio como aquela que é capaz de transformar pensamentos e atitudes, assim como ampliar visões de mundo, conhecimento de si e do próximo.

Para os participantes, o contato com as múltiplas culturas possibilitou a convivência com diferentes visões de mundo e a percepção de que não devemos nos fechar em “caixinhas”, entendendo que nenhuma cultura é melhor do que a outra, cada uma possui suas particularidades e que todos podem conviver juntos. Guadaci relata que saiu do Brasil cheio de preconceitos e que a experiência cultural foi um divisor de águas em sua vida. Tino destaca que, durante o intercâmbio, se conheceu melhor, teve a oportunidade de repensar sobre sua vida e aprender sobre o respeito ao próximo, que foi o mais significativo.

É interessante observar que o relato do participante Tino, acerca do momento mais marcante durante o intercâmbio, releva o significado e a importância que o valor da ajuda possui em sua trajetória, ao expressar “eu -tava com dificuldade e aí todo mundo disposto a me ajudar”, para explicar que apesar das barreiras com a cultura alemã, eles se preocupam com o próximo.

Relações interpessoais

“Era uma bolha assim você ia no refeitório tinha uma bolha de brasileiros assim e mais ninguém entrava pra conversar com eles porque eles só ficavam falando em português entre eles”. **Guadaci**

Como parte da experiência de intercâmbio, buscou-se conhecer um pouco da relação estabelecida com professores e com estudantes (Linhas 548 - 589):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre a relação com estudantes do país, a relação com os professores, se vocês tiveram oportunidade de fazer amizade com outros estudantes (.) de outros países

Gm: Pra mim foi a melhor possível também; (1) eh quando eu recebi lá (.) onde eu ia ficar ficar lá num prédio da própria universidade (1) e morei com um brasileiro e dois americanos (.) e assim tem um tenho esses caras com uma segunda família pra mim hoje até hoje se lá a gente não tinha família eh: (1) se ia passar o natal na casa de um

(.) lá uns dos americanos eles realmente compartilharam assim a família deles com a gente (.) e (1) **eu** falando por mim eu sei que não sofri nem um pouco pra me enturmar tanto com aluno estrangeiro quanto os próprios americanos em si lá (.) eu também me esforcei pra isso eu não andava só com brasileiros (.) igual muitos (.) muitos bolsistas fizeram andavam com muitos brasileiros e terminavam não praticando o idioma; (.) era uma bolha assim você ia no refeitório tinha uma bolha de brasileiros assim e mais ninguém entrava pra conversar com eles porque eles só ficavam falando em português entre eles; eu não tentei ser um pouco mais eclético e: (1) me comuniquei bem com todo mundo lá. (1) com os professores também foi muito bom eh: tive um contato bem mais humano assim de você passar no corredor você poder desejar bom dia para o professor o professor fazer uma piadinha com você entendeu (.) eh: ah sei lá tá atrasado pra aula aqui as vezes você passa e o professor nem sabe quem você; é um ou outro né (1) eh então (.) eh não tive problema, eh me relacionava tanto com os brasileiros tanto com os estrangeiros quanto os próprios americanos em si e com nenhum professor foi muito bom mesmo;

Tm: Eh como eu fiz minha experiência é diferente eu fiquei primeiro em uma cidade (.) pra fazer o curso de alemão (.) e aí não tinha como o governo ele tinha que colocar todos os brasileiros pra fazer o curso de alemão (.) então eu morei com muito brasileiro e lá fiz (1) fiz (.) grandes amigos e aí nesse começo como eu não sabia muito bem alemão e eu falo espanhol bem então eu me relacionava mais com latino e tem latino em todo lugar do mundo (1) e aí na universidade que a gente teve mais contato os alemães eles são (.) bem fechados com eles mesmos (.) nem entre eles assim você chega na aula (.) tem só os grupinhos eles não dão é a mesma turma igual uma turma aqui mas ninguém dar bom dia um pro outro tem (.) os grupinhos e eles tão nem aí aí aonde a gente sentava ficava uma bolha assim ninguém sentava do nosso lado (1) aí na aula de anatomia (1) quando a gente faz odonto a gente conversava um pouquinho mais com os alemães (1) mas os alemães eles são bem fechados (.) eu fiz poucos amigos alemães a maioria era (.) latino (.) indiano (.) então (.) fiz alguns; bons amigos, lá (1) eu tenho um amigo alemão tenho um amigo indiano e amigo equatoriano que a gente ainda conversa (.) muito (1) então em relação aos alemães (.) foi bem difícil (.) porque eles são bem fechados e (1) e meio esquisitos assim (.) mas com a outra galera eu só não gosto muito de argentino ninguém gosta (1) @os argentinos não são legais@ (2) e (.) foi tranquilo, em relação aos professores uma coisa (.) que lá na Alemanha é notório que aqui no Brasil quanto mais alto mais estudada é a pessoa mais arrogante ela é ela acha que é dona do mundo lá é ao contrário lá tipo e quem vai te maltratar é o caixa é (.) o faxineiro eles são (1) estúpidos agora os professores quanto melhor ele é (.) mais educado e mais humano ele é (.) então a relação com os professores lá foi ótima

A relação com os professores na universidade de intercâmbio foi considerada pelos participantes como ótima e mais humana. Já a relação com os estudantes da universidade no exterior é compreendida a partir da metáfora da “bolha”. A bolha nesse contexto pode representar o viver protegido de outras realidades culturais, de diferentes modos de ser e estar no mundo ou também o sentir-se seguro e/ou estável com os seus. Dessa forma, a narrativa construída pelos jovens indica a existência de várias bolhas, bolhas entre brasileiros, bolhas entre latinos e aqueles que buscam sair da bolha para estar com o outro que é diferente de si.

Tino conta que a dificuldade com o idioma impossibilitou o contato com os alemães, assim se relacionou mais com brasileiros e latino-americanos, afirmando que cada grupinho ficava na bolha e não havia a tentativa de sair da bolha. Já Guadaci afirma que se esforçou para não ficar dentro da bolha, buscando se relacionar com brasileiros, estrangeiros e com os próprios americanos, construindo uma família durante o intercâmbio.

Relação com o idioma estrangeiro

Como já apresentado no início de grupo, o certificado de língua estrangeira limitou, a princípio, a escolha do país de intercâmbio, contudo, evidencia-se, por meio dessa passagem, que a aprendizagem do idioma não foi muito significativa para jovens desse grupo de discussão (Linhas 669 - 685):

- Y1:** Vocês poderiam falar como foi o aprendizado do idioma antes do intercâmbio?
Gm: Eh (.) eu já tinha feito (.) eu fiz o centro de línguas né que é pra rede pública (1) feito o centro de línguas eh: mas acho que eu aprendi mais sendo autodidata mesmo (1) acho que (emergia) muito na língua inglesa assistia muito filme assistia filme com legenda inglês e tentava (1) ouvia muito música inglês pegava tradução e tudo mais (.) assim se eu tinha o inglês bom (.) antes de ir hoje é fluente assim (.) então uma coisa é você aprende no país e outra coisa é você viver no país, ()
Tm: Eu aprendi lá então não sei se essa pergunta cabe (1) porque você falou antes do intercâmbio
Y1: Mas você teve dificuldade pra aprender o idioma?
Tm: Sim, não alemão é muito difícil (.) muito foda (1) totalmente diferente do que a gente tem (1) e aí uns dos problemas é (1) que meu inglês ele não é na verdade ele é bem ruim porque eu escolhi estudar espanhol (.) invés de inglês (.) e o alemão ele tem alguma coisa parecido com o inglês então pra quem dominava o inglês o alemão (.) seria mais fácil (1) mas de de qualquer forma eu aprendi bem consegui (1) me virar bem e muita coisa que eu não aprendi foi negligência minha (.) não foi problema de nada foi (1) negligência minha.

A fala dos participantes indica que o intercâmbio como aquele que também possibilita como ganho a fluência no idioma do país e aprendizado de novos idiomas. Guadaci estudou em centro de línguas público, porém ele atribuiu sua aprendizagem do idioma ao seu esforço de buscar diversas formas para se aproximar do idioma. Tino demonstra que, mesmo com a dificuldade de aprender o alemão, por não possuir conhecimento do inglês, aprendeu.

Para terminar o bloco, a pesquisadora questionou os jovens sobre a maior contribuição do intercâmbio (Linhas 717 – 757):

- Y1:** Na opinião de vocês qual foi a maior contribuição do intercâmbio, depois que vocês voltaram para o Brasil e pensando falaram “Essa foi a maior contribuição do intercâmbio”?
Gm: Ah tudo que eu aprendi lá assim **eu posso dizer** que aprendi muita coisa lá (1) eh teve um pessoal que (1) você ver que foi pra lá (1) pra fazer viagens pessoal que não se dedicou acho que (.) assim que se o CsF falhou falhou aí eu acho que o processo avaliativo não (.) não levou muita coisa assim na avaliação acho que foi muita gente e acho que não precisava ter ido esse tanto de gente que foi selecionado (.) muitos não souberam aproveitar as oportunidades (.) eh mas (1) com certeza foi todo o conhecimento que eu adquiri lá aqui na UnB (.) se você vai aprender uma linguagem de programação você aprende tudo em C (.) que é uma boa linguagem te dar a prática de programação mas assim não é tão utilizada quanto outras (1) que você realmente utiliza no mercado de trabalho (.) então lá eu aprendi uma linguagem de programação

quando eu voltei eh não só uma perdão várias aprendi muita coisa lá (.) quando eu voltei voltei em janeiro aí apliquei para estágio (.) em fevereiro eu já -tava estagiando assim foi (.) e me falaram que ‘oh o motivo que você entrou aqui foi que você fez a prova (.) e você fez a prova na linguagem que a gente usa aqui’ (1) entendeu e foi justamente o que eu aprendi lá, se fosse utilizando o que eu aprendi na UnB seria utilizando a linguagem C que ia ser muito mais complicado e tudo mais (1) então pro **mercado de trabalho** o que eu aprendi lá foi bem mais o foco no mercado de trabalho aqui na UnB eles focam assim em aprendizagem até sei lá em você ser pesquisador da UnB e tudo mais (.) mas lá eu aprendi coisa pro mercado de trabalho então (1) se não fosse pelo CsF talvez não tivesse entrado nesse estágio que hoje eu meu atual emprego; (1) então (.) me ajudou bastante.

Tm: Eh (.) me faz a pergunta de de novo porque eu acho que eu perdi

Gm: A maior contribuição

Y1: Qual a maior contribuição do intercâmbio?

Tm: Ah (1) pra mim foi de cunho (.) pessoal mesmo de me conhecer (.) porque (1) eu saí do ensino médio lá e aí já vim pra UnB e (1) e só aqui vivendo odonto eu achava que o mundo (.) tudo era odonto (1) ficava só com essa cabeça fechada dentro da caixinha aí eu vi que o mundo era outra coisa (.) e também em relação ao CsF como o Daniel falou acho que o processo seletivo (.) foi péssimo não precisava levar tanta gente eu sempre falo (.) a maioria 99% eu não merecia tá lá e tudo mais não fazia menor sentido eles mandarem a gente pra Alemanha sem a gente (.) dominar a língua não faz o menor sentido ele mandar alguém de odonto no começo (1) do curso porque odonto (.) a área de humanas é totalmente diferente da área de exatas que você pode dominar só uma coisa em exatas (.) e programar só com aquilo ou só com uma área (.) em odonto você precisa primeiro ver tudo e para depois (1) você quiser () uma coisa nova você tem que saber tudo então eu ter ido no começo do curso não fez o menor sentido (.) porque lá eu vi tanta coisa que eu não entendia nada (.) e agora que eu estudo aqui eu vejo ‘porra eu vi aquilo lá e não aproveitei’ (.) então acho que o Ciência sem Fronteiras foi muito mal (1) planejado especialmente o meu edital (2) eh (.) é isso.

A experiência de intercâmbio é concebida como propiciadora de novas aprendizagens, academicamente, culturalmente e pessoalmente. Os participantes cunharam uma crítica ao programa Ciência sem Fronteiras, na maneira de selecionar os alunos e na avaliação dos resultados, quando se referem ao fato de que muitos estudantes não cumpriram com o objetivo do programa e não souberam aproveitar as oportunidades acadêmicas. O estudante Guadaci também fala do intercâmbio a partir dos ganhos, isto é, das oportunidades conquistadas como resultado das aprendizagens adquiridas durante a estadia no exterior, que, em sua concepção, foram mais voltadas para o mercado de trabalho, contribuindo para a sua vida profissional. Tino concorda com Guadaci no que se referente à avaliação/crítica do programa CsF, e acrescenta aspectos que considera frágeis, como a quantidade dos estudantes enviados para estudar no exterior sem apresentar o conhecimento do idioma, assim como a falta de organização e planejamento do programa em conhecer as especificidades de cada curso, demonstrando um sentimento de despreparo em relação à experiência no exterior. O jovem também demonstra sentimento de arrependimento no que se refere ao conhecimento acadêmico. Contudo, Tino atribui a maior contribuição da experiência no exterior ao autoconhecimento e à ampliação de

perspectivas de mundo, quando expressa que pensava que o mundo era a UnB e o curso de odontologia.

3.3.2.5 Projetos de futuro

Para encerrar o grupo de discussão, a pesquisadora questiona os jovens sobre os seus projetos de futuro após a conclusão da graduação (Linhas 758 – 787):

Y1: Vocês poderiam agora falar sobre projetos futuros, você o que pretende fazer após a graduação?

Gm: Eu tenho (.) venho trabalhando nessa empresa né, faz dois anos e meio que estou lá nessa empresa (1) gosto muito dela, me dou muito bem com o pessoal de lá mas tenho sim meus projetos pessoais então (1) pretendo entre alguns anos tá lançando meu aplicativo que eu venho trabalhando aí (.) e é isso aí, (1) **projeto acadêmico** assim eu acho que eu não tenho intenção pro agora de de fazer (.) o mestrado formei semestre passado (.) então (.) que seguir a vida acadêmica eu acho que por enquanto não é o que eu -tô querendo (.) gosto de lecionar, acho muito bacana (.) mas na minha **área** se você for seguir pós graduação é mais se você quiser ser professor (.) esse tipo de coisa, na prática (1) acho que é você sabe programar não sabe você sabe e construir você não sabe (.) pro mercado de trabalho não tão olhando muito pra se você tem mestrado nisso ou doutorado nisso, eles querem o cara que sabe fazer (.) eh as coisas que eles precisam (.) **então é isso** continuar trabalhando em minha empresa que tô atualmente dar sequência nos meus projetos individuais que são aplicativos (.) esse tipo de coisa.

Tm: Eh eu -tô formando agora (.) então a cabeça tá um turbilhão de coisa saber o que vai fazer se eu vou ficar aqui, se eu vou voltar pra (.) pra Luziânia ou (.) eu queria ter coragem de ir, mas eu não tenho de ir embora, (.) mas eu não tenho de ir embora, porque o Ciência sem Fronteiras a gente tinha a gente tinha todo apoio por trás, querendo ou não a gente tinha a data para voltar a gente tinha o governo que podia ajudar a gente, a gente tinha outros brasileiros, a gente tinha a universidade (.) e agora se eu for embora eu vou tá sozinho (.) então eu ainda não tenho essa coragem (.) e aqui como a odontologia, aqui (1) lá é baseado em especialidades eu vou ter que me especializar e é bastante caro então eu vou ter que (1) passar num concurso aí no meus esforços aí eu fiz a prova do (.) do bombeiro e agora vou pro teste físico então (.) os meus esforços aí é passar no teste físico do bombeiro (.) e aí se eu entrar (.) ou não (.) de qualquer jeito eu vou ter que me especializar (.) e eu acho que a área (.) que eu vou é da endodontia que é fazer canal (.) então, (1) atualmente é o que eu vejo (.) me especializar em endodontia na odontologia e com fé em Deus (.) passar (.) num bombeiro que aqui no Brasil (1) eu acho que não tem outro jeito no país que a gente vive, ainda mais em Brasília o concurso público é uma saída bem viável (.) e o concurso do bombeiro te dar uma disponibilidade de fazer outras coisas a mais (1) então eu posso seguir sendo dentista (.) então esses são os meus planos atuais.

Para Guadaci, a experiência na universidade de intercâmbio foi primordial para a entrada na empresa em que trabalha atualmente, que só foi possível devido a linguagem de programação que aprendeu durante a estadia no exterior. Nesse sentido, o jovem demonstra sentimento de satisfação com a empresa onde trabalha e não almeja ingressar na pós-graduação, por acreditar que para o mercado de trabalho o “saber fazer” possui mais valia, em relação à

formação acadêmica, mas continuar na empresa que está atualmente e desenvolver aplicativos. Dessa forma, evidencia-se que as aprendizagens adquiridas durante a experiência de intercâmbio possibilitaram novas oportunidades de trabalho após regresso ao Brasil. Já Tino demonstra sentimento de incerteza, ao expressar que “cabeça tá um turbilhão de coisa”, revelando o desejo de sair do Brasil novamente, porém demonstra um sentimento de insegurança por estar sozinho, visto que, na experiência na Alemanha, contou com o apoio do programa, de amigos e da universidade. Dessa forma, o estudante pensa em se especializar (o que indica como uma obrigação na sua área de estudo) e passar no teste físico do bombeiro. Contudo, futuramente almeja ingressar no concurso público, expressando que, na realidade brasileira, isso lhe trará estabilidade e permitirá o exercício de sua profissão.

3.3.3 Grupo *Portas*

O grupo de discussão *Portas* foi realizado no dia 17/05/2017, na faculdade de Educação (FE/UnB), no período da noite. Composto por dois estudantes oriundos do Colégio Militar de Brasília, Lucas (Lm) 23 anos e Juan (Jm) 22 anos, o GD teve duração de 2h e 17h min.

3.3.3.1 Diário de campo do GD *Portas*

O primeiro contato com os sujeitos de pesquisa foi realizado via *e-mail* e posteriormente via WhatsApp. Desde o princípio, eles demonstraram interesse em contribuir para a pesquisa, disponibilizando várias opções de dias e horários para realização da mesma.

No dia previsto para a realização do GD, cheguei à Faculdade de Educação 1h antes do início do grupo para organizar o ambiente, preparar o questionário e o termo de consentimento da pesquisa. De maneira geral, o ambiente estava muito tranquilo, não houve barulhos externos, a sala estava confortável, com ventilação, água e doces para os estudantes.

Juan (Jm) foi o primeiro integrante a chegar e de imediato me perguntou o nome do outro estudante que participaria da pesquisa. Ao revelar o nome do outro intercambista, Juan ficou muito animado, pois o conhecia do Colégio Militar e do curso de engenharia mecânica. Antes de iniciar o GD, foi realizada uma apresentação da pesquisa e das pesquisadoras e

destacado que o intuito da pesquisa era que eles falassem à vontade. Esse GD contou com a colaboração da mestrandia Cilene Vilarins, integrante do grupo de pesquisa GERAJU.

Durante o GD, os estudantes estabeleceram os turnos das falas, da seguinte forma: “Posso começar”, “Quer falar” e por meio de gestos. *A priori* Juan (Jm) perguntou se poderia interagir com a resposta de Lucas (Lm), que contribuiu de maneira significativa na interação do grupo. A condução do GD ficou a cargo dos estudantes, que, em muitos momentos, assumiram o papel do pesquisador. Também houve momentos significativos de fala simultânea, de ratificação de ideias e de discussão de temáticas que não foram pensadas pelo pesquisador.

Os estudantes assumiram uma postura de escuta atenta à narrativa do outro, sendo necessário, em muitos momentos, repetir as perguntas. Durante o grupo de discussão, Lucas (Lm) demonstrou muita dedicação em dar respostas completas, quando dizia “Repeti a pergunta só pra ter noção se a gente falou tudo”, o mesmo sujeito também chamou atenção de Juan (Jm) diversas vezes para que o mesmo tivesse mais atenção nas temáticas.

Nesse GD, procurei dar um espaço de tempo entre uma pergunta e outra (3 a 4 segundos). Foi bem interessante, pois houve relatos de narrativas de experiências significadas para os estudantes, que talvez não seriam postas em discussão sem esse intervalo de tempo, como, por exemplo: “Pô velho, eu nem iria contar” (Jm) após o silêncio.

Ao final do GD, Lucas e Juan denunciaram as atitudes de bolsistas do programa Ciência sem Fronteiras e destacaram a importância da pesquisa da seguinte maneira “acho que essa pesquisa é importante da parte de vocês, porque querer saber uma resposta é uma coisa muito importante, acho que as pessoas que não responderam são uma boa resposta, que a gente que respondeu, que quis participar, porque a gente se sente na obrigação” (Juan). Lucas acrescenta “exatamente, as pessoas que recebem uma mensagem de ‘ah, pesquisa tal do Ciência sem Fronteiras’, são pessoas que se interessam pelo programa e que sentiram e que viram uma oportunidade e que receberam alguma coisa do programa, querem retornar isso, perceberam a ideia do programa né, que o programa te dar, esperando algo em troca”. Os comentários acima demonstraram a importância em realizar pesquisa com os jovens que vivenciaram a experiência de intercâmbio por meio do CsF.

O GD recebeu o nome de *Portas*, pois essa metáfora de foco se evidenciou durante todo o grupo de discussão. Primeiramente na escolha do curso de engenharia mecânica, em que ambos os participantes afirmaram que a engenharia mecânica “abriria muitas portas” e “fecharia poucas”. Durante a narrativa da experiência de intercâmbio, os estudantes comentaram que as universidades não fechavam as portas, no sentido de que qualquer estudante tinha acesso aos laboratórios sofisticados, em que só era necessário um cartão de estudante para abrir portas, em

comparação com a Universidade de Brasília que limita o acesso dos estudantes aos melhores laboratórios. Em outro momento, Lucas (Lm) destaca que começou a estudar alemão na UnB Idiomas com o intuito de “abrir portas”, que a escolha da Alemanha e a experiência de estágio durante o intercâmbio “abriram portas” tanto na vida profissional quanto pessoal. Juan (Jm) também comentou que a experiência com pesquisa durante o intercâmbio possui grande potencial no seu futuro profissional e que pode “abrir portas”. A metáfora de foco PORTAS também é utilizada para referir-se à cultura do brasileiro que, de acordo com os participantes, possui mais facilidade em abrir-se para se comunicar com o outro e que a experiência de intercâmbio abre contato com pessoas de outras culturas. Por fim, Lucas (Lm) aponta que a tem o objetivo de permanecer no Brasil para fazer a diferença, mas que não fecha mais as portas para outras oportunidades.

3.3.3.2 Perfil dos estudantes do GD *Portas*

Juan Pablo (Jm) tem 22 anos, branco, solteiro, natural de Brasília, não possui religião. Seus pais possuem ensino superior completo, sua mãe é bancária e o seu pai servidor público. Juan, durante a educação infantil, estudou em uma escola particular em Manaus – Amazonas (AM), realizou o ensino fundamental parte em escola particular e parte no Colégio Militar e concluiu o ensino médio no Colégio Militar de Brasília. Ingressou na UnB para o curso de engenharia mecânica no segundo semestre de 2012, por meio do vestibular tradicional. Realizou intercâmbio para os Estados Unidos, na University of New Orleans, onde permaneceu por 12 meses.

Lucas (Lm) tem 23 anos, branco, solteiro, tem um irmão e uma irmã, declarou-se como católico e é natural de Brasília-DF. Seus pais possuem ensino superior completo, sua mãe é cuidadora do lar e seu pai é empresário. Estudou durante a infância em escola particular, no ensino fundamental, frequentou uma escola particular e o ensino médio foi realizado no Colégio Militar de Brasília. Entrou para o curso de engenharia mecânica por meio do vestibular tradicional, no segundo semestre de 2011. Escolheu engenharia porque é oriundo de uma família de engenheiros. Realizou intercâmbio para a Alemanha, na Hochschule Offenburg, onde permaneceu por 18 meses.

3.3.3.3 Trajetória Escolar e Acadêmica

Na seção a seguir, buscou-se conhecer e compreender as motivações para a escolha da Universidade de Brasília, assim como de que maneira a instituição familiar, como espaço de socialização desses jovens, influência nos significados atribuídos por eles ao ingresso na educação superior. Ainda nessa seção, procurou-se conhecer os momentos mais significativos durante a graduação, que marcaram a vida desses jovens.

3.3.3.4 Ingresso à Universidade de Brasília

Com o intuito de conhecer as motivações para a escolha da Universidade de Brasília, a pesquisadora propôs aos jovens a discussão dessa temática (Linhas 1 – 25):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre o que levou vocês a escolherem o curso (.) e a Universidade Brasília?

Lm: Bom (.) posso começar?;

Jm: Começa;

Lm: Eu escolhi a Universidade de Brasília pela facilidade (.) não de ingressar em si, mas a facilidade de (.) morar aqui ter sempre vivido aqui, minha família é daqui minha minha família assim meu núcleo familiar né, meus pais, meus irmãos a gente mora aqui **sempre morei aqui** e (2) escolhi aqui muito por isso; por (2) não querer sair de casa né não querer sair de Brasília. Eh (2) e o curso eu escolhi por (.) ah também a UnB por não ter condições de pagar uma faculdade particular e também o curso não ter em muitas faculdades particulares; o curso eu escolhi porque: (3) sempre tive interesse na área em áreas tecnológicas (.) nas engenharias em si (.) mais perto do meu vestibular (2) eu tive (1) assim o pensamento de que engenharia mecânica era uma engenharia que me abria muitas portas né e me fechava muitas poucas. Então (.) me dava liberdade pra depois escolher a área que eu trabalhasse de maneira muito ampla né (.) então me deixa a oportunidade de trabalhar em várias áreas (.) por isso;

Jm: Posso falar?

Lm: Por favor;

Jm: Eh (.) eu escolhi a **UnB** porque; (2) eu sempre almejei uma universidade que fosse reconhecida (.) mas nunca tive a necessidade de ir pra melhor de todas e a UnB satisfazia plenamente as minhas necessidades eu achava (.) sempre soube que era uma faculdade muito boa e por isso **por ser perto de casa** não tinha motivo para não estudar aqui. Eh, (1) eu escolhi engenharia mecânica porque (2) eu venho de uma família de engenheiros então querendo ou não eu fui um pouco influenciado e mais perto um pouco do meu vestibular assim como o Lm (.) eu (2) pensei que a, engenharia mecânica basicamente me abriria milhões de portas, que poderia fazer o que eu quisesse, depois disso e em momento nenhum seria um atraso na minha vida seria (1) um ótimo caminho a ser escolhido (.) por isso.

Evidencia-se na narrativa dos participantes a forte influência da dimensão do lugar na escolha da Universidade de Brasília. O lugar, neste contexto, parece indicar não apenas a localidade, mas o conforto, o sentimento de pertencimento, de proteção, a rede de apoio familiar, entre outros. Lucas enfatiza fortemente o “aqui”, para demonstrar o desejo de permanecer perto dos seus e em Brasília. Posteriormente, o jovem releva que o caráter público da instituição de ensino e o desejo de cursar engenharia mecânica também o influenciaram e foram decisivos na sua escolha. Juan também apresenta a dimensão do lugar, ao expressar que “por ser perto de casa não tinha motivo para não estudar aqui”, revelando que esse aspecto influenciou na decisão de estudar na UnB. Contudo, a fala do jovem indica que o principal motivo para a escolha da UnB foi o desejo de estudar em uma instituição de renome e de qualidade, ou seja, reconhecida socialmente. Dessa forma, demonstra uma concepção positiva quanto à instituição, ao dizer que a “UnB satisfazia totalmente minhas necessidades” e “sempre soube que era uma faculdade muito boa”.

Ainda nessa passagem, a pesquisadora realizou uma pergunta subjacente acerca do incentivo familiar para o ingresso na universidade pública (Linhas 50 – 65):

Y1: Vocês tiveram incentivo da família de vocês para ingressar na UnB?

Lm: Sim sempre me incentivaram muito, principalmente meus pais me incentivaram muito a (.) estudar na UnB (.) e também de certa forma até um pouco mais minha mãe (.) por estar mais perto dela continuar em casa né? (.) mas meu pai também sempre me deu o maior apoio quanto a minha decisão do curso, quanto a instituição e tudo, meu irmão também estuda na UnB; (.) então a gente sempre foi muito apoiado a estudar na UnB se esse era o nosso desejo

Jm: Eh (2) eu não tive muito **uma escolha** eu não tive muitas opções meus pais não deixaram muitas opções (1) eles não aceitariam que eu não passasse em uma Universidade Federal e a UnB como eu falei antes (.) praticidade aqui era tudo que eu precisava (.) foi a única decisão que eu poderia tomar ou fazer medicina na ESCS (1) mas nunca quis ser médico; então (.) por isso que eu escolhi a UnB (.) essa era a pergunta (mesmo)?;

Lm: Não (.) se seus pais te apoiaram

Jm: A isso

Lm: Se você tem apoio

Jm: Então (.) **apoio eu sempre tive** mas:

Lm: ^Lpresta atenção nas perguntas pô!

Jm: Eu tô viajando; **apoio eu sempre tive, mas ao mesmo tempo era mais uma obrigação** não é tanto apoio assim;

O relato acima indica que as famílias de Lucas e Juan tiveram papel determinante na escolha da instituição de ensino superior, que parece ultrapassar a dimensão do incentivo e do apoio, podendo se configurar como uma obrigação ou até mesmo como um prosseguimento do mesmo caminho percorrido por familiares. Lucas demonstra ter tido muito apoio de seus pais para ingressar na UnB, em especial de sua mãe, que, por morar com ele, o incentiva ainda mais. Em seguida, o participante esclarece que seu irmão também se formou na mesma instituição,

sendo um motivo a mais para que ele ingressasse na UnB. Por outro lado, ao expressar: “sempre fui muito apoiado a estudar na UnB se esse era o nosso desejo”, o jovem indica que ele era livre para fazer outra escolha. Já a fala de Juan Pablo mostra fortemente a influência da instituição familiar como força determinante na escolha da UnB. O jovem reconhece que os incentivos de seus pais se traduziam em uma obrigação, como bem expressa “apoio eu sempre tive, mas ao mesmo tempo era mais uma obrigação”. Assim, Juan se vê sem opções, pois sua fala indica que, para seus pais, estudar em instituições federais possui um valor positivo, possui *status* e prestígio. Dessa forma, a escolha da Universidade de Brasília parece representar uma fuga daquilo que o jovem não almejava ser, ao dizer sobre a sua segunda opção “ou fazer medicina na ESCS, mas nunca quis ser médico”.

Com o intuito de conhecer as experiências mais marcantes durante a graduação, a pesquisadora pergunta (Linhas 66 – 76):

Y1: Pra vocês o que mais marcou até o momento durante a graduação (.) o que foi mais marcante?

Jm: Eu acho que dar pra dizer que foi o Ciência sem Fronteiras, eu acho que marcante assim, a coisa que mais me marcou não tem como ser outra resposta, durante a graduação. Muitas coisas me marcaram, mas...

Lm: Eh, pra mim também a experiência internacional foi muito marcante através do Ciência sem Fronteiras, (2) mas também posso dizer que marcante, uma coisa que me marcou muito, principalmente por mudar a minha forma de pensar do curso antes de entrar e depois foi a questão das reprovações né? Isso me marcou bastante, a questão da dificuldade e do índice e da quantidade de reprovações, (3) mas inegavelmente, assim positivamente falando a mais marcante foi a questão do (.) Ciência sem Fronteiras e de ter a oportunidade de estudar fora.

A entrada no mundo universitário pode representar o passaporte para muitas oportunidades e novas vivências, potencializando momentos marcantes, que podem transformar o modo de ser e estar no mundo de jovens universitários. No entanto, são muitas as experiências que marcam, de maneira positiva ou negativa. O relato acima revela que, para Juan e Lucas, a experiência de intercâmbio os marcou de forma positiva a trajetória acadêmica. O participante Juan expressa de forma enfática a experiência no exterior, demonstrando que o intercâmbio foi o evento mais marcante. Lucas confirma positivamente a afirmação de Juan, porém apresenta uma outra experiência relativa ao sistema avaliativo adotado pelo curso de engenharia mecânica, que parece ser marcado pela dificuldade das matérias e pelo grande percentual de reprovações, indicando que esse fato o marcou de maneira negativa.

3.3.3.4 Percepções sobre o intercâmbio

Na passagem anterior, relativa à trajetória escolar, especificamente sobre o momento mais marcante durante a graduação, os participantes apresentam a experiência de intercâmbio como um acontecimento marcante em suas vidas. Assim, Na seção a seguir, buscou-se compreender os significados atribuídos à vivência no exterior.

Escolha do país de intercâmbio

Buscando conhecer os motivos que influenciaram os jovens na escolha do país de intercâmbio, a pesquisadora instiga Lucas e Juan a falarem sobre a temática (Linhas 508 – 549):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre como se deu a escolha do país de intercâmbio se vocês tiveram incentivo dos pais pra fazer intercâmbio (.) da própria universidade.

Jm: Eu escolhi os Estados Unidos porque (.) era a opção mais óbvia onde o dinheiro tá fui lá porque é (.) muito mais tranquilo (.) sabia onde eu -tava sabia falar inglês(.) era como eu posso dizer (.) um tiro sem erro (.) não tinha erro era garantido que a minha experiência lá (.) ia depender de mim só, eu -tava indo para um lugar onde tudo dar certo (.) em tese; (1) então só dependeria de mim; comparado ao Brasil por exemplo, tudo dar certo e dependeria de mim aproveitar a oportunidade que eu tive (.) e fazer dela uma boa oportunidade. (.) uma boa experiência.

Lm: Bom, incentivo: (1) pra pegar intercâmbio dos meus pais e tudo eh (1) talvez não necessariamente um incentivo, meu pai um pouco mais me incentivava (.) mas uma aceitação eu sempre tive, (.) meus pais sempre aceitaram, sempre me apoiaram (.) e quando eu tomei a decisão de ir né, e principalmente, também quando eu estava um pouco em dúvida; eu falava assim ‘Não (.) tem a oportunidade (.) não tenho certeza ainda se vai dar certo’ eles ‘Não tem que ir aproveita a oportunidade (.) não sabe quantas vezes você vai ter essa oportunidade e tudo’ Eh, (.) então sempre tive o apoio e incentivo dos meus pais; Eh:, (.) com relação a escolha do país (.) por cursar engenharia mecânica (.) e principalmente por ter interesse na área de energias e principalmente energias renováveis (.) eh (1) eu sempre tinha vontade de conhecer a Alemanha, porque a Alemanha é referência na área de engenharia, é referência na área de energias renováveis, é referência praticamente em tudo; em tecnologias

Jm: ↳e na Europa

Lm: Não (.) é o motor da indústria na Europa, é um país sensacional, que eu sempre ouvir falar muito bem, sempre tive essa, sempre vislumbrei né (.) e desde o meu (2) segundo semestre comecei estudar alemão, com com

Jm: ↳esse intuito

Lm: É com com

Jm: ↳possibilidade de ir

Lm: Com o interesse de abrir portas né (1) e porque inglês não é uma língua que eu domínio 100% mas é algo que eu sei um pouco; tenho um nível intermediário pra avançado de inglês (.) não sou fluente; longe disso, mas consigo me virar bem com o inglês (.) então, pensava assim ‘Por que não né,uma terceira língua’ e não só isso né uma oportunidade (.) de (1) assim treinar ainda mais meu inglês fora (.) porque lá é um país que muitas pessoas falam inglês; e não só isso né aprender de forma concreta um

terceiro idioma e a experiência na Alemanha sempre imaginei que fosse fantástica, principalmente por tá na Europa, ser um país muito central na Europa (.) também ter a oportunidade de visitar e conhecer vários lugares e várias culturas diferentes (.) e não só por isso né, oportunidades de estágio lá eu teria bastante, eh várias montadoras grandes de automóveis e várias empresas de energia e coisa e tal e coisa e tal, eh (2) tanto que muito quase eu consegui um estágio na Volkswagen (.) acabou não dando certo por conta do escândalo lá que deu lá; que deu merda dos gás de escape que eles estavam burlando e aí empresa -tava numa crise muito grande e não conseguiu me contratar (.) mas: eu tive oportunidade participei de processo seletivo de grandes empresas lá e tudo; então por isso seria uma experiência muito boa né e aí esse foi o motivo de escolher a Alemanha.

A passagem demonstra que a escolha do país de intercâmbio foi motivada positivamente pelo fator linguístico, pela facilidade de comunicação com a língua falada, possibilitando um aperfeiçoamento do inglês e a aprendizagem de um novo idioma. A fala de Juan demonstra que a escolha pelo Estados Unidos foi motivada pelo sentimento da segurança, ao expressar “fui lá porque é muito mais tranquilo, sabia onde eu -tava, sabia falar inglês”, revelando um sentimento de conforto com a cultura. Em seguida, o participante utiliza a expressão “tiro sem erro”, para representar que havia feito a escolha correta. Lucas inicia sua narrativa falando do apoio que recebeu de seus pais para realizar intercâmbio, em seguida, pontuou que a escolha do país foi motivada pelo desejo acadêmico, pois percebeu-se que a experiência na Alemanha propiciaria um enriquecimento para a sua área de estudo, engenharia mecânica. O participante também demonstra interesse e admiração pela cultura alemã, ao relatar que começou a estudar alemão no segundo semestre do curso de engenharia, por acreditar que o conhecimento da língua propiciaria novas oportunidades, assim como por acreditar que a experiência no país, além de propiciar um contato com empresas de montadora de automóveis, também lhe permitiria uma vivência cultural.

Um olhar sobre as experiências de intercâmbio

Nesse segmento, buscou-se conhecer a experiência na universidade de intercâmbio. É interessante observar que a pesquisadora não propôs aos participantes a realização de uma análise comparativa com a experiência na Universidade de Brasília, contudo, observa-se, no trecho a seguir, que a relato dos jovens é realizado a partir de experiências que não foram vividas na UnB (Linhas 91 – 286):

Y1: Vocês poderiam falar um pouco sobre a experiência na universidade que vocês realizaram intercâmbio?

Lm: Sim claro, Ah, (3) o sistema de educação lá na Alemanha é um pouco diferente do que aqui no Brasil (.) e na (2) universidade entre muitas aspas que eu fiquei (.) lá ela não era muito uma universidade porque lá tem as universität Hochschulen que é tipo um curso técnico mas é nível superior, então é um curso de nível superior, só que muito mais voltado pra área prática e não para acadêmica,

Jm: Tecnólogo

Lm: Não é um curso (2) eh engenharia mecânica por exemplo se eu tivesse feito engenharia mecânica seria engenharia mecânica (.) normal, como aqui

Jm: °Entendi°

Lm: Só que aqui forma professores, é muito mais acadêmico voltado pra área de pesquisa, voltado pra área de produzir, sei lá coisa muito teórica

Jm: °Sim entendi°

Lm: E pra produzir professores realmente né,

Jm: Entendi

Lm: E lá, nessa instituição que eu fiquei a Hochschulen ela é muito mais voltada pra parte laboratorial pra parte prática, com uma interação com as empresas muito mais intensa, então tinha muito capital de empresas da região pra formar engenheiros pra próprias empresas com bolsas de pesquisas que tal, coisa e tal. Então (2) é inegavelmente muito diferente do que aqui na UnB né, não sei se às vezes o IFB ou coisa do tipo alguma coisa assim no Brasil, se assemelha a isso, isso eu não sei; mas lá (.) as Hochschulen te dão muito mais opção de você ter um curso muito mais prático e um pouco menos teórico; porque aqui é muita teoria muita teoria muita teoria, e quase nada de prática de experiência profissional; e lá tinha muito mais isso né, te dava muito mais essa opção (.) então com relação à estrutura (.) a estrutura de lá era uma universidade bem mais nova do que aqui, não sei se com relação a tempo acho que não, mas (.) com relação à construção, a estrutura física dos prédios, a sala de aulas muito mais modernas

Jm: modernas

Lm: É muito mais recente também, as construções muito mais recentes, o prédio do bloco de aulas; que eu frequentava mais, a maioria das minhas aulas era num prédio muito novo, que sei lá (.) acho havia (2) dois três anos que ele tinha sido inaugurado (.) e o prédio principal o bloco A, ele era bem mais antigo (.) só que ainda assim, a estrutura dele era muito **mais** (2) tecnológica do que da UnB. A, o, (3) como posso dizer (.) a edificação era um tanto quanto antiga podendo comparar com alguns prédios aqui da UnB, só que ainda assim, a estrutura era muito melhor, ar condicionados funcionando, a estrutura pro professor na sala de aula muito mais opções de (2) mídias pra expor aos alunos, porque aqui dificilmente; lá na FT não, na FT em todo lugar funciona né, mas algumas salas de aulas aqui na UnB não contam com projetor, não contam com computador, não contam com sei lá, ar condicionado funcionando e lá funcionava tudo isso muito bem, inclusive nos prédios mais antigos. Eh, (2) mas a estrutura de laboratório principalmente (.) anos-luz à frente da UnB; porque eu tive uma, duas, (3) uma matéria de laboratório lá e um experimento (.) que eu fiz. num túnel de vento e outro até numa hidrelétrica montada dentro do laboratório da universidade né, coisa que aqui na UnB eu não consigo imaginar quando, não consigo vislumbrar esse futuro que pra mim ainda é bem distante; Eh, (3) estrutura laboratorial lá muito melhor, questão de prática até por ser uma universidade como eu falei muito voltada pra prática né pra parte profissional e não tanto pra parte teórica (.) era muito mais desenvolvido essa parte; lá, (2) isso caso específico da cidade em que eu fiquei, era uma cidade muito pequena (.) de sei lá 50 60 mil habitantes e a universidade muito, muito, muito menor do que a UnB, talvez até por isso tem a possibilidade de ter uma estrutura melhor, por ser menor, mas bem administrada e tal, aqui na UnB é muito grande, diversos cursos, então tem que dividir muito bem a questão dos recursos; e tal e administrar, quanto maior (.) a estrutura pra administrar fica um pouco mais complicado; acho que da estrutura assim pra falar é isso da universidade de lá.

Jm: Bom, ele falou todos os aspectos ensino e tals e segundo estrutura; vou começar pelo ensino também; o ensino lá, uma coisa é perceptível, as matérias lá eram muito mais fáceis, (.) então ser aprovado lá era muito mais fácil, você conseguir notas boas lá eram muito mais fácil (.) e de certo modo isso motivava os alunos (.) o que não acontece aqui; (.) e ao mesmo tempo, (.) você formava mais profissionais, eh (.) tinha

muito mais experiência na área que eles queriam, eles não ficavam presos em uma coisa que eles não gostavam de fazer; então eles tinham muito mais fluidez, no que trabalhavam; (.) então; (.) por mais que fosse mais fácil talvez fosse uma maneira melhor de realocar as pessoas no interesse delas; (.) acho interessante ressaltar esse ponto (.) quanto a estrutura (1) ah? os professores eram muito bons também, muito (.) a mesma coisa daqui, não sei se dar pra diferenciar muito não dá pra culpar os professores daqui por exemplo; mas (.) enfim (.) estrutura, a faculdade era um pouquinho menor do que aqui, (.) talvez metade do tamanho e (.) mas muito melhor estruturada, tudo funcionava, (.) ar condicionado, o tempo inteiro (.) em todos os prédios, você entrava na porta tava gelado (.) eram milhões de ar condicionados. Eh, (1) laboratórios muito melhores, tinha um prédio inteiro pra engenharia, um prédio de dez andares na faculdade, metade da UnB; um prédio de dez andares pra engenharia, cada engenharia tinha basicamente um andar com laboratórios e tal, muita coisa mesmo (.) fora, que a engenharia naval era muito boa lá, tinha um tanque pra fazer experiências que era três andares do prédio sozinho o tanque (.) ou seja; coisa que a gente não vai passar nem perto aqui, porque eles estudavam coisas bem mais precisas a gente passa longe dessa estrutura que eles tinham.

Lm: Mas isso não tem aqui na UnB, engenharia naval não tem aqui;

Jm: Natural, mas tipo (.) na engenharia mecânica não tem essa estrutura (.) em nenhuma engenharia tem essa estrutura.

Lm: É quando tem, não é muito acessível aos alunos.

Jm: É

Lm: Por exemplo, é muito fechado para os alunos que o professor faz pesquisa ou se algum quiser ter um acesso a uma impressora 3d aqui na UnB é uma complicação

Jm: °Complicação°

Lm: Imensa;; e coisa e tal (.) e lá era muito mais aberto aos alunos, por exemplo, a faculdade para os próprios estudantes (.) aqui na UnB não, (.) tem gente que provavelmente se forma em engenharia mecânica sem nunca entrar num (3)

Jm: ↳Num SG9

Lm: No SG9 entra lá pra aula do Pirateli, de

Jm: ↳Metrologia

Lm: De metrologia e pronto

Jm: Nem sabe os equipamentos que gente tem ali

Lm: Exatamente, não sabe que tem uns dos laboratórios mais tops na área de cabos da América Latina; isso não sabe, eu mesmo nunca entrei no laboratório

Jm: Eu entrei uma vez, só porque o professor me levou lá o professor do meu pibic, (quatro) pibic me levou lá, o Edgar no caso, pra ver como é que era, professores extremamente rígidos que não vão liberar o acesso fácil assim, mas eu era aluno dele, então (.) ele me levou ali, eu só vi, nem experiência, nem vi como fazia, nem tive contato. Então acaba que a UnB (.) gasta mó grana nisso e os alunos não tem nem contato.

Lm: Lá isso pra mim era muito mais acessível.

Jm: Pô, nesse tanque que eu falei eu acho que tem uns 6 ou 7 amigos meus fazendo pesquisa nele; então pô, muito mais tranquilo, muito mais fácil

Lm: ↳acessível

Jm: Acessível, exatamente. (.) eh, continuando na estrutura (.) também a faculdade com muitos cursos. Então (.) acho que dar para comparar razoavelmente com a UnB. (1) Eh, (2) tinha policiamento, tinha umas viaturas que passavam o dia inteiro andando a todo campus, então todo mundo (andava) de boas assim, a gente morava lá né, muitos dormitórios (.) então basicamente (.) morava ali, (.) seguro, confiava em todo mundo, eh conhecia todo mundo, conhecia os professores, sabia onde estava indo. (.) pra mostrar como os **laboratórios eram acessíveis, os alunos vê** da engenharia tinham um cartão, um cartão igual da UnB (.) aí eu vou em um prédio da engenharia 3 da manhã; porque quero fazer um trabalho eu passo meu cartão e a porta abre

Lm: Lá na universidade era assim também

Jm: Tem algumas salas de estudo, mas no caso meu professor meu deu uma chave do laboratório, então eu ainda tinha acesso à uma sala com 30 computadores, com todos os programas computacionais da engenharia mecânica possíveis, porque é caríssimo ter um programa desse, são milhares de reais ali, licença para usar são

caríssimos e eles pagam aos estudantes para desenvolver () computadores e eu ficava lá 3 da manhã, fazia meu trabalho de boas. No caso da naval, por exemplo eu lembro que por exemplo tinha até micro-ondas pros alunos que ficavam estudando até tarde lá e faziam as coisas; então

Lm: É lá eu também tive essa experiência a minha carteirinha lá abria, o acesso claro não a todo lugar da faculdade, mas aos prédios que eu poderia ter acesso, podia acessar qualquer hora com minha carteirinha (.) e aqui muitas vezes a universidade fecha fica trancada e não só (.) fica trancada como não pode ficar aberta, porque eu realmente concordo não pode deixar aberto a universidade (.) porque começa entrar qualquer um: às vezes depreda os equipamentos e tudo

Jm: °Isso é um perigo°

Lm: E lá não, eu entrava, tinha acesso também no final de semana, qualquer horário aos computadores de lá como ele falou (.) como ele falou também (.) a questão dos computadores com todos os programas necessários; e isso eu tinha uma acessibilidade muito maior realmente, questão de impressoras (.) lá com a minha carteirinha (.) eu colocava crédito na minha carteirinha pra pagar o RU também né

Jm: (Eu tenho) que fazer isso

Lm: Como é assim e lá eu podia imprimir na

Jm: ^Lbiblioteca

Lm: Não, eu podia imprimir nas salas de estudo, todo lugar da faculdade tinha impressora (.) quase todo esquina tinha uma impressora assim (.) aqui tem uma impressora ou até dentro da sala e tudo aí com a minha carteirinha eu conseguia imprimir lá, se eu tivesse que imprimir um trabalho eu ia pra lá e imprimia e pagava

Jm: ^Lautomaticamente

Lm: Na carteirinha entendeu?

Jm: Automaticamente, tinha um saldo.

Lm: Pois é

Jm: Inicial? pra fazer isso. Era tipo 2 reais, era 5 centavos a impressão e tinha milhões de cara. Eh, outra coisa que eu ia falar, (.) ah isso não era só, isso não era só no prédio da engenharia não, então eu tinha amigos músicos que de noite iam no prédio das artes e (.) pegava os instrumentos lá e tocava (.) e ficava tocando lá de madrugada. Então, isso, é como posso dizer...

Lm: ^Lincentivo;

Jm: **Incentivava** exatamente, incentivava todo mundo estudar (.) você não tem motivo para não estudar; você tem tudo ao seu dispor (.) faça como quiser, mas é basicamente isso (.) e enquanto aqui a gente tem alguns métodos impostos;

Lm: É

Jm: E isso é um pouco prejudicial, eh (.)

Lm: Aqui mesmo nem a BCE fica aberta 24 horas °ou fica°

Jm: Não (.) fica?

Lm: °Não sei°

Jm: Mas acho que não, não faz sentido

Lm: Eu acho que...

Jm: Se ficasse 24 horas...

Lm: Mas depende muito (.) mas tem salas 24horas na FT agora recentemente

Jm: Mas isso é novo, isso é novíssimo, isso é bem recente. Na BCA Norte também, não tinha onde estudar (.) eh acho que é isso sobre estrutura

Lm: Repete a pergunta (.) só pra ter noção se a gente falou tudo

Jm: Pô, para de () a pergunta aí véi

Y1: Eh, vou fazer outra pergunta, vocês poderiam falar um pouco sobre o que foi mais importante durante o intercâmbio?

Jm: Ah não mas calma (.) qual foi a pergunta anterior

Y2: Eles querem a pergunta anterior

Lm: Pode repetir?

Y1: Foi sobre a experiência na universidade que vocês realizaram intercâmbio

Jm: Acho que pode dizer que é muito contato com pessoas de outros cursos também, aqui é um pouco segregado (.) eu acho (.) lá era (1) bem mais de boas; °eu acho pelo menos°

Lm: Ah

Jm: Todo mundo morava junto

Lm: Pra eu complementar a resposta (.) ficou faltando algo (1) lá eu não fiz o mesmo curso que faço aqui né aqui eu estudo engenharia mecânica, lá eu estudei algo que seria como uma tradução tanto quanto grosseira (.) sistemas tecnologias de sistemas energéticos e por isso (.) que realmente foi uma opção minha (.) e justamente por isso, eu tive a oportunidade de fazer matérias que eu nunca teria oportunidade de fazer aqui no Brasil (.) não é nem Brasília e no Brasil (.) muita coisa relacionada a área de energia renováveis, de baterias e armazenamento de energia, eh alguns laboratórios também que eu nunca (.) como eu já citei túnel de vento e questão de uma hidrelétrica e tals; então, tive a oportunidade de ver muita coisa nova e diferente (.) que eu acho que também isso era uns dos objetivos do intercâmbio, pelo menos ao meu ver foi pra mim uns dos objetivos trazer conhecimento novo né (.) e isso eu consegui fazer lá (.) principalmente por tá cursando um curso diferente do que faço aqui (.) e lá tive muita oportunidade de (.) aprender coisas novas né; esse aspecto assim de matérias que não tenham oportunidade aqui no Brasil como disciplinas optativas e nem nada

Jm: Eu não tive essa oportunidade porque; (.) eu fiz o mesmo curso né (.) então mas eu entendo perfeitamente o que ele disse (.) concordo totalmente; acho justíssimo (.) A maneira como eu tive algumas matérias lá, e totalmente diferente de como eu tive algumas matérias aqui. (.) Então, só por esse aspecto eu já aprendi muita coisa (.) então (1) é interessante (.) diferente;

Os participantes estruturam o discurso a partir de duas categorias: estrutura física e tecnológica e o ensino da universidade de intercâmbio. Com bases nessas categorias, realizaram uma comparação com a universidade de origem, demonstrando que vivenciaram uma nova experiência universitária e que esses fatores são importantes no processo de ensino e aprendizagem. Lucas inicia sua fala explicando que a sua experiência acadêmica se deu em um Instituto Técnico Superior Hochschule, por esse motivo teve a oportunidade de vivenciar o seu curso de forma mais prática, enfatizando a prática laboral e a forte interação com as empresas, demonstrando uma percepção positiva ao sistema de educação superior na Alemanha. Por outro lado, a fala de Lucas indica o que lhe faz falta em sua formação como engenheiro mecânico na UnB, ao expressar: “só que aqui formar professores, é muito mais acadêmico, voltado pra área de pesquisa” e posteriormente reforça essa ideia dizendo: “porque aqui é muita teoria muita teoria muita teoria e quase nada de prática, de experiência profissional e lá tinha muito mais isso né”, revelando que a UnB possui uma perspectiva diferente em relação à universidade de intercâmbio, isto é, o que é apresentado em discussão é a relação desequilibrada entre teoria e prática. Outros aspectos abordados pelo participante referem-se à estrutura moderna e recente da instituição de intercâmbio, assim como a qualidade da estrutura de laboratórios, em relação às da universidade de origem. Esses fatores são fortemente enfatizados por Lucas e considerados como uma realidade distante para a UnB, ao expressar “não consigo vislumbrar esse futuro que pra mim ainda é bem distante”, justificando pelo objetivo da instituição em formar muito mais professores pesquisadores e pela quantidade de cursos oferecidos na UnB.

O relato de Juan foi organizado com base na fala de Lucas, seguindo a mesma ordem. Em um primeiro momento, foi apresentada a concepção em relação ao ensino e, posteriormente,

a estrutura da universidade. Na percepção de Juan, o modelo avaliativo estabelecido pela universidade de intercâmbio propicia melhor aprendizagem e desempenho acadêmico, levando o estudante a sentir-se motivado. Contudo, quando se trata da formação de professores, do ensino propriamente dito, o participante revela que não há diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB. Em um segundo momento, Juan traz à discussão a qualidade da estrutura de laboratórios, corroborando a percepção apresentada por Lucas. Com o intuito de enfatizar a estrutura da instituição de intercâmbio e demonstrar que essa realidade é distante da UnB, o jovem expressa: “coisas que a gente não vai passar nem perto aqui”. Nesse momento, Lucas dialoga com a narrativa de Juan com o objetivo de reafirmar que nenhuma engenharia na UnB possui a mesma estrutura presente nas universidades de intercâmbio, em seguida apresenta uma reflexão importante acerca do acesso às estruturas tecnológicas e avançadas na universidade de origem, que, em sua concepção, o acesso é segregado para aqueles que possuem uma relação mais próxima com professores. Nesse momento, os participantes cunham um diálogo interativo em torno do acesso à estrutura da universidade de intercâmbio, concluindo que as instituições de intercâmbio eram feitas para os próprios alunos, ou seja, que as diversas oportunidades de acesso às estruturas tecnológicas, laboratoriais, entre outros, são fatores que motiva os estudantes a estudar e também propiciam novas experiências.

Em um segundo momento, os participantes demonstram preocupação em dar respostas completas, solicitando à pesquisadora que repetisse a pergunta inicial. Juan Pablo apresenta o contato mais próximo com pessoas de outros cursos, que provavelmente ocorreu de uma maneira mais forte por morarem juntos. Lucas demonstra sentimento de responsabilidade em cumprir com os objetivos do programa CsF, no que se refere ao trazer novos conhecimentos para o seu país, por esse motivo, enfatiza que, por escolha própria, decidiu realizar um outro curso no exterior, que o oportunizou significativamente a vivência de novas aprendizagens que não seriam possível na universidade de origem. Nesse momento, Juan Pablo interage com a fala de Lucas para explicar que não teve a mesma oportunidade na universidade de intercâmbio, pois realizou o mesmo curso, porém apresenta um novo elemento de aprendizagem referente à maneira com que as aulas foram ofertadas na universidade de intercâmbio.

Principal contribuição do intercâmbio

Nessa passagem, buscou-se conhecer os significados atribuídos à experiência de intercâmbio, isto é, aquilo que marcou e tornou significativo em suas vidas (Linhas 290 – 365):

Y1: Durante o intercâmbio inteiro, o que foi mais importante

Lm: Pra mim o mais importante foi a experiência que eu tive no estágio lá (.) nos (3) três quatro meses finais (.) eu: consegui um estágio lá numa empresa de consultoria (.) e (.) isso pra mim foi muito importante (.) não digo o mais importante, mas foi muito importante, o fato de ter tido um curso de língua antes (.) de ir propriamente dito pra a faculdade foi muito bom e muito importante, porque aperfeiçoou muito o meu conhecimento na língua alemã, me preparou pra entrar pra chegar na universidade né e lá na universidade (.) consegui aprender bastante, muito por conta do curso que me preparou antes já lá na Alemanha né (.) e (.) o estágio com certeza pra mim foi o diferencial, algo que eu não trocaria se eu tivesse que escolher alguma das coisas lá eu ficaria com o meu estágio, porque, eh (.) assim, (2) como posso dizer...

Jm: [↳]a experiência°

Lm: Catalisou muito meu aprendizado na língua (.) porque eu fui morar numa cidade nova que eu não conhecia ninguém (.) não tinha nenhum brasileiro porque até mesmo na parte do curso de idiomas na parte da faculdade eu morava com muitos brasileiros e conhecia muitos brasileiros (.) e isso acabava que (.) não me forçava muito a (.) falar muito alemão né; e quando eu fui pro estágio eu fiquei morando junto com uma outra pessoa não brasileira, um belga e eu tinha que (1) pensar, viver e falar alemão todo dia, o dia inteiro e no meu estágio também tinha que me expressar, entender o que pediam pra eu fazer (.) realizar as tarefas tudo pensando e agindo em alemão e como eles faziam né, porque pelo menos na empresa que eu trabalhei o método deles de trabalho (.) era muito diferente do que qualquer coisa que eu vejo aqui no Brasil (.) então eu tive que me adaptar a isso, isso foi uma experiência ímpar de aprender muito, algo que funciona muito bem lá (.) isso eu aprendi (.) fiquei muito feliz de ter tido essa oportunidade (.) além disso, tinha que me expressar e conseguir me fazer entender né, que os outros me entendessem tudo em alemão e isso (.) pra mim foi muito bom né, porque foi um período de quatro meses; muito intenso, de aprendizado e tudo.e eu acho que pra mim a experiência mais importante foi essa questão da experiência profissional que agrega tanto no meu currículo (.) quanto na minha vida pessoal e na parte da língua né do aprendizado do idioma (.) e com certeza me abriu portas né pra se um dia eu precisar voltar pra lá ou se (.) houver (.) a oportunidade de talvez a chance de a empresa querer fazer uma parceria com o Brasil né eu estando aqui.eh não fecha essa porta pra eles e muito menos pra mim. (1) ° (bom) acho que é isso°

Jm: A coisa que mais me marcou no intercâmbio sem dúvidas(.) foram as pessoas que eu conheci (1) eu conheci muita gente (.) de muitos lugares do mundo (.) e muitos lugares dos Estados Unidos, de muitos lugares do Brasil, de muitos lugares de Nova Orleans que foi a cidade onde morei, de muitos lugares e nossa e foi como ele disse (.) uma (.) um aprendizado absurdo, porque eu conhecia pessoas de todos os lugares do mundo e cada um pensava de um jeito (.) e consegui (.) consegui (.) como posso dizer (1) **fazer essas ligações entre todos**

Lm: É um intercâmbio cultural né

Jm: Era uma coisa que todo dia você aprendia muito (.) era uma coisa que o tempo inteiro você -tava fazendo isso, era natural, então não tinha como não se virar e aprender a fazer as coisas acontecerem (.) então (1) eu não fiz estágio, eu fiz uma pesquisa no final do intercâmbio durante dois ou três meses não lembro mais; meu professor era turco naturalizado americano, então (.) tive a experiência de trabalhar em um laboratório de verdade, fiz uma pesquisa relacionada com energia, energia não, mas combustão (1) e então me virei de certa maneira com uma pessoa que trabalhava nessa área, consegui experienciar como era feita uma pesquisa fora do país, por exemplo isso me ajudou muito (.) pode me ajudar muito no futuro; como ele disse

abre portas, porque tive experiência (.) meu professor ele me aceitou como aluno dele porque eu fui muito bem nas aulas dele (.) e acaba que (.) tudo isso tá relacionado como eu me virei lá, conheci pessoas que conhecia outras pessoas e foram me guiando, faz tal matéria com tal professor, ele é bom (.) conhece ele, você é inteligente percebi, conheci ele depois; Eh, (1) fora isso acho que vale destacar muito meus amigos, que tenho amigos (.) de verdade do meu coração eu tenho um amigo da Nicarágua (.) um de Dubai, um da França e (.) alguns eu posso ter esquecido, mas esses principalmente, então eles são como irmãos meus (.) nós pensamos de maneira completamente diferentes completamente diferentes, ao mesmo tempo a gente se entende muito bem, tudo por inglês, tudo bem (.) mas inacreditável como a gente se deu bem e acaba aprendendo muito um com o outro (.) porque a gente acaba compartilhando os mesmos ciclos sociais (.) e vivendo as mesmas experiências; com visões diferentes e a gente aprende um com o outro e eu acho que essa foi a coisa que mais agregou (.) culturas

Lm: Há uma... Isso eu experimentei também, gostei bastante de ter um intercâmbio cultural muito grande né (.) porque a forma de viver, a cultura lá na Alemanha e não só da Alemanha, Alemanha é um país que tem muitos imigrantes também né (.) então conheci muita gente da Turquia, da sei lá; da Rússia, do França, Itália, Suíça eh (.) por aí vai né e isso também (.) agrega muito (.) por que a gente aprende e ver como funciona os outros países né e como as outras pessoas pensam (.) e cultura é uma coisa muito rica também, (.) a cultura brasileira é muito rica assim como a cultura de cada um dos outros países também é muito rica (.) e esse intercâmbio cultural dar para aprender muita coisa interessante; eu gostei bastante também dessa parte dos relacionamentos lá

Jm: Fato. (2) ensina muito.(.) Eu tenho até uma história interessante com um indiano que; (.) pô? Velho (.) não ia nem contar (.) mas marcou muito, **porque o jeito como ele falava** era uma coisa muito calma, muito pacífica e assim nunca que um brasileiro ia dizer as coisas que ele falava, falar as coisas que ele falava (.) da forma que ele falava e eu pô pensei ‘Caraca velho’ isso é de você e provavelmente da sua cultura, porque dos seus parece (.) entendeu tipo, (.) lembra um pouco; então (.) eu nunca esqueci essa; a maneira como eles falavam, as expressões que eles usavam (.) uma coisa muito mais (tuana) então porra eu aprendia muito (.) como as pessoas reagem a situações; °isso assim°.

O relato acima mostra que o momento mais importância durante a experiência de intercâmbio está diretamente relacionado à dimensão da aprendizagem, seja a aprendizagem profissional ou aquela que ocorre a partir do contato com o outro, que possui diferentes formas de ser e estar no mundo, mas que agrega positivamente em nós, em consequência do convívio, da troca de saberes e experiências. Para Lucas, a experiência no estágio o marcou muito, ao expressar “algo que eu não trocaria”, indicando que o estágio foi essencial durante a sua estadia no exterior, por oportunizar a vivência com novos contextos e o maior envolvimento com a língua alemã, assim como agregou positivamente em seu currículo, na sua vida pessoal e possui o potencial de “abrir portas” para melhores oportunidades de trabalho no Brasil e no exterior. Já Juan Pablo enfatiza que a experiência com pessoas de diferentes culturas o marcou fortemente, destacando a diferença de maneira positiva, ou seja, como um contato que resulta em aprendizagens enriquecedoras. Posteriormente, o jovem conta que não teve a oportunidade de fazer estágio no exterior, mas realizou uma pesquisa relacionada à combustão em um laboratório e ver essa oportunidade a partir dos ganhos, das portas que poderão abrir-se futuramente.

Em um segundo momento, o jovem destaca novamente a importância do outro, das pessoas com quem teve um convívio de maneira mais intensiva, enfatizando “nós pensamos de maneira completamente diferente”, demonstra que as diferenças não separam, mas também unem. Nesse momento, Lucas também apresenta que vivenciou o intercâmbio cultural, percebendo essa troca a partir do enriquecimento e da valorização de cada cultura.

Relações interpessoais

Nesse momento, buscou-se conhecer as relações interpessoais estabelecidas durante a experiência de intercâmbio (Linhas 431 - 507):

Y1: E a relação com os outros alunos, com as pessoas do país que vocês fizeram intercâmbio? Como que era?

Lm: Então, eh (.) lá no (2) no período que eu estava estudando (.) curso de Alemão eu -tava com relacionamento muito com brasileiro que a minha turma só tinha brasileiro e nós morávamos no mesmo lugar, então era praticamente (.) todo dia o dia inteiro com relacionamento só com brasileiros, só que brasileiros de diversas regiões do país, então tinha (.) alguma diferença e o relacionamento sempre foi muito bom muito tranquilo, eh (.) na parte da faculdade eu tinha um relacionamento também muito mais intenso com brasileiros (.) porque a gente tinha facilidade e querendo ou não tem uma saudade muito grande do Brasil e lidar com brasileiros (.) falar português uma vez ou outra ajuda facilita a diminuir essa saudade, essa falta que o país faz né (.) e a gente tem a cultura parecida, gosta de coisas parecidas, então assistia futebol junto pra fazer churrasco, coisa e tal, coisa que os alemães não tinham tanto essa abertura (.) e esse costume também (.) era uma questão de costume (.) eh, (1) eu morei com um italiano, um francês e depois com um jordaniano e um colombiano, o relacionamento com eles foi sempre muito bom, com o italiano e com o colombiano um pouco menos pessoal coisa muito mais diplomática (.) mas com o francês e com esse cara lá da Jordânia foi muito bom, a gente conversava bastante, cozinhava junto e: sempre se falava e tudo; Eh, e eu fiz um trabalho que falei né que que (.) teve um estudo de caso com um professor (.) o meu grupo era composto só de alemães e eu (.) e aí o relacionamento com os alemães foi sempre muito bom, dentro do possível, só que culturalmente eles (.) não se abriram tão facilmente porque demorava um pouco mais pra eles terem a liberdade que os brasileiros têm (1) porque os brasileiros conseguem se interagir e ter uma liberdade muito grande com uma pessoa com dez minutos de conversa e eles não (.) demoravam coisa de mais; de mês pra poder se abrir, fazer piadinha e começar a conversar com você normal (.) e alguns momentos eu me sentia por exemplo no começo desse trabalho da da faculdade (.) me senti um pouco deslocado, mas aos poucos a gente já conseguia conversar normal; ter um relacionamento muito mais tranquilo (.) eh, (1) o (2) na parte do meu estágio o relacionamento com todo mundo da empresa sempre foi muito bom muito tranquilo, muito fácil de se relacionar (.) inclusive com o dono da empresa, ele me tratava por nome, me tratava por você (.) tinha uma abertura incrível, poderia chegar a sala dele em qualquer momento e conversar com ele sobre qualquer assunto (.) se ele tivesse disponível claro; e: sem cerimônia alguma né, (.) tratava com os gerentes e diretores e todo mundo da mesma forma que o estagiário que -tava ao meu lado (.) e isso era uma coisa muito boa, facilitou bastante a minha adaptação nessa empresa e (.) sempre foi um relacionamento muito bom, principalmente por serem pessoas do mundo

inteiro né, eram vinte e tantas nacionalidades numa empresa e aí tinha gente de todo canto do mundo de verdade; Tunísia de todos aqueles países da Arábia lá, quase todos Índia e (.) Tunísia eu já falei, tinha russo (.) tinha polaco;; suíço: e por aí vai italiano, português, espanhol, francês, canadense de todas as partes do mundo (.) então o relacionamento foi sempre muito bom, apesar de ter diferenças de cultura, choque cultural às vezes, mas sempre havia um respeito muito grande né e a grande maioria alemães então a gente acabava por facilidade e também por respeito (.) lidar sempre muito mais com os modos e cultura alemã; mas sempre foi muito tranquilo com todas as pessoas que eu convivi no período de intercâmbio;

Jm: Qual é a pergunta mesmo?

Y1: Como que era sua relação com os alunos do país que você realizou intercâmbio e com os outros estudantes (.) de maneira geral?

Jm: Bom, (.) eu cheguei lá? e já tinha uma galera brasileira que tinha feito inglês lá (.) curso de línguas e essa galera meio que -tava fechada, (.) então eu cheguei meio que na minha assim. então acabei fazendo muitos amigos que não eram brasileiros de cara, (.) isso foi eu acho que um grande diferencial pra mim, porque (.) ao mesmo tempo que eu comecei a conversar com brasileiros eu comecei a conversar com outros grupos também; os latinos os próprios americanos, outros estrangeiros que

Lm: ^Ltem muito essa diferenciação né? Latinos aqui, os () ali

Jm: Era muito aluno arábico por exemplo, muito árabe, muito aluno latino, muito brasileiro, muito americano, muito

Lm: ^Lchinês

Jm: Chinês eram poucos (.) eh tinha muito de nepal também (.) então, aí (.) talvez essas pessoas por fazer intercâmbio seriam mais abertas a ter uma experiência de contato assim, então era muito fácil normalmente socializar com esses estrangeiros e tal, a maioria era bem mente aberta então até os alemães, alguns deles eram (.) e aí somos brothers na hora (.) instantâneo, até hoje inclusive um deles veio aqui em Brasília (.) um menino que conheci véi do nada eu lembro até hoje

Lm: Ele veio aqui só para te visitar?

Jm: Veio aqui, mas já sabia que eu morava aqui, falou antes de vir eu sabia e tal; um brother da França veio só para me visitar e para as olimpíadas; aproveitou a situação e tal (.) muito fácil de conversar, os americanos (.) eram uma coisa um pouco diferente; que eles não tinham grupinhos assim, então era cada um por si (.) e eu acabei conhecendo alguns, porque quando eu me mudei pra lá eu coloquei no formulário de moradia lá; do dormitório que eu queria morar com americanos. então acabei morando com americanos bem diferentes uns dos outros, mas ainda assim bem americanos (.) então abriu contato, sempre tentei ser (legal) o possível com todos eles (.) então a gente vivia muito bem, vivia muito bem assim, comunicava e (.) qualquer coisa que fosse importante (.) e a gente sabia como lidar um com o outro, então eu acho que esse é um aspecto muito importante (1) porque meu espaço (.) seu espaço, mas a gente consegue muito bem comunicar, comunicar essa (.) tramitação (.) essa relação mesmo pessoal entre culturas tão chocantes (.) então; (.) foi tranquilo me adaptar. (2) morei nos Estados Unidos? fiz alguns amigos americanos: (1) não muitos (1) e poucos próximos (.) então alguns próximos, razoavelmente; mas poucos (.) então (.) talvez a cultura deles talvez seja nossa, talvez seja só o embate assim mas é isso;

Os participantes consideram as relações interpessoais tecidas durante a experiência de intercâmbio como muito boas, enfatizando que, apesar das diferenças, as relações sempre foram baseadas no respeito ao próximo. Lucas conta que, em consequência do curso de alemão, teve um contato mais forte e próximo com os brasileiros, assim como na instituição de intercâmbio. O participante percebe que o relacionamento com os seus, brasileiros, foi essencial para amenizar a saudade de casa, do Brasil. Ao relatar sobre o relacionamento na universidade de intercâmbio, Lucas avalia as relações com os alunos alemães a partir da percepção que possui

em relação à cultura brasileira, revelando marcas de cada cultura. Apesar das diferenças culturais, o jovem considera o relacionamento como muito bom. Por último, apresenta as relações vivenciadas na república e no estágio de maneira positiva e respeitosa, apesar do mosaico cultural.

Juan inicia sua narrativa realizando uma crítica àqueles que estavam fechados entre si, os brasileiros. Assim, apresenta que buscou-se relacionar com pessoas de diversas culturas, considerando esse fator como um diferencial na experiência de intercâmbio. O jovem percebe que as pessoas que se dispõem a vivenciar uma experiência de intercâmbio são mais dispostas a ter um contato mais próximo com o outro que é diferente e que esse contato propicia o estabelecimento de vínculos de amizade os estudantes estrangeiros. Contudo, ao final de sua narrativa, percebe-se que o relacionamento com americanos foi um pouco mais difícil.

Relação com o idioma estrangeiro

Nessa passagem, buscou-se conhecer um pouco da relação com o idioma estrangeiro durante a estadia no exterior (Linhas 581 – 593):

Y1: Durante o intercâmbio vocês tiveram alguma dificuldade no idioma oficial do país?

Jm: Zero tranquilo já falava inglês muito bem antes de ir pro Ciência sem Fronteiras (.) só melhorei

Lm: Eu tive algumas dificuldades sim (.) principalmente pelo regionalismo, que há diferença muito grande de

Jm: ^Ldialetos

Lm: Dialeto e tudo (.) no começo foi bem mais difícil, (1) só que depois do (1) quarto e quinto mês até mesmo fora da Alemanha eu preferia me comunicar em alemão (.) porque eu era bem mais entendido e melhor recebido; (.) mas no começo tive sim alguns momentos de (.) de dificuldade de comunicação (.) nada do tipo ‘Ah vou passar fome’, porque lá conseguia me virar tranquilo com o inglês se fosse preciso; mas (.) principalmente em algumas cidades do interior (.) e tudo e, isso sim eu tinha alguma dificuldade (.) em entender e ser entendido (.) mas nada que durasse muito tempo, como disse depois do quarto quinto mês já melhorei;

As falas dos jovens indicam que a experiência de intercâmbio pode propiciar o aperfeiçoamento de um idioma estrangeiro e/ou a aprendizagem de um novo idioma. Juan Pablo afirma que não teve nenhuma dificuldade em se comunicar, explicando que já dominava bem o inglês antes da participação no programa. É interessante recordar que Juan já havia realizado várias viagens de turismo aos Estados Unidos. Por outro lado, Lucas diz que inicialmente teve dificuldade com a língua alemã, devido à marca linguística, os dialetos presentes na cultura

alemã, contudo, a fala do participante indica que a aprendizagem do idioma ocorreu a partir da vivência, com o decorrer dos meses, expressando, assim, um sentimento de melhor compreendido e recebido quando se comunicava em alemão.

3.3.3.5 Projetos de futuro

“Cara eu devo alguma coisa pelo meu país, e não só por isso eu gosto demais daqui, eu gosto demais do Brasil, então eu vejo que o Brasil e eu eu me vejo com capacidade de fazer algo diferente pelo país” Lucas

Nesta última seção, buscou-se conhecer os projetos de futuro dos participantes após a experiência internacional (Linhas 1351 – 1395):

Y1: Por último (.) o que vocês pensam em fazer depois de concluir a graduação?

Jm: Quer começar essa? @@@Aí aí@ eu penso em (2) buscar oportunidade fora do país (.) possivelmente mestrado ou profissional (.) mas não porque eu tenho necessidade de ir pra fora do país, não é porque eu acho que a situação econômica atual (.) política e social também é desfavorável eh (.) eu prefiro me capacitar, num local onde seja mais; onde renda mais frutos (.) pra depois voltar e poder fazer mais, (.) eu acho que na situação atual, talvez eu vejo uma oportunidade aqui de trabalho por exemplo (.) que eu (1) interprete como melhor pra mim, (.) mas:: (1) eu imagino que outra experiência internacional seria mais proveitosa atualmente né que eu penso hoje, fala aí.

Lm: Bom, a minha ideia é de permanecer no Brasil (.) sempre foi minha ideia (.) não fecho mais as portas pra, já já havia pensado algumas vezes ‘ah nunca mais vou sair do Brasil e tal’ hoje não penso assim mais, se houver alguma oportunidade talvez eu saia (.) mas eu penso muito em produzir algo para o Brasil (.) muito na linha do que eu comentei que o professor pensa né, de ‘cara eu devo alguma coisa pelo meu país, e não só por isso eu gosto demais daqui, eu gosto demais do Brasil (.) então eu vejo que o Brasil e eu eu me vejo com capacidade de fazer algo diferente pelo país (.) então ainda que se eu tiver oportunidade de ir pra fora e tal, ainda sim eu vejo que posso fazer algo diferente pelo meu país ainda estando fora (.) **então meu objetivo é fazer algo diferente ser a diferença né**

Jm: Fazer a diferença

Lm: Pois é, porque muitas (.) pode parecer muito frase pronta; batida ah frase pronta batida, ‘ah fazer a diferença, o que eu quero ser, sei lá coisa tal, esse papinho assim’ mas não (.) é o que realmente vejo que dar pra fazer algo diferente no país, apesar de ser difícil; apesar de ser trabalhoso e tal (.) eu imagino que dê pra fazer, e eu quero participar dessa mudança também (.) e eu acho que é isso; meu objetivo depois de formar

Jm: Esse é o ponto principal do programa (.) que é justamente o retorno

Lm: Exatamente.

Jm: Eu por exemplo tenho a intenção de dar aula quando for mais velho (.) talvez eu chegue a esse ponto (.) talvez não; mas se possível eu gostaria de dar aula (.) passar meu conhecimento adiante, preferencialmente no Brasil (.) não tem porque dar aula em outro lugar assim, (.) não faz o menor sentido (.) não tem porque não dar aula; não tem porque dar em outro lugar assim, **eu sair dando aula para um interesse meu, seria um interesse alheio**, então como minha experiência de vida;

Lm: Outra coisa que ele comentou que eu achei muito interessante também que ele falou foi ‘cara o desafio real tá aqui no Brasil’ pra ele não tem desafio nenhum ele ficar num laboratório que tem tudo pra ele (.) que os caras lá ele seria mais um, não ia ter desafio nenhum, ele ia fazer a pesquisinha dele, ia fazer nada na vida pronto (.) aqui que tá o desafio real de dar um laboratório para os estudantes (.) de conseguir em parceira com a iniciativa privada de dar bolsas para os estudantes (.) incentivar melhorar tudo e tal; isso eu acho interessante né (.) e eu vejo que no Brasil tem muitos mais desafios interessantes e motivadores do que fora, (.) porque lá fora seria algo muito (.) cômodo eu acho.

Jm: Eh: eu entendo esse lado, acho que aqui realmente é muito mais desafiador,(.) porém como eu disse nossa situação atual econômica, social é muito desfavorável principalmente a gente que trabalha na área tecnologia então (.) eh (2) emprego tá um pouco difícil; nada impossível mas: a dificuldade (.) é um fator a considerar (.) e eu acho que (.) como eu falei.tem muito a agregar não necessariamente agora (.) o futuro tem muito tempo ainda (.) muitas coisas acontecerão;

Lm: Ponto.

A narrativa apresentada por Juan e Lucas sinaliza que os projetos de futuro não são apenas movidos pelos desejos pessoais, mas também são influenciados pelo atual contexto brasileiro. Sob perspectivas diferentes, o contexto brasileiro pode gerar sentimento de insegurança em relação ao futuro profissional, mas também pode suscitar o desejo de “fazer a diferença”. Como projetos futuros, Juan almeja buscar oportunidade fora do país, possivelmente mestrado profissional, pois em sua concepção a situação econômica, política e social no Brasil é desfavorável, principalmente em relação ao mercado de trabalho. O jovem esclarece que buscar oportunidades no exterior não é uma necessidade, contudo, demonstra sentimento de descrença e até de impotência diante do atual contexto brasileiro, por esse motivo, crê que “renda mais frutos” fora do Brasil. Em outra direção, Lucas deseja permanecer no Brasil, apesar de não se fechar para outras oportunidades no exterior, para “fazer a diferença”. A fala do jovem também revela um sentimento de admiração por seu professor, que o fez perceber o compromisso com a transformação do Brasil, ao afirmar: “cara eu devo alguma coisa pelo meu país e não só por isso eu gosto demais daqui, eu gosto demais do Brasil”, demonstrando um forte sentimento afetivo por seu país. Ao escutar o relato de Lucas, Juan reconhece que o “fazer a diferença” está diretamente relacionado com o principal objetivo do programa CsF, ou seja, trazer retorno para o Brasil. Lucas concorda com o comentário de Juan. E Juan prossegue sua narrativa demonstrando que também deseja fazer a diferença futuramente por meio do exercício da docência em seu país, revelando que cumpriria com um desejo do Brasil, como bem expressa “não tem porque dar em outro lugar assim, eu sair dando aula para um interesse meu, seria um interesse alheio”. Lucas ainda apresenta que seu professor o influenciou e o motivou para perceber a realidade brasileira não a partir das desvantagens, mas a partir dos desafios, que, em sua concepção, são mais motivadores. Juan concorda com a

assertiva de Lucas, porém, apresenta novamente a desvantagem de permanecer no Brasil, pois seus projetos de futuro são guiados pela atual situação brasileira.

CAPÍTULO 4 PERCEPÇÕES DOS BOLSISTAS EM RELAÇÃO AO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Com o objetivo de oferecer subsídios para o aperfeiçoamento dos programas de mobilidade acadêmica, o presente capítulo destina-se à discussão e análise do Programa Ciências sem Fronteiras com base nos depoimentos dos bolsistas. Contudo, considera-se importante e necessário realizar uma avaliação para além dos aspectos quantitativos, oportunizando a fala dos sujeitos que vivenciaram o intercâmbio. Além disso, mediante a participação ativa dos ex-bolsistas, pode-se identificar aspectos positivos e negativos, assim como compreender a importância de programas de mobilidade acadêmica na trajetória de jovens universitários.

Para a composição desta seção, foram consideradas as informações provenientes do questionário *on-line* (Plataforma LimeSurvey), especificamente a análise da questão aberta (opcional), em que foi proposto aos ex-bolsistas a seguinte discussão: se o programa atende adequadamente estudantes oriundos de escolas públicas, seguida de solicitação de sugestões para a avaliação e aprimoramento do programa. Nessa questão, obtivemos 50,57% de participação dos bolsistas. Em um segundo momento, serão apresentadas as concepções dos grupos de discussão, *É cultural*, *Sair da caixinha* e *Portas*, relativa ao fim do Programa CsF para a modalidade graduação.

4.1 O programa atende adequadamente alunos oriundos de escolas públicas?

Nesse primeiro momento, buscou-se acessar a opinião dos bolsistas deste estudo acerca da participação de estudantes oriundos do ensino médio público no programa CsF, que representou apenas 14,99% da Universidade de Brasília.

A questão proposta pela pesquisadora é analisada pelos estudantes a partir de duas perspectivas. Um primeiro grupo de estudantes percebeu o programa como aquele que superou a barreira financeira e possibilitou aos alunos oriundos do ensino médio público uma grande oportunidade, isto é, a temática é vista a partir da experiência de intercâmbio propriamente dita. Por outro lado, há aquele que percebeu essa questão considerando o processo percorrido pelos estudantes até chegar ao programa CsF, ou seja, analisam aspectos anteriores à experiência de

intercâmbio. Contudo, é evidente nos dois grupos a discussão acerca da barreira financeira e principalmente linguística, compreendida como limitador na participação do programa CsF, como veremos a seguir.

Os bolsistas que afirmaram que o programa atendeu de forma satisfatória estudantes provenientes do ensino médio público justificam que o CsF “abre portas” para aqueles que não possuem condição financeira suficientemente boa, visto como a maior barreira na realização de um intercâmbio. Nesse sentido, o programa é compreendido como aquele que proporciona uma grande oportunidade de experiência no exterior para uma classe que geralmente não possui recursos financeiros para custear estudos fora do Brasil.

O programa Ciências sem Fronteiras atende, ao meu ver, de maneira adequada estudantes provenientes de escolas públicas, uma vez que fornece a oportunidade de estudantes que não teriam condições de ter uma experiência dessa magnitude não fosse esse tipo de programa. (Graduando em engenharia Mecânica – Diurno, intercâmbio na Hochschule Offenburg).

Sim, atende muito bem. Boa parte destes alunos não teria condições de arcar com todas as despesas deste intercâmbio. Os auxílios são suficientes mesmo para pessoas de baixa renda. (Graduanda em engenharia de redes – Diurno, intercâmbio na Illinois Institute of Technology).

Contudo, há bolsistas que, apesar de acreditarem que o programa atendeu estudantes oriundos do ensino médio público, oferecendo subsídios econômicos, percebem que a baixa ou proficiência em línguas estrangeiras dificultou e limitou a participação desse público no programa CsF, justificando que o ensino de idiomas recebido pela escola pública não prepara adequadamente para a realização das provas de proficiência, tampouco para uma melhor interação no exterior. Dessa forma, defendem que a aprendizagem de um idioma estrangeiro deve ser inserida de maneira mais firme na educação básica.

O programa atende sim os estudantes oriundos de escolas públicas, lhes dando a oportunidade de estudar fora do país, eliminando uma das maiores barreiras que é a dificuldade financeira. Porém não diria que atende adequadamente pois a outra barreira enfrentada por esses estudantes é o idioma, pois muitas vezes esses estudantes nunca tiveram acesso ao ensino de qualidade de outro idioma. Então apesar do subsídio financeiro, acredito que muitos alunos ainda estão privados do CsF por não possuírem proficiência em outro idioma, além do alto custo para obtenção dos certificados de proficiência. É necessário então ampliar o acesso desses estudantes ao aprendizado de outro idioma e não apenas que esse investimento seja feito um pouco antes ou no próprio intercâmbio, até porque é preciso comprovar o mínimo de proficiência exigida para participar do programa e não é deste público que estamos falando e sim daqueles que realmente não possuem o mínimo exigido. (Graduando em Engenharia Civil – Diurno, intercâmbio na Università Degli Studi di Firenze).

O fomento ao estudo no exterior deve ser realizado desde o ensino médio, para que os alunos tenham tempo hábil de pelo menos iniciar os estudos na língua estrangeira, visto que abrir mão do pré-requisito de um conhecimento mínimo da língua é, na

minha opinião, temerário. Portanto, acredito que sim, o programa em si atende aos alunos oriundos de escolas públicas, porém o estudo da língua estrangeira deve ser inserido nas escolas de forma mais firme. (Graduando em Engenharia Mecatrônica – Diurno, intercâmbio na Stanford University).

Apresentam, também, que a origem escolar não influencia a participação do programa, pois a seleção é realizada durante a graduação e todos passam pelo mesmo processo, explicando que os critérios para seleção são acadêmicos e que aqueles que buscaram se esforçar conseguiram participar do programa. Dessa forma, na concepção de alguns bolsistas, não há diferenças entre alunos oriundos do ensino médio público ou privado, já que, dentro do programa, todos são atendidos da mesma forma. Contudo, evidencia-se, nos relatos abaixo, um forte discurso acerca do esforço, em especial na fala da estudante de engenharia que diz que não se sentiu diferente em relação aos alunos provenientes de escolas privadas, porém deixa claro que teve que se esforçar para alcançar o mesmo nível acadêmico de estudantes de curso, revelando que o processo até chegar ao próprio programa é diferente para alunos de escolas públicas e alunos do colégio privado.

Acredito que atende sim, não me senti diferente de nenhum estudante que tenha vindo de escolas particulares, porém, antes de ir para o intercâmbio eu já havia me esforçado e estudado bastante para me igualar aos demais estudantes do meu curso de Engenharia. (Graduando de Engenharia – Diurno, intercâmbio na Wayne State University).

Dado que o aluno realmente tenha interesse em estudar e se destaque ele poderá ser selecionado para o programa. Entretanto, percebo que eu mesmo presenciei casos de alunos que cumpriam apenas as metas básicas e assim conseguiam atender as necessidades do programa. (Graduando de Química – Diurno, intercâmbio na Humboldt State University).

Os bolsistas que acreditam que o CsF não atendeu adequadamente os estudantes oriundos do ensino médio público apresentam um olhar destinado ao acesso ao programa, isto é, aos critérios definidos para a seleção dos participantes, demonstrando que a utilização da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o acesso aos cursos de língua estrangeira privilegiam os estudantes oriundos de escolas privadas. Também é destacado que os altos custos para obtenção do certificado de proficiência linguística, passaporte e visto, que estiveram a encargo dos alunos, são fatores que podem dificultar o acesso à experiência no exterior.

Não, não atende. O inglês e a nota do Enem já servem como um parâmetro que beneficia alunos de escolas particulares, que em geral tem uma educação de melhor qualidade e tem condições de pagar cursos pré-vestibulares (aumentando a nota do enem) e curso de inglês, o que influencia diretamente na classificação para o Ciência sem Fronteiras. (Graduando em Ciências Biológicas – Diurno, intercâmbio na University of Szeged)

Há aqueles que destacam que, na universidade pública, há um maior percentual de estudantes oriundos de escolas privadas e que esses alunos possuem, durante sua formação, acesso ao ensino de idiomas de qualidade, em comparação ao ensino público, salvo aqueles que são exceção e conseguem estudar no Centro Interescolar de Língua (CIL), escola pública de idiomas no Distrito Federal, reconhecida pelos bolsistas pela qualidade do ensino.

Não. Acredito que o Ciências sem Fronteiras beneficia principalmente estudantes oriundos de escolas particulares, pois estes possuem e possuíram condições de estudar outros idiomas durante sua formação. Já estudantes de escolas públicas, poucos tem a oportunidade de estudar outro idioma e, por isso, não conseguem ir para o intercâmbio. Entretanto, existem exceções. Eu sou uma delas, consegui estudar outro idioma graças a uma escola pública de idiomas no DF, o Centro Interescolar de Línguas - CIL. (Graduando de Engenharia Florestal – Diurno, intercâmbio na Universidad Politécnica de Madrid).

Quando se trata de estudantes oriundos do ensino médio público no programa CsF, a ideia de ser exceção é evidente nas falas dos bolsistas, revelando que o programa abarcou significativamente uma classe média alta. Para além do processo seletivo, o relato abaixo revela que a classe social pode influenciar a maneira como um estudante vive um intercâmbio, em especial quando o bolsista diz que muitos participantes receberam visitas de seus familiares durante a estadia no exterior, sendo importante lembrar que uma das maiores dificuldades vividas durante o intercâmbio para alunos do ensino médio público foi a saudade da família.

Eu acredito que o Programa está selecionando muitas pessoas que já tiveram ou terão com maior facilidade, a oportunidade de ter uma experiência internacional na vida. Eu era exceção. A maioria dos meus colegas lá havia feito curso de inglês particular, estudado em colégio particular, já haviam tido alguma experiência no exterior e estavam recebendo visitas de familiares do outro lado do mundo, o que demonstra como o programa está selecionando uma maioria de pessoas de classe média para cima. (Graduando em Ciências Ambientais – Noturno, intercâmbio The University of Queensland)

De maneira geral, observa-se que o percurso percorrido por estudantes oriundos do ensino médio público para alcançar uma experiência de intercâmbio envolve fatores que ultrapassam a condição financeira dos estudantes, mas abarca a trajetória escolar como um todo, em especial quando se trata do ensino de idiomas. Contudo, percebe-se também que o próprio programa realizou uma opção de selecionar estudantes de cursos de engenharias e tecnologias, o que nos sugere pensar sobre o perfil desses estudantes da Universidade de Brasília, em especial quando, no terceiro capítulo deste estudo, os participantes dos grupos de discussão apresentam-se como parte da minoria oriunda do ensino médio público nos cursos de engenharia, odontologia e ciências da computação. Para além dessas questões, há os efeitos

simbólicos, isto é, a experiência de intercâmbio para esses jovens pode representar uma realidade distante.

4.2 Sugestões para programas de intercâmbio

Pensar aquilo que não deu certo e que pode ser melhorado é um exercício fundamental na elaboração de políticas públicas. Assim, as sugestões dos bolsistas para o programa CsF, extinto em 2017 para estudantes de graduação, podem contribuir de maneira significativa na elaboração de políticas de promoção de outros programas de mobilidade acadêmica durante a graduação.

No que se refere à seleção de estudantes universitários para a participação do programa, os ex-bolsistas, de forma geral, destacam que deveriam ser considerados os seguintes aspectos: haver uma melhor seleção dos estudantes no que diz respeito aos requisitos básicos e ao desempenho acadêmico; prezar pela qualidade, em detrimento da quantidade; selecionar estudantes que tivessem consolidado a base de aprendizado da graduação cursada, com o intuito de realizar disciplinas mais específicas do campo de estudo; estudo da língua estrangeira inserido nas escolas de forma mais firme, para que o idioma não continue sendo um empecilho para muitos universitários; cidades com grupos reduzidos de brasileiros, com o intuito de propiciar uma melhor aprendizagem do idioma; possibilidades de estágio e pesquisas já encaminhados antes da chegada ao exterior; acompanhamento individualizado durante a estadia do estudante no exterior, visando ao rendimento acadêmico, ou seja, mais controle dos resultados; incentivar os estudantes a trazer novas ideias e tecnologias para o Brasil, e uma Política de melhor aproveitamento de disciplinas.

A sugestão que eu teria para o Ciências sem Fronteiras é incentivar o estudante que está indo a trazer novas ideias e tecnologias consigo para o país, desta forma o governo poderia utilizar este estudante como uma ferramenta para o crescimento do nosso país, que na minha opinião é o meu verdadeiro foco aqui. O mundo tem visto o potencial do Brasil, mas infelizmente muitos brasileiros ainda não viram isso. (Graduando em Agronomia – Diurno, intercâmbio na Corvinus University of Budapest).

4.3 O que os bolsistas pensam sobre o término do Programa Ciência sem Fronteiras?

Analisar as percepções dos ex-bolsistas no que diz respeito ao término dessa política, configura-se como um aspecto crucial para uma melhor compreensão do que representou o CsF e do legado deixado a essa geração que teve a oportunidade de vivenciar a experiência de intercâmbio. Nesse sentido, será apresentado como a discussão acerca da temática “Fim do programa CsF” foi discutida nos grupos de discussão *É cultural*, *Sair da caixinha e Portas*. É importante ressaltar que, a princípio, essa questão não fazia parte do roteiro de perguntas, contudo, foi introduzida pela pesquisadora Denise Damasco na realização do primeiro grupo de discussão, *É cultural*, e, posteriormente, considerada como um assunto de relevância a ser tratado nos demais grupos.

Grupo É cultural

“Mas acho que se tivesse mais pessoas né (.) uma nova geração que visse tudo isso” (Sofia), “que pudesse vivenciar isso né” (Laura).

O último bloco (VIII) do roteiro de questões foi destinado à temas não abordados durante a discussão do GD. Assim, a pesquisadora Denise convidou as participantes Sofia (Sf) e Laura (Lf) a opinarem sobre o fim do programa CsF (Linhas 1278 – 1423):

Y2: Eu queria até perguntar uma coisa assim (.) se vocês quiserem falar é claro (.) quando vocês viram essa semana a notícia que o Ciência sem Fronteiras que essa política vai acabar (.) o que vocês pensaram?

Lf: Ah é uma pena

Sf: Ah mas assim meio que já tinha acabado

Lf: é já tinha acabado

Sf: **já tinha acabado a muito tempo**

Lf: **Não tinha edital só tinha a galera**

Sf: Só tinha a galera que já -tava lá fora mas não teve mais abertura de edital

Lf: É (.) mas eu acho que tinha abertura pra doutorado e mestrado

Sf: Então mas parece que essa parte vai continuar né (.) talvez tivesse

Y2: Sim a graduação que?

Lf: A graduação acabou

Sf: Já tinha um tempinho já; (.) foi bem triste quan-

Lf: É

Sf: E até gente, que ver assim (.) você viu gente (.) pelo menos eu vi gente que ‘ah poxa eu ia fazer’

Lf: É

Sf: Eu ia tentar né, (.) aí tipo (.) também foi meio assim ‘caramba ainda bem que eu (.) assim (.) que eu fui

Lf: @é foi um alívio de ter ido@

Sf: Não assim (.) tipo assim caramba eu tive essa oportunidade

Lf: É

Sf: Porque assim claro quan- quando (.) teve o programa né quando teve abertura do programa (.) você sabia que não ia ser pra sempre né

Lf: Claro

Sf: Eu também sabia (.) mas assim claro que a gente (.) né você -tá ali vivendo aquele momento e tal (.) e eu sabia que eu -tava tendo uma grande oportunidade de ir então assim quando acabou realmente eu falei 'caramba (.) eu fui'

Lf: É (.) não é uma

Sf: Não sei

Lf: É satisfação assim né;

Sf: Caramba eu fui nossa quanta gente que também

Lf: ↳queria

Sf: Queria ter essa oportunidade

Lf: ↳oportunidade

Sf: De ir né sabe então

Lf: É

Sf: Mas assim eu acho que é um programa que vale a pena ele não é perfeito (.) precisa ser aprimorado (.) bastante ainda (.) como todo o nosso sistema educacional

Lf: É

Sf: E eu acho que é uma falha que tá incutida nisso né eu diria não é uma coisa assim (.) do programa em si mas do sistema de educação que não é integrado (.) então, se o sistema de educação não é integrado como você quer também ter (.) o intercâmbio ter essa integração na volta ou na ida enfim (.) então eu acho que é uma questão mais disso (.) mas realmente é um programa que vale a pena assim se eu tivesse que falar alguma coisa pro governo pra alguém eu acho que é um programa que vale a pena dar muito crescimento né

Lf: Claro

Sf: Crescimento muito assim sabe

Lf: Contato né também, eu acho que é tudo

Sf: É também muita coisa assim (.) e eu pelo menos assim (.) eu tenho vontade de talvez voltar mas não é uma necessidade

Lf: Aham

Sf: Assim de tipo ir pra fora não é uma necessidade (.) é uma questão de tipo assim se eu tiver uma oportunidade eu vou (.) mas assim (.) pelo menos eu sempre pensei muito nisso assim; eu atualmente faço estágio eu faço estágio na no governo de Brasília no serviço de limpeza urbana SLU (.) mas eu sempre quis trabalhar pro governo (.) mas não como concursada (.) eu sempre quis trabalhar alguma coisa assim então, assim meio que eu tive um pouco de (.) certeza disso (.) porque eu vi como é lá fora e como o Brasil ainda pode melhorar (.) a infraestrutura do Brasil ainda é muito deficiente em tudo

Lf: É, em todas

Sf: Em todas as áreas (.) não tem nada assim (.) ah não (.) todos os setores (.) então assim (1) eh como engenheira né eu acho que tem muita coisa aí a desenvolver o país sabe (.) então, não sei (.) eu acho que o fato de ter ido lá fora só de você ver (.) isso já é um aprendizado de tipo assim (.) de até onde sabe você sabe onde teu país pode chegar pode desenvolver você ver como funciona lá fora ou as vezes você quer trazer isso pro teu país mas você ainda não sabe como

Lf: ↳não sabe como °começar°

Sf: Mas acho que se tivesse mais pessoas né (.) uma nova geração que visse tudo isso

Lf: Que pudesse vivenciar isso né

Sf: Mas assim eu pelo menos vejo muito tipo (.) essa geração do Ciência sem Fronteiras assim eu já observo muita mudança assim (.)

Lf: No modo de pensar

Sf: Modo de **pensar** mesmo tipo assim acreditar que a gente pode ser mais que a gente pode melhorar que o Brasil pode ser mais organizado que o Brasil pode ser tipo não corrupto

Lf: Aham

Sf: Que o Brasil sabe (.) não precisa ser assim necessariamente

Lf: Essa questão da corrupção nossa é uma coisa que

Sf: ^Lentendeu? Então assim

Lf: Foi um tapa na cara

Sf: Eu acho que todo mundo que foi tem essa

Lf: É porque até então pra mim corrupção quer dizer infelizmente ainda é (.) mas antes de eu participar do processo do Ciência sem Fronteiras; corrupção era era cultura todo mundo era corrupto (.) eu não conhecia ninguém não corrupto (.) eu era corrupta (.) minha família era corrupta sabe nos mínimos, detalhes mas todo mundo era

Sf: Uhum

Lf: E aí quando você vai pra uma outra outra @civilização@ que as pessoas não atravessam a rua chovendo sem nenhum carro (.) porque o sinal tá fechado (1) porque é errado enfim (.) não atravessa de jeito nenhum (.) você fala caracas mesmo (.) tipo é uma parada muito muito (.) uma das coisas que mais me marcou assim na Alemanha; que eu fiquei caraca que doideira (.) foi (.) uma vez eu -tava atravessando a rua (.) -tava muito frio -tava tipo assim preste a chover e não tinha carro nenhum (.) aí tinha um senhor e uma criança (.) um senhor não (.) um rapaz e uma criança e eu -tava do outro lado do sinal e não tinha carro nenhum e eu falei ah vou atravessar a rua é obvio; @porque não né@ aí eu atravessei a rua (.) ele me pegou pelo braço e falou olha você não faça isso na frente do meu filho (1) você -ta dando mal exemplo (.) sinal -tá fechado (.) você não faça isso na frente do meu filho (.) eu pedi desculpas fiquei morrendo de vergonha (1) e aí (.) isso foi tipo caraca

Sf: Ainda mais na Alemanha que eles são bem certinhos

Lf: Eu preciso mudar

Sf: Os alemães são muito certinhos (.) °os italianos (não são)°

Lf: Nossa pontualidade foi uma coisa que eu **melhorei** sério não 100% porque eu cheguei um pouquinho atrasada

Todos: @(1)@

Lf: Mas @(.)@ foi uma coisa que eu **melhorei** nossa

Sf: Eu tenho dificuldade também e eu melhorei muito depois (.) assim eu ainda

Lf: °Pontualidade°

Sf: Tenho que melhorar também mas

Lf: É (.) porque aqui o o

Sf: ^Lo sistema não ajuda

Lf: **É o sistema não ajuda** eu saí de casa no horário certo mas tinha um acidente na EPTG e (.) parece que também @ a galera não sabe dirigir@ engarrafou tudo e já era

Sf: Eh não eu cheguei aqui na hora mas foi porque eu saí do trabalho 18h horas eu cheguei aqui 19h.

Lf: É

Sf: É uma hora de viagem dali (.) até aqui de ônibus

Lf: É;

Sf: Mas é isso

Lf: É mas é isso.

Y1: Vocês querem comentar mais alguma coisa?

Sf: Não acho que não;

Lf: Só que eu -tô com saudade agora

Todos: @(2)@

Sf: Eh eu também fiquei lembrando eu já -tava no meio da (.) entrevista já tava com saudade.

Em um primeiro momento, como resposta à indagação da pesquisadora, Laura demonstra sentimento de tristeza com o fim do programa ao expressar “Ah é uma pena”. Em seguida, a fala de Sofia sugere que o termino do CsF não era um fato recente, explicando juntamente com Laura que já não havia abertura de novos editais para a seleção de estudantes da graduação e que a possibilidade de o programa continuar seria apenas para alunos do mestrado e do doutorado. Nesse momento, a pesquisadora buscou retornar o foco da discussão para o fim do programa para a graduação. Laura responde afirmando que o programa acabou

para a graduação e Sofia complementa dizendo que já havia acabado a um “tempinho”, com o intuito de reafirmar que a notícia não era recente. Posteriormente, as participantes demonstram sentimento de tristeza com o fim do programa, que é visto a partir da ótica da oportunidade. Assim, entende-se o intercâmbio por meio do CsF como um acontecimento favorável, oportuno e que pode proporcionar aprendizados nos diversos âmbitos da vida dos participantes. A ideia de oportunidade é reforçada quando Sofia releva que se sentiu triste com o fato, explicando que viu pessoas que também almejavam ter a oportunidade de estudar no exterior por meio do programa. Por outro lado, demonstra sentimento de felicidade pela oportunidade que teve, ao se expressar, “caramba, ainda bem que eu assim que eu fui”, revelando a experiência como um acontecimento positivo. Ao interagir com a fala de Sofia, Laura diz de forma sorridente que foi um alívio ter ido. Entretanto, Sofia busca explicar melhor o que sentiu com a notícia do término do programa, demonstrando que não representou sentimento de alívio, mas talvez um sentimento de gratidão ou até mesmo de privilégio pela oportunidade que teve, ao expressar “caramba eu tive essa oportunidade de ir” e reforça “caramba eu fui, nossa quanta gente que também queria ter essa oportunidade”, demonstrando sentir-se triste por aqueles que desejavam vivenciar a experiência de intercâmbio. Laura concorda com Sofia e diz que é um sentimento de satisfação, reforçando a ideia de que o intercâmbio é algo bom.

Sob outra perspectiva, apesar de atribuir um valor positivo ao programa, Sofia acredita que ele carece de aprimoramento, assim como todo o sistema educacional, percebendo que a falha do programa não inicia no CsF propriamente dito, mas é uma falha presente no sistema educacional como um todo. A participante realiza uma reflexão acerca do aprimoramento, que parece estar relacionado ao conceito de integração, ao dizer “então, se o sistema de educação não é integrado como você quer também ter o intercâmbio ter essa integração na volta ou na ida enfim”, indicando que a integração foi um elemento importante que faltou na constituição do programa CsF.

Apesar de reconhecer a necessidade de aprimoramento, que é confirmada por Laura, Sofia reforça novamente que o programa vale a pena, pois proporciona crescimento. Laura concorda com Sofia e diz que não apenas crescimento, mas que o intercâmbio também possibilita o estabelecimento de contatos. Para além desses aspectos, Sofia apresenta outro ganho da experiência de intercâmbio, referente à certeza do desejo de contribuir para a melhora da realidade brasileira. Assim, percebe-se que a experiência no exterior desperta o desejo em ser protagonista da própria realidade. Esse fato fica claro quando a jovem diz que, se tivesse outra oportunidade no exterior, iria, porém não sente como uma necessidade, pois percebe que a experiência fora do Brasil mostrou, despertou e confirmou o desejo de realizar algo pelo seu

país, como bem expressa: “porque eu vi como é lá fora e como o Brasil ainda pode melhorar” [...] “você sabe onde teu país pode chegar pode desenvolver” [...] “você ver como funciona lá fora e quer trazer isso pro teu país mas você ainda não sabe como”. Contudo, ao mesmo tempo, manifesta insegurança ao dizer “mas você ainda não sabe como”, que é complementado por Laura “não sabe como começar”. Dessa maneira, percebe-se que o caminho para a transformação não está claro. A fala de Sofia é muito instigante, pois nos leva a pensar o conceito de integração abordado anteriormente, isto é, a necessidade de que a experiência de intercâmbio não seja apenas o ir, mas que haja uma integração na volta, das aprendizagens adquiridas, das experiências, de projetos almejados pelas jovens como parte de um projeto do programa com a universidade de origem, oferecendo uma orientação do que poderia ter realizado com as aprendizagens adquiridas durante a experiência.

Apesar da necessidade de aprimoramento do programa e do desconhecimento de como fazer parte da transformação, Sofia aponta o caminho, ao expressar: “mas acho que se tivesse mais pessoas né, uma nova geração que visse tudo isso”. Laura complementa afirmando: “que pudesse vivenciar isso né”, demonstrando que o intercâmbio na graduação também é importante, pois proporciona mudança na forma de ser e estar de uma nova geração que almeja ser protagonista e contribuir para melhorar o Brasil. Entretanto, essa nova geração já iniciou quando as jovens percebem as mudanças na maneira de pensar daqueles que vivenciaram o intercâmbio, acreditando que o Brasil pode ser melhor, mais organizado e menos corrupto.

Ao trazer a temática sobre corrupção, Laura destaca que, antes da experiência de intercâmbio, ser corrupto fazia parte da cultura brasileira, ao afirmar: “eu não conhecia ninguém não corrupto”. No entanto, ao narrar uma experiência que a marcou durante o intercâmbio e que a levou a refletir que deveria mudar, a jovem associa a atitude de não atravessar a rua com sinal fechado, sobretudo na presença de crianças, como um exemplo que marcaria a ausência de corrupção naquela pessoa ou na cultura em que ela vive. Posteriormente, as jovens estabelecem um diálogo interativo com o intuito de demonstrar que melhoraram em outro aspecto, em especial a pontualidade, mas concluem que o sistema brasileiro não contribuiu para essa melhora. De maneira geral, evidencia-se que, o contato com outra cultura, a experiência de intercâmbio é valiosa na graduação, pois propicia mudança de vida, na maneira de pensar e no despertar do desejo de também melhorar a própria realidade social.

Grupo sair da caixinha

*Seria interessante sim às vezes ter um programa que vá levar estudantes pro exterior e tudo mais pra dar essa visão, dar essa nova perspectiva porque foi algo que me ajudou assim eu Guadaci foi surreal quanto academicamente como pessoalmente foi uma melhora, de 100% assim. **Guadaci***

No grupo *Sair da caixinha*, a temática “fim do programa CsF” não proporcionou muita interação entre os participantes, no entanto, Tino e Guadaci apresentam elementos importantes para a avaliação do Ciência sem Fronteiras e revelaram a importância da experiência de intercâmbio na graduação (Linhas 788 - 832):

Y1: Na opinião de vocês o que vocês acham sobre o fim do Programa Ciência sem Fronteiras na modalidade graduação?

Gm: Ah eu não (1)eu não diria que é uma pena porque (.) atualmente a gente tem (.) problemas muito piores a tratar com educação aqui do do (.) nosso país (.) eh depois eu fui ver o balanceamento lá de tanto que foi gasto com esses alunos no exterior e o tanto que poderia ser investido na educação aqui (.) e é surreal, assim eu acho que seria interessante sim às vezes ter um programa que vá levar estudantes pro exterior e tudo mais; pra dar essa visão, dar essa nova perspectiva porque foi algo que me ajudou assim eu Guadaci foi surreal quanto academicamente como pessoalmente foi uma melhora (.) de 100% assim (.) então foi muito bom gostaria que outras pessoas também pudessem vivenciar o que eu vivi lá (.) muito gratificante (.) **mas** não do jeito que foi (.) eu acho que gastaram muitos recursos com pessoas que não mereciam tá lá (.) eu vi de perto alunos se nivelando por baixo (.) eh ‘ah pra eu não ser mandado de volta eu tenho que tirar um C um B não sei o que; vou tirar isso aqui’ então alunos que partiram pra mediocridade procurando o mínimo esforço pra poder continuar lá e fazer as viagens que queriam fazer e tudo mais mas isso com recurso público (.) então assim isso me incomodou (.) me incomodou bastante e (.) eu acho que pô só o que foi gasto com esse cara pra tá pagando mensalidade todo santo mês toda alimentação (.) tudo que foi custeado pra esse aluno poderia tá sendo investido em merenda escolar pra arrumar as escolas e tudo mais (.) então eu acho que foi bagunçado, mas que (.) sim seria muito bacana se outras pessoas vivenciar o que eu vivenciei mas acho que tem prioridades né;

Tm: Eu acho que o Guadaci está certíssimo não tenho nada a retirar do que ele falou (.) eu fico feliz com o fim (.) do programa porque é uma coisa totalmente (.) desorganizada (.) é claro que (2) o Guadaci falou ele é uns dos poucos que conheci que tirou proveito mesmo a nível acadêmico do programa e (.) eu tenho uma frase que até você pode colocar no seu trabalho

Y2: @(.)@

Tm: Que é assim ‘ela foi maravilhosa pra nós estudantes mas foi péssima pro Brasil’ (.) porque gastou rios de dinheiro em coisas que não fazia o menor sentido, não fazia o menor sentido eu ir pra Alemanha;

Gm: ()

Todos: @(.)@

Tm: Sim e as vezes eu fico até com **vergonha** (.) de ‘pô eu participei dessa loucura (.) mas aí penso que ao menos (.) eu (.) se não fosse eu ia outro maluco

Todos: @(.)@

Tm: E eu sei convivi com pessoas lá que -tavam lá

Gm: Entre você e outro maluco né?

Tm: É (.) não e pessoas que -tavam lá eu ao menos corri atrás eu tentei muitas coisas pessoas lá igual o Guadaci falou que não queria nada com nada (1).

Guadaci abre a discussão expressando: “Ah eu não diria que é uma pena”, demonstrando que o fim do programa CsF foi um acontecimento positivo, justificando que no Brasil há problemas muito piores a serem tratados e que, no momento, o programa não se constitui como uma prioridade. Essa ideia é reforçada quando Guadaci apresenta que a quantidade de dinheiro público investido no CsF foi “surreal”, explicando que o alto investimento poderia ter sido utilizado para a melhora da educação brasileira. Apesar de reconhecer que a realidade brasileira carece de outras prioridades, o jovem, em outra direção, apresenta a experiência de intercâmbio a partir de uma perspectiva positiva, ao expressar que “seria interessante sim as vezes ter um programa que vá levar estudantes pro exterior e tudo mais pra dar essa visão”, revelando que a experiência no exterior proporciona novas perspectivas de vida. O jovem também indica o intercâmbio como aquele que traz crescimento pessoal e acadêmico, possibilitando a transformação de si, como bem expressa: “foi uma melhora de 100%”. Por esse motivo, demonstra sentimento de gratidão pela oportunidade de intercâmbio e deseja que outros estudantes tivessem a oportunidade de vivenciar uma experiência como essa. O jovem também destaca que seria interessante se houvesse um programa com essa finalidade, contudo, não da mesma forma que foi o Ciência sem Fronteiras, revelando sentimento de incomodo e de revolta com bolsistas que não souberam aproveitar a oportunidade e com o dinheiro público gasto com alunos que buscaram realizar o mínimo academicamente para permanecer no exterior e realizar viagens. O relato do jovem indica que a experiência de intercâmbio propriamente dita é muito valiosa, contudo, pela forma como o programa configura-se, faltou um melhor acompanhamento da estadia dos estudantes e dos resultados da mobilidade acadêmica. Para concluir, o jovem reforça novamente que seria interessante que outros vivenciassem um intercâmbio, mas deixa claro que o Brasil possui outras prioridades. Tino concorda com as preposições apresentadas por Guadaci e complementa dizendo que se sente feliz com o fim do programa, justificando que foi algo desorganizado. Tino sugere uma frase a este estudo no que refere-se ao programa, dizendo “foi maravilhosa para os estudantes, mas péssima para o Brasil”, indicando que muitos bolsistas não tiraram proveito acadêmico do intercâmbio, o que fica claro quando ele expressa: “o Guadaci falou ele é uns dos poucos que conheci que tirou proveito mesmo a nível acadêmico do programa”, concluindo que o dinheiro foi mal investido. Ao tratar do aproveitamento acadêmico, o jovem demonstra sentir vergonha de ter participado “dessa loucura”, porém, justifica que fez diferente dos bolsistas que não aproveitaram, ao dizer “eu ao menos corri atrás, eu tentei muitas coisas”, indicando que, se não teve um bom aproveitamento acadêmico, não possui total culpa.

De maneira geral, a experiência no exterior é vista pelos participantes como algo positivo, como agregador de experiências e crescimento, seja acadêmico e ou pessoal, possibilitando uma nova visão, porém eles criticam a maneira como o programa foi construído, como a alta porcentagem de dinheiro público investida em estudantes que talvez não compreenderam o objetivo do programa.

Grupo Portas

Poxa que eu consiga trazer essa experiência pra cá pro Brasil também, se um dia eu for sair, problema, mas que eu deixe parte disso aqui que eu consiga passar os conhecimentos que eu adquiri lá aqui, entendeu? eu acho que essa é a ideia do programa e se o programa consegue isso pelo menos em parte pra mim já teve sucesso. Lucas

Os estudantes Juan Pablo (Jm) e Lucas (Lm) realizaram uma discussão intensa acerca do termino do CsF, demonstrando preocupação com os objetivos do programa no que concerne no aproveitamento da oportunidade de estudar no exterior e dos “frutos” dessa experiência para a contribuição e transformação da realidade brasileira (Linhas):

Y: Na opinião de vocês (.) o que vocês acham sobre o término do programa Ciência sem Fronteiras?

Jm: Eu acho que o programa CsF é um programa (.) ótimo quando as pessoas aproveitam (.) porque eu vi e conheci pessoas (.) que não aproveitaram como deveriam e sem querer julgar (.) a maneira como cada um faz as coisas por exemplo eu falei pra vocês que fui para muitas festas (.) gastei muito dinheiro com álcool por exemplo coisa que algumas pessoas podem achar desperdício mas ao mesmo tempo eu fiz o que tinha que fazer fui para minhas aulas aprendi muita coisa eu fiz a pesquisa aprendi muita coisa conheci muita gente aprendi muita então então melhorei meu inglês muito eu conheci lugares eu tive experiências que me agregaram todos os aspectos (.) enquanto isso eu posso citar um caso de uma pessoa (.) eh que é um pouco mais drástica assim uma pessoa que passou lá um ano e meio ou um ano e oito meses talvez que foi antes para fazer inglês e que no começo do curso da engenharia mesmo (.) parou de ir em todas as aulas (.) e ficava em casa estudando pra medicina porque queria fazer vestibular pra medicina não conheceu ninguém não aprendeu a falar inglês (.) eh gastou todo o dinheiro do Ciência sem Fronteiras não foi em nenhuma aula (.) eh (3) isso é um caso bem drástico () brasileiros por exemplo e isso só foi uns dos casos eu conheço vários várias pessoas tentaram aplicar um pouquinho mais mas por exemplo não aprenderam inglês direito não aprenderam inglês direito (.) então (.) tudo bem que pode ter dificuldade e tal mas (.) ou por exemplo, esse nem é o problema eu tinha um amigo que falava muito mal e mesmo assim (.) conseguia desenrolar e se virar (.) agora (.) algumas pessoas só ficavam entre os brasileiros (.) e falavam português o tempo inteiro (.) e não conheciam ninguém que não era brasileiro (.) e falavam português o tempo inteiro e o inglês era mal praticado (.) e ficavam em casa o tempo inteiro então acabaram que não aproveitaram tanto assim; iam às aulas mas as aulas eram curtas e os livros são os mesmos que são traduzidos

Lm: Muitas vezes mal traduzido

Jm: Tudo bem você entendeu

Lm: Dizem que mesmo assim é a mesma coisa

Jm: Exatamente exatamente então o nosso caso sei lá (.) então só mostrando que (1) término do programa né término do programa do jeito que ele era feito tinha que terminar mesmo era um grande desperdício de dinheiro porque até por ser muito fácil você chegar lá e ir muita gente ia sem merecer

Lm: Não só ir né (.) voltar também era muito fácil tipo você ia e voltava sem fruto nenhum e -tava de boas

Jm: ↳sem consequência nenhuma

Lm: Um brother lá que parou e começou a estudar pra medicina ele voltou e tá de boa

Jm: Exatamente exatamente com todo dinheiro que deram pra ele (.) bom eu acho isso um pouco (.) inútil gastar dinheiro com isso dinheiro público com isso e (2) não agregou nada (.) e como eu falei antes não é por questão pessoal assim eu acho que não deveria ter feito (.) não tem gente no caso que estudou muito gente muito religioso (.) que estudava muito (.) ficava em casa o tempo inteiro mas conheceu uma menina lá ele conheceu não já conhecia americana então tinha uma interação muito maior (.) participava dos **grupos religiosos** de lá ele aproveitou (.) **é perceptível** é perceptível; então (1) mas os casos de desperdício eram muito grandes pô você ficou sabendo de vários casos na Europa de pessoas que viajavam o tempo inteiro e não iam pra nenhuma aula não sei se você conhece alguém

Lm: Muita gente

Jm: Pois é (2) fala ae

Lm: Não então eh (.) com relação ao término do programa eu acho que ele falou o ponto que é mais crucial do jeito que existia que acontecia tinha que acabar e acabou o que acontecia mas o programa não acabou o programa não acabou né ainda existe bolsas pra pós-graduação e tal algumas alguns pontos que melhoraram muito que eu vejo por exemplo foi uma maior exigência ao nível das universidades de fora (.) pô isso é legal porque se uma universidade boa lá de fora não vai aceitar que o cara fique lá sem fazer nada

Jm: Verdade

Lm: Porque o cara (.) sei lá não tirei notas não sei o que tal (.) exigir um pouco mais os frutos eu acho que é o caminho

Jm: ↳parte do processo

Lm: Eu acho que é o caminho porque por exemplo (.) se você dar dez reais pro teu filho comprar lanche ele chega em casa com fome (.) fala assim: “vem cá (1) eu te dei dinheiro pra comer o que aconteceu (.) nem comer você comeu (.) o que você fez com esse dinheiro fumou esse dinheiro (.) o que aconteceu” entende (.) então eu vejo assim que é mais ou menos nesse sentido não sei se a minha...

Jm: Concordo

Lm: Se a minha figura ficou muito boa pra entender (.) mas eu acho que

Jm: Ter responsabilidades

Lm: Eu acho que o Brasil tinha que (.) pô filtrar um pouco mais o que a pessoa fez com todo o investimento (.) não só investimento de dinheiro mas investimento de tempo investimento (.) de contatos porque cara teve (.) você investe pra mandar o cara pra universidade X aí o cara vai lá e caga e não faz nada na universidade X (.) desculpa a linguagem (.) mas o cara não faz nada a universidade X (.) a universidade X nunca mais vai querer um brasileiro lá

Jm: Exato

Lm: Entende (.) e eu conheci muita gente que nem ele falou que não consegue falar uma palavra de alemão (.) que foi fazer (.) olha só o que os caras foram fazer o cara foi fazer uma matéria de português pô

Jm: Não é possível

Lm: O cara -tava lá na Alemanha

Jm: Não é possível

Lm: Falando assim “pra eu não voltar dizendo que eu não fiz nenhuma matéria eu vou fazer eu vou fazer uma matéria de português!”

Jm: Nossa

Lm: Aí o cara fez a matéria de português que era só para os alemães ele pegou e fez (.) a professora começou a conversar com ele em alemão ele se embaralhou todo aí ela falou assim “vem cá (.) tu é o que brasileiro não sei o que” e o cara “é pô não sei que”; e a professora sabia falar português né (.) o cara não conseguiu tirar a média pô

na prova de português véi porque tinha que traduzir algumas partes e o cara não sabia nada de alemão e já -tava lá há um ano e meio (1) sabe recebendo dinheiro pra isso recebendo curso pra isso (.) o cara recebeu um ano e meio de curso de alemão na Alemanha

Jm: Na Alemanha se eu tivesse oportunidade aqui no Brasil

Lm: Sim

Jm: Fazer um ano e meio de alemão grátis eu

Lm: Aprendia a falar pelo menos

Jm: Exatamente

Lm: Um “oi tudo bem”

Jm: Com certeza razoavelmente era

Lm: Não aprendeu a falar nada não aprendeu a falar nada zero zero zero então assim (.) eu via que pessoas não aproveitavam e não tinham medo de não aproveitar

Jm: ^{Las}consequências

Lm: Não aproveitar eu digo assim (.) não render frutos (.) porque na mente dele -tava aproveitando de outro jeito -tava se achando o máximo (.) -tava felizão ali “pô -tô gastando meu dinheiro aqui que eu mesmo paguei!”

Jm: Eu fico bem triste com uma coisa

Lm: E ele não vê que é dinheiro dele jogado fora também

Jm: Tem um amigo (.) que largou o curso depois do intercâmbio né (.) e (.) eu quando eu fiz intercâmbio eu sabia eu sempre fui uma pessoa muito consciente das minhas responsabilidades então eu sabia o que tinha que fazer e a única coisa que eu tinha que fazer (.) com certeza absoluta era uma coisa que eu tinha que fazer era voltar e me formar eu lembro exatamente disso

Lm: Isso

Jm: Porque não tinha mais nenhuma condição

Lm: E não morar fora também

Jm: Eh não morar dois anos fora porque tinha medo de chegar um aluno e a empresa querer contratar ele alguma coisa assim

Lm: É

Jm: Aí ele transferir e não trazer o conhecimento

Lm: Isso aí é bem claro no edital mesmo

Jm: É a única coisa que eu lembro

Lm: Você tem que terminar o seu curso não pode mudar de faculdade tampouco de curso e você tem que permanecer no Brasil não pode ter vínculos de moradia nem empregatício

Jm: Por dois anos (.) não pelo dobro

Lm: ^Lnão é o mesmo tempo

Jm: (Eu acho que é).

Lm: O meu edital pelo menos era o mesmo tempo que eu fiquei fora então um ano e meio eu fiquei fora um ano e meio agora eu -tô livre pra sair já de novo;

Jm: Sim

Lm: Né um ano e meio que eu fiquei fora um ano e meio um ano e meio eu tenho que permanecer no Brasil

Jm: Mas tem que se formar

Lm: Me formar é me formar aqui na minha universidade

Jm: Exato

Lm: E no mesmo curso

Jm: Exato exato (.) essa era a única condição a única condição única condição mesmo eu lembro perfeitamente porque eu minha memória e ruim mas eu lembro as coisas que eu preciso lembrar (.) e essa coisa eu lembro até hoje era a única coisa que precisava fazer (.) e várias pessoas (.) esse amigo meu lá largou o curso com a ideia de que ‘ah não aqui é tudo ruim eu vou estudar para ir morar na Alemanha’ (.) eu ‘sério véi?’ você tá na metade do seu curso (.) você tem uma condição,

Lm: Ele terminou de ele tinha feito CsF antes na Alemanha?

Jm: Não nos Estados Unidos

Lm: Ah

Jm: ‘Ah conheci alemães muito legais (.) quero morar na Alemanha’ (1) e tipo assim me decepcionou muito isso (.) vir dele porque não é uma atitude correta (.) o que nós ganhamos (.) tem que ser pago tem que ser pago e a bolsa tem uma condição (.)

então é o mínimo a gente voltou a gente viu as mesmas atividades que eles viram que esses colegas meus viram;

Lm: Uhum

Jm: E a gente tem consciência das nossas responsabilidades não vou sair daqui sem me formar (.) não tem essa opção eu cheguei -tô no final do curso agora (.) faltam poucos semestres eu tinha essa condição eu tinha essa ideia essa obrigação antes de ir (.) agora eu tenho mais ainda, (.) isso não faz o menor sentido

Lm: Uhum

Jm: É isso me deixou um pouco triste inclusive porque eu via essa evasão por causa do Ciência sem Fronteiras

Lm: Pois é mas eu vejo assim (.) que o fato de ter acabado (.) eu acho que (.) não acabado eu vou colocar entre aspas “acabado” o fato de ter alterado a forma de isso acontecer foi algo muito bom porque vai melhorar (.) o como é aproveitado e pra nível de pós-graduação acho que é proveito maior

Jm: Muito mais seletivo

Lm: Pois é muito mais seletivo e tudo e não só isso também consegue aproveitar mais porque o cara que sai daqui no segundo semestre (.) ele vai estudar lá cálculo 1 cálculo 2 (.) cálculo 3; que ele estudaria aqui né (.) eu fui já no sexto semestre consegui estudar algumas coisas mais

Jm: Específicas

Lm: Mais específicas

Jm: Sim mais interessante

Lm: Sim você também 4 semestre já dar pra pegar muita coisa assim

Jm: **Da minha área**

Lm: É da área (.) eh pois é agora o cara que sai daqui no terceiro semestre vai lá pra estudar matemática (1) inglês...

Jm: Ou português

Lm: @Ou português!@

Jm: @Aí aí muito engraçado@

Lm: E o cara não consegue tirar nota em português

Jm: Nossa eu tenho um amigo que fez três matérias (.) e ele conseguiu tirar é (.) F(.) D (.) F não passava D (.) que era pior mas passava P

Lm: Que é de

Jm: FDP porque línguas era passou ou não passou

Lm: Ah

Jm: Ele pegou alemão alguma coisa assim (.) FDP e nossa (.) e assim ele precisou voltar antes esse amigo meu porque ele não conseguiu as notas (.) isso foi uma coisa razoável porque

Lm: Que bom que ele voltou

Jm: Exatamente

Lm: Outro caso outro caso do que o antigo programa permitia acontecer (.) fiquei sabendo de pessoas que -tavam no Ciência sem Fronteiras na Alemanha e simplesmente foram morar na Hungria

Jm: Por que?

Lm: Porque foram morar na Hungria e -tava matriculado na universidade da Alemanha

Jm: Mas não tinha aula?

Lm: Tinha aula só não ia pô

Jm: Ah entendi

Lm: Ele só foi morar na Hungria morou o tempo inteiro do programa na Hungria (.) só porque sei lá o dinheiro lá rendia mais sei lá não sei (.) esse tipo de coisa é inadmissível de acontecer

Jm: É inadmissível de acontecer

Lm: E não é coisa tipo assim impossível de se ver (.) porque se eu fiquei sabendo, (.) quem dirá um país que não consegue ver o que o cara -tá fazendo com o dinheiro dele não ver os extratos do cartão do cara

Jm: Não ver as notas na faculdade as presenças

Lm: Pois é (.) não nota e presença na faculdade isso é o mínimo (.) presença nem tanto porque lá na Alemanha não tinha presença

Jm: Beleza mas não e as faltas?

Lm: É os caras não iam nem fazer as provas pô (.) entende?

Jm: Eu entendo entendo

Lm: Esse tipo de coisa é eu acho muito tosco mesmo

Jm: Absurdo absurdo

Lm: Isso realmente é absurdo (.) mas não posso negar (.) que se pouco sei lá 50% eu consigo enumerar das pessoas que eu conheci 50% ou mais que conseguiram aproveitar que tiveram oportunidades ímpar de estágios (.) que conseguiram fazer matérias interessantíssimas que conseguiram aprender muita coisa que voltaram falando alemão que deixaram uma uma impressão ótima dos brasileiros lá na Alemanha (.) sabe esse tipo de coisa que eu fico triste do programa ter acabado (.) mas me deixa mais tranquilo porque o programa tem continuidade e o Ciência sem Fronteiras não era a única forma de sair

Jm: É, e continua não sendo

Lm: Pois é (.) era a forma mais fácil e mais deliberada de sair (.) isso acabou prejudicando e muito o programa (.) em si (.) porque por exemplo ele eu ou qualquer outra pessoa que foi com a mentalidade que eu percebo que ele tem e que eu imagino que eu tenha eu acho que é uma mentalidade de ir pra aproveitar e pra dar retorno pro país depois (.) e conseguir se tivesse programa Ciência sem Fronteiras e se não tivesse

Jm: Engraçado teve outro

Lm: Não é verdade?

Jm: Observe como ele falou e tem razão (.) uma das primeiras coisas que eu fiz aqui quando voltei pra UnB foi falar assim (.) ‘caraca tem muita coisa ruim eu quero ajudar a arrumar’

Lm: Pois é

Jm: Uma das primeiras coisas que fiz foi procurar o DCE pra tentar fazer parte tentar ajudar (.) uma das primeiras coisas que fiz atitude minha e aí que tá né? mas não foi uma (atitude) que o intercâmbio me proporcionou (.) partiu de mim (.) partiu de mim (.) então tentei dar o retorno tento ainda **mas é difícil é difícil** você conseguiu fazer essas coisas

Lm: Mais um exemplo um exemplo muito bom (.) tem um professor do nosso curso de mecânica professor Francisco ele é um excelente professor ele é referência mundial da área de pesquisa dele

Jm: Mundial

Lm: Mundial(.) ele é uns dos caras

Jm: Mais fudas

Lm: Mais fudas desculpe a palavra; (.) mas ele é o cara mais foda da área dele (.) do mundo(.) entende?

Jm: Do mundo

Lm: Ele teria espaço em qualquer universidade do planeta e ele tá onde? Tá na UnB dando aula pra mim dando aula pra ele dando aula pros caras mais inúteis que eu por nível dele eu fico até sem graça de ter aula com ele de verdade porque eu vejo que eu não sou o tipo de aluno que ele merece ter (.) mas o que acontece (.) um dia eu conversei com ele conversei quase uma hora com ele sobre isso que ele falou “cara um investimento que o Brasil teve pra mim pro meu doutorado pro meu pós doutorado lá na Inglaterra não foi coisa barata e me deram uma oportunidade ímpar (.) então eu tenho que retornar isso pro meu país” então ele tá aqui formando novos engenheiros com mentalidade parecida com a dele (.) **e com o conhecimento que ele trouxe de lá** sabe esses frutos não dá pra negar se um desses valeu do programa Ciência sem Fronteiras eu imagino que um desse consegue formar muita gente sabe (.) não dá pra falar ‘ah o programa foi um fracasso total’ não

Jm: Jamais

Lm: Não o programa foi mal administrado (.) eu imagino que sim foi mal administrado concordo (.) mas foi um fracasso total? Acho que não

Jm: Acho que não;

Lm: Porque assim houve muitos frutos

Jm: Muitos frutos

Lm: E por exemplo mentalidades como desse professor nosso lá que ele voltou e eu falei ‘professor o senhor tem a oportunidade de tá em qualquer lugar do mundo o que você tá fazendo aqui?’ ele fala ‘cara eu fico pensando em alguns alunos meus o que

seria deles se eu não tivesse aqui?’(.) ele tem hoje alunos que fizeram doutorado com ele outros professores também o Rafael (.) você já fez (.) dois né?

Jm: Já

Lm: Com quem com o (.) pois é o (.) que foi aluno desse cara e ele fala assim ‘pô eu dei oportunidade pra ele porque talvez ele não teria’

Jm: Não mesmo

Lm: E ele -tá ele -tá

Jm: Bem encaminhado da vida

Lm: Eu digo assim o Francisco ele -tá abrindo portas pra mais peessoas ter oportunidades que ele teve (.) e eu acho que esse é a ideia do programa o cara ir lá (.) poder pegar conhecimento tudo (.) não é dizendo que ele é ingrato com o país que formou ele que ajudou ele lá (.) não (.) ele tem muita pesquisa que leva o nome da universidade de lá dele também ele tem muita troca muito intercâmbio de informações com os colegas dele lá com os pesquisadores de lá e tudo (.) eu acho que a ideia do programa é mais ou menos por aí o cara ir pra lá mas deixa o conhecimento aqui (.) trazer e desenvolver aqui (.) se a minha experiência lá não foi tanto na área de pesquisa foi um pouco mais na área profissional que eu tive estágio na minha universidade era algo mais prático (.) poxa que eu consiga trazer essa experiência pra cá pro Brasil também (.) se um dia eu for sair (.) problema (.) mas que eu deixe parte disso aqui que eu consiga passar os conhecimentos que eu adquiri lá aqui entendeu eu acho que essa é a ideia do programa e se o programa consegue isso pelo menos em parte pra mim já teve sucesso

Jm: Um resultado positivo

Lm: É teve um pequeno sucesso

Jm: Resultados positivos

Lm: Cara (.) casos de inúmeras de pessoas assim que desrespeitaram mesmo o país (.) existem existem pessoas que fizeram isso mas (1) assim como existem governantes que desrespeitam também (.) do mesmo jeito; eu acho que por exemplo o dinheiro que é gasto pra 100 parlamentares (.) é incomparável ao dinheiro que manda 100 pessoas pro Ciência sem Fronteiras e 100 pessoas do Ciência sem Fronteiras se 30%

Jm: ↳render

Lm: 20 40 conseguirem o objetivo inicial do programa que é a ideia de trazer de volta pro Brasil e desenvolver o país de alguma forma (.) é um dinheiro bem mais aplicado do que eu imagino pra 100 parlamentares (.) eu penso assim

Jm: Concordo

Lm: Ainda que **70%** disso vá pro lixo (.) daqui vale muito mais (.) eu penso assim (.) eu vejo que o programa como acabou ou a forma que não existe mais acho legal a atitude do governo (.) parar e pensar ‘poxa não deu muito certo né? vamos continuar só que dessa vez um pouco melhor’

Jm: É melhorar melhorar porque como ele falou muitas aspectos positivos alguns negativos não custa tentar melhorar ainda mais (.) acho que essa pesquisa é importante da parte de vocês porque querer saber uma resposta é uma coisa muito importante acho que as pessoas que não responderam são uma boa resposta que a gente que respondeu que quis participar porque a gente (.) se sente na obrigação

Lm: Exatamente (.) e as pessoas que recebem uma mensagem de ‘Ah pesquisa tal tal do Ciência sem Fronteiras’ são pessoas que se interessam pelo programa e que sentiram e que viram uma oportunidade e que receberam alguma coisa do programa querem retornar isso (.) perceberam a ideia do programa né que o programa te dar (.) esperando algo em troca

Jm: Exato

Lm: Onde eu puder ajudar (.) onde eu puder retornar um investimento eu -tô fazendo (.) muitas pessoas que não respondem pesquisa nem nada normalmente demonstra realmente o desinteresse total

Jm: De fato

Lm: Que muitas pessoas realmente tiveram né?

Jm: Pois é engraçado quando eu voltei eu não mandei meus documentos de passagem (1) e depois de um ano vieram me cobrar (.) na Capes eu lembro até hoje (.) no site da Capes lá depois de um ano eu não esperava nem esperava mais o meu técnico responsável

Lm: Ah eu recebi

Jm: “Ah você tem que devolver tal negócio e mais 300 dólares por causa de tal coisa porque você voltou” ah que eu voltei dia 10 e eu tinha que voltar dia 15 (.) aí esses 300 dólares era pro último mês e eu não podia ganhar eles

Lm: Saquei

Jm: Em tese aí não foi mais nada porque tipo eu falei “chegou três meses antes esse dinheiro e eu tenho devolver como e tal” “devolva” aí “beleza eu devolvo tal o documento” tive que correr atrás do documento nem tinha mais passagem e tal (.) eh mandei perguntando “como proceder para devolver o dinheiro” e depois nunca mais falaram nada (.) eu acho que perceberam que não era um dos alunos que não fez nada eu acho que esses alunos...

Lm: Não não eu acho que é só porque realmente não

Jm: ^Lnão faz diferença

Lm: Não é porque geralmente os caras não tão dando muito atenção

Lm: Você acha?

Lm: Porque já mandei muitas mensagens que nunca me responderam

Jm: Ah entendi;

Lm: E tudo já vi gente que teve que devolver e tals mas isso aí se um dia eles falaram e só (.)

jm: Exatamente tinha até preparado minhas economias pra pagar (.) porque me deram prazo de três meses dois meses pra pagar (.) então eu economizei dinheiro pra pagar do meu dinheiro nem pedi pro meus pais (.) assim ao máximo né (.) afinal @ eles me dão dinheiro o dinheiro que eu ganhar deles@ mas eh assim (1) nada mais justo nada mais justo nenhum problema quanto a isso

Lm: Nem pra devolver os caras tão querendo quem dirá pra saber se o cara fez alguma coisa lá

Jm: Pois é não tinha nenhum problema devolver um dinheiro que não era meu a princípio (.) aí (1) é isso.

Juan abre a discussão sinalizando que o programa é ótimo quando é bem aproveitado pelos alunos. A partir da própria experiência de intercâmbio, o jovem indica alguns aspectos que parecem estar relacionados ao bom aproveitamento do programa, ao expressar que gastou muito dinheiro com bebidas e com festas, mas que, ao mesmo tempo, participou das aulas, melhorou seu inglês, conheceu lugares e interagiu com pessoas, com o objetivo de demonstrar que aproveitou bem a oportunidade por meio do CsF. A fala de Juan demonstra que o bom aproveitamento da experiência de intercâmbio está interligado ao desempenho acadêmico, a aprendizagem de um novo idioma e ao estabelecimento de novas relações com estudantes de outras culturas, o que fica muito claro quando ele cita situações consideradas drásticas, de bolsistas que “falavam português o tempo inteiro e não conheciam ninguém que não era brasileiro e falavam português o tempo inteiro e o inglês era mal praticado”, considerando essas atitudes de maneira negativa por não acarretar aproveitamento. Em um segundo momento, sinaliza que, da maneira como o programa estava organizado, o fim já era previsto. A narrativa de Juan revela ausência de mecanismos para uma melhor seleção dos bolsistas e de um acompanhamento mais de perto durante a estadia do estudante no exterior, visando maior rendimento acadêmico. Para além dos aspectos acadêmicos, é interessante observar seu esforço em determinar como um intercâmbio deve ser realizado, tecendo críticas àqueles que interagem mais com brasileiros.

A ideia de que faltou um melhor acompanhamento dos resultados é reforçada por Lucas, ao dizer: “não só ir né, voltar também era muito fácil, tipo você ia e voltava sem frutos”, e Juan complementa a preposição dizendo: “sem consequência nenhuma”. A expressão “frutos” aparece fortemente nesse grupo. Neste contexto, os frutos representam o rendimento de resultados positivos ao Brasil. Assim, para explicar a ausência de frutos e de consequências para alunos que não cumpriram os objetivos do programa, os jovens relatam situações e demonstram um sentimento de indignação com esses casos, em virtude do alto investimento público. Lucas concorda com os pontos apresentados por Juan no que se refere à administração do programa, reforçando que realmente tinha que acabar; porém o jovem apresenta uma nova preposição, destacando que o programa não acabou, mas continua para a pós-graduação, considerando essa alteração como um ponto positivo, devido ao melhor processo seletivo e pela maior exigência dos resultados, aspectos considerados pelos participantes como parte do processo. Para exemplificar o “render frutos”, Lucas apresenta um exemplo para reforçar que o Brasil possibilitou essa oportunidade esperando algo em troca, mas que faltou do país um acompanhamento do que foi realizado com todo o investimento não apenas financeiramente, mas também em relação à utilização do tempo e dos contatos estabelecidos, revelando preocupação com a imagem do brasileiro deixada em cada universidade de intercâmbio. Juan concorda com Lucas e os dois estabelecem novamente um diálogo sobre os casos de bolsistas que não aproveitaram academicamente a oportunidade por meio do CsF, destacando que esses alunos não tinham medo das consequências. Juan demonstra, mais uma vez, sentimento de indignação com esses casos, em especial quando percebeu um movimento de evadir do curso após a experiência de intercâmbio, sinalizando que os estudantes não cumpriram os requisitos básicos do programa, relativo à permanência no Brasil pelo mesmo tempo em que esteve no exterior e à formatura no mesmo curso e na mesma universidade. A narrativa dos participantes nos leva a pensar que talvez seria interessante uma outra abordagem dos resultados, da experiência em si, pois esses critérios não garantem o aproveitamento dos resultados. Juan demonstra-se decepcionado com essas situações que, para ele, representam atitudes errôneas, ao reforçar que “tem que ser pago tem que ser pago”, mas também indica que formar no mesmo curso após a experiência de intercâmbio não representa apenas uma responsabilidade, mas também é uma obrigação. Nesse momento, Lucas reforça que a alteração do programa foi algo positivo, devidos aos seguintes aspectos: mais seletivo, possibilidade de maior aproveitamento, explicando que é possível realizar matérias mais específicas, pois, em sua concepção, a realização de intercâmbio nos primeiros semestres do curso não possibilita que os bolsistas tenham contato com disciplinas específicas da área de estudo. Nesse momento, os jovens

destacam novamente eventos que consideram absurdos e Lucas questiona como o programa não conseguiu perceber esses casos, ao expressar “não é coisa assim impossível de se ver, porque eu fiquei sabendo, quem dirá um país”.

Em contrapartida, Lucas reconhece que há aqueles que conseguiram aproveitar a experiência no exterior e terem oportunidades ímpares, assim demonstra que, por esses alunos, sente-se triste pelo fim do programa. No entanto, destaca que o CsF não era a única forma de sair do Brasil, mas a mais fácil, percebendo que essa facilidade prejudicou o programa. Posteriormente explica que os bolsistas que foram com a mentalidade de aproveitar a oportunidade para dar retorno ao país conquistariam a oportunidade de estudar no exterior com ou sem CsF. A fala de Lucas foi sugestiva e levou Juan a relatar que, quando voltou do intercâmbio, queria contribuir com a melhora da sua realidade, tentar fazer parte, mas destaca que foi algo que surgiu de si, ao expressar de maneira destacada que foi “atitude minha”, e não proporcionada pelo intercâmbio. Juan concluiu dizendo da dificuldade em fazer parte dessa mudança, indicando que faltou um maior apoio do programa na volta ao Brasil e à universidade de origem. O relato de Juan leva a Lucas relatar sobre um professor do curso de engenharia mecânica que parece que foi um grande motivador, explicando que o professor é referência mundial e que teria espaço em qualquer lugar do mundo, mas está na UnB porque reconhece o investimento do Brasil em seus estudos e deseja retornar ao país aquilo que recebeu, isto é, formar mais pessoas com a mesma mentalidade e com o conhecimento adquirido no exterior. Dessa forma, o jovem destaca que, se o programa consegue alcançar o objetivo com o mínimo de bolsistas, já valeu a pena, o programa teve sucesso e não foi um fracasso total. Lucas também reforça que o CsF foi mal administrado, mas que não foi um fracasso total, porque houve muitos frutos também, proporcionando oportunidades únicas a bolsistas. Nesse caminho, Lucas mostra que a ideia do programa foi contribuir com o desenvolvimento do Brasil e que deseja passar para outras pessoas a experiência que teve na Alemanha. Lucas reflete que, apesar dos casos de bolsistas que desrespeitaram o Brasil não aproveitando a experiência, o investimento do CsF em alunos possui muito mais valia do que o investimento com parlamentares, explicando que, se poucos bolsistas alcançaram os objetivos iniciais do programa, já valeu a pena. Por fim, essa pesquisa é vista pelos alunos como importante para o aprimoramento do programa, avaliando que a busca por respostas é uma atitude interessante e que aqueles que responderam a essa pesquisa são pessoas que sentiram e desejam contribuir de alguma forma para a melhora do país.

Para concluir este capítulo, evidencia-se que o programa de fato necessita de aprimoramento, contudo, propiciou aos jovens crescimento e contribuiu para a vida pessoal,

acadêmica e também profissional dos bolsistas. Assim como despertou essa nova geração sem fronteiras para a transformação da realidade social. Isso demonstra que o intercâmbio na graduação é importante, assim como a mobilidade acadêmica na pós-graduação. Dessa forma, o caminho é fortalecer esses programas na graduação, ampliando a abrangência para outras áreas do conhecimento.

CONCLUSÃO

Neste momento do estudo, retorna-se aos questionamentos iniciais: quem são os bolsistas oriundos do ensino médio público que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras? O programa Ciência sem Fronteiras atendeu adequadamente estudantes oriundos do ensino médio público? Quais são os significados atribuídos à experiência de intercâmbio para jovens universitários?

Em um primeiro momento, este estudo teve por objetivo traçar um perfil dos bolsistas do Programa CsF da UnB que cursaram o ensino médio em escolas públicas. A partir dos resultados apresentados, constatou-se que: i) a maioria estudou em escola pública regular, seguida de bolsistas provenientes do Colégio Militar de Brasília; ii) um maior percentual se autodeclarou branco; iii) são oriundos de famílias com maior escolaridade; iv) tiveram acesso aos cursinhos preparatórios durante o ensino médio; e v) ingressam na universidade pública por meio do vestibular tradicional.

Nessa direção, olhar para a trajetória escolar e familiar dos bolsistas foi de suma importância para a compreensão das diversas barreiras enfrentadas por eles durante sua escolarização básica, no ingresso na universidade pública e na participação no CsF.

Ser estudante oriundo de escola pública significa superar diversas barreiras presentes no ambiente escolar, como a falta de professores, a infraestrutura deficitária e, principalmente, a crença existente em muitas escolas de que seus alunos não possuem capacidade para alcançar a educação superior pública. Ao mesmo tempo, a escola pública também é vista como espaço formativo, que proporciona conhecimento da realidade social do Brasil e apresenta leituras de mundo mais próximas da realidade cotidiana. Pontua-se, também, a forte influência familiar na trajetória acadêmica dos estudantes deste estudo, uma vez que as famílias, reconhecendo a importância da escolaridade, adotam estratégias para buscar as melhores instituições públicas, por meio do custeio de cursinhos preparatórios para preencher as lacunas acadêmicas proporcionadas pela escola pública e, principalmente, por meio do incentivo simbólico para o ingresso no ensino superior público.

Em outra direção, constatou-se que 33,33% dos bolsistas deste estudo são oriundos de colégio militar ou instituições federais. Ser estudante de colégio militar é receber uma formação acadêmica de alta qualidade, comparada ao ensino médio público regular, é ter contato com uma boa infraestrutura, é ser incentivado e preparado para o ingresso na universidade pública.

Contudo, evidenciou-se, também, que os cursinhos preparatórios são procurados por esse público para aumentar as chances de aprovação na universidade pública.

De maneira geral, constatou-se, nos grupos de discussão com jovens oriundos de escolas públicas localizadas no Goiás, dos Centros de Ensino Médio do Distrito Federal e do Colégio Militar de Brasília, que o grau de escolaridade familiar influenciou fortemente a entrada dos participantes na universidade pública, isto é, ter pais ou irmãos que receberam formação em instituições de ensino superior público passa a ser, muitas vezes, um caminho já esperado ou até mesmo uma obrigação familiar. Também pode-se concluir que a Universidade de Brasília é considerada uma instituição de renome e que pode proporcionar melhores oportunidades acadêmicas e profissionais.

A formação acadêmica recebida em diferentes instituições de ensino médio (colégio público e colégio militar) também é um diferencial e tem efeitos sob o desempenho acadêmico dentro da universidade pública, pois os estudantes oriundos do ensino médio público, como mostra esta pesquisa, tiveram que realizar maiores esforços para alcançar um bom desempenho acadêmico na universidade e, assim, chegar ao mesmo nível de estudantes oriundos de colégio militar e de outras escolas de ensino médio privadas para terem oportunidades de realizar intercâmbio.

Os dados de pesquisa evidenciaram que o surgimento da oportunidade de intercâmbio para os jovens do ensino médio público, em especial nos grupos de discussão *É cultural* e *Sair da caixinha*, a princípio, representava uma realidade distante e até impossível, pois conquistar o acesso à universidade pública, formar-se e ingressar no mercado de trabalho já representava motivo de muita satisfação.

Os relatos demonstraram que o programa representou uma grande oportunidade para esses estudantes, uma vez que ultrapassou a barreira financeira por meio da concessão de bolsas, considerada como o maior empecilho na realização de uma experiência internacional para estudantes oriundos do ensino médio público e de classes baixas. Contudo, na concepção dos bolsistas, a baixa proficiência em línguas estrangeiras dos estudantes do ensino público é o que mais dificulta a participar no CsF. Em outra perspectiva, alguns bolsistas reconheceram que os critérios adotados pelo programa, para a escolha da nova geração de cientistas sem fronteiras que iria contribuir para o avanço do Brasil, privilegiaram um perfil de estudante, ao considerar a nota do Enem, o desempenho acadêmico e o conhecimento de uma língua estrangeira.

Dessa forma, é importante refletir acerca das áreas prioritárias (engenharias e tecnologias) abarcadas pelo programa. Assim, questiona-se qual é o perfil de estudantes da Universidade de Brasília das áreas prioritárias, pois pressupõe-se, por meio dos relatos nos

grupos de discussão, que nesses cursos há uma minoria de alunos oriundos do ensino médio público. Outra reflexão torna-se relevante: Em outros programas de mobilidade acadêmica, qual é o perfil do estudante que mais migra para o exterior?

Quanto às percepções sobre o intercâmbio, a experiência acadêmica nas universidades no exterior trouxe contribuições significativas para a vida desses jovens universitários, tendo em vista que os estudantes destacaram, para além das condições tecnológicas e estruturais, a relação mais próxima com os professores e o modelo de ensino das universidades. Assim como, maior incentivo e investimento em pesquisas. A convivência com múltiplas culturas possibilitou o saber conviver com diferentes visões de mundo e ver a importância de não se fechar em “bolhas”, entendendo que nenhuma cultura é melhor do que a outra, cada uma possui suas particularidades, e que todos podem conviver juntos. Da mesma forma, a experiência cultural contribuiu de forma significativa para a forma de ser e estar no mundo, podendo mudar atitudes e valores, ampliar as visões de mundo e os projetos de futuro. Destaca-se, também, que as experiências de estágio acrescentaram no currículo, na vida pessoal e no aprendizado do idioma, proporcionando melhores oportunidades de trabalhos no Brasil e no exterior. Além disso, as maiores contribuições do intercâmbio giraram em torno do aprendizado para a vida pessoal e profissional.

Nessa direção, conclui-se que a experiência de intercâmbio na graduação possui grande importância na vida dos jovens universitários e pode despertar o desejo de ser protagonista da transformação da realidade brasileira. No entanto, observou-se neste estudo que alguns bolsistas não sabem por onde começar, indicando que faltou um melhor acompanhamento dos resultados e vivências durante a estadia no exterior.

O programa deixou de existir para estudantes de graduação, mas a geração sem fronteiras está aqui. Assim, cabe ao Brasil perceber o potencial desses estudantes, que podem contribuir em diversos setores da sociedade brasileira em curto e longo prazo.

Por fim, identificou-se que o programa necessitaria de aprimoramento no que se diz respeito a: melhor seleção dos alunos em relação aos pré-requisitos básicos para participar do programa, melhor acompanhamento e avaliação dos resultados do intercâmbio, fortalecimento do estudo da língua estrangeira desde a educação básica, de forma que o idioma não continue sendo um empecilho para muitos universitários.

REFERÊNCIAS

- ARCHANJO, Renata. Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Rev. bras. linguist. apl.** [online], v. 15, n. 3, pp. 621-656, 2015. ISSN 1984-6398.
- BIDO, Maria Cláudia Fogaça. **Ciência com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos.** 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, 2015.
- BORGES, Rovênia Amorim. **A interseccionalidade de gênero, raça e classe no Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo sobre estudantes brasileiros com destino aos EUA.** 2015. 215 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011.** Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. **Diário Oficial da União**, 14 dez. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acesso em: 25 de nov. 2018.
- BRASIL. Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 30 ago. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Diretrizes Gerais. **Plano de Desenvolvimento da Educação.** Ago. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- BROCCO, Ana Karina. “Aqui em casa a educação é muito bem-vinda”: os sentidos do ensino superior para universitários bolsistas. Trabalho apresentado na **37ª Reunião Nacional da ANPEd.** Florianópolis, 4 a 8 de outubro de 2015.
- BROCCO, A. K.; ZAGO, N. Condição do estudante de camadas populares no ensino superior. In: X Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - Anped Sul, 2014, Florianópolis. **X Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - Anped Sul.** Florianópolis: UDESC. p. 01-14.
- CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, António. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 21, n. 21, p. 69-96, 2012.
- CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180406101527/http://www.cienciasemfronteiras.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- CONCEIÇÃO, Otavio Canozzi. **Uma avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras: efeitos sobre desempenho, trancamento e conclusão.** Dissertação (Mestrado), 2017.

COSTA, Noélia Cantarino da. **Internacionalização da educação superior e o Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense**. Dissertação (Mestrado), 2015.

DAMASCO, Denise Gisele de Britto. **Contando uma história: o ensino público de línguas estrangeiras a partir das interpretações de jovens e de docentes do Distrito Federal**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13553>>. Acesso em: 24 maio 2016.

EVANGELISTA, Jéssica Reis; WELLER, Wivian. **Ciência sem Fronteiras: experiências de estudantes oriundos de escolas públicas**. In: XIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste ? Reunião Científica Regional da ANPED, 2016, Brasília. **Anais do XIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste ? Reunião Científica Regional da ANPED**, 2016. p. 1-13.

FURTADO, Guimarães Felipe. **Programa Ciência sem Fronteiras: proposta de gestão a partir da avaliação de procedimentos e experiências discentes da Universidade Federal do Espírito Santo**. Dissertação (Mestrado Profissional), 2016.

GOMES, Catarina Barbosa Torres. **O Programa De Mobilidade Internacional “Ciência Sem Fronteiras” Na Perspectiva Das Desigualdades De Oportunidades Educacionais**. Tese (Doutorado), 2016.

IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/programa-isf/historico>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

LEAL, C. O. S; RAMOS, K. M. C. **Mobilidade estudantil internacional: contributos para o desenvolvimento pessoal e formação acadêmico profissional no ensino superior**. Trabalho apresentado no Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa. Macau, 6 a 8 de novembro de 2012.

LUOYUAN, Liu. **Intercâmbio Universitário Brasil-China: Trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do programa Ciência sem Fronteiras**. Dissertação (Mestrado), 2018.

MARTINEZ, Karen Lucia. **Dilemas na implementação do programa Ciência sem Fronteiras: análise do perfil socioeconômico dos acadêmicos do campus da UFSC**. Dissertação (Mestrado), 2018.

PRESTES, E. Jezine, Edineide; SCOCUGLIA, A. C. C. **Democratização do Ensino Superior Brasileiro: O caso da Universidade Federal da Paraíba**. Revista Lusófona de Educação, v. 21, p. 199, 2012.

RAMOS, Aline Gonzaga. **Programa Ciência sem Fronteiras: desdobramentos e análise das possíveis contribuições à formação acadêmica dos bolsistas**. Dissertação (Mestrado), 2016. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – PAS. Disponível em:
http://www.unb.br/estude_na_unb/formas_de_admissao/pas. Acesso em: 10 ago. 2016.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, p. 241-260, 2006.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

WELLER, Wivian. Mobilidade acadêmica e intercâmbio internacional: o programa brasileiro Ciência sem Fronteiras entre 2011 e 2016. In: XXXI Congresso ALAS - Associação Latinoamericana de Sociologia, 2017, Montevideú. **ANALES DEL XXXI CONGRESO ALAS**, 2017. p. 1-16.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva** (Florianópolis), v. 26, p. 149-174, 2008.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso), Campinas - São Paulo, v. 11, n.32, p. 226-237, 2006.

APÊNDICE A – Formulário sociocultural para participantes dos grupos de discussão

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação – Programa de Iniciação Científica – ProIC

Pesquisa: Geração Sem Fronteiras: experiências de intercâmbio internacional de jovens universitários

Bolsista: Jéssica Reis Evangelista

Orientadora da pesquisa: Prof^a. Dra. Wivian Weller

ESTE QUADRO DEVE SER PREENCHIDO PELO (A) PESQUISADOR (A)

Data da entrevista: _____ Local: _____

Duração da entrevista: início _____ término: _____ Tipo: GD () EN ()

Código:

Nome da(s) entrevistadora (s):

TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRATADAS COM RIGOR E SIGILO.

IDENTIFICAÇÃO DO/A ESTUDANTE

Nome:.....

Nome fictício - como gostaria de ser chamado (**a**):

Idade: Gênero: feminino () masculino ()

Cor/etnia: Branco () Preto () Pardo () Outra:.....

Estado civil: solteiro/a () casado/a () separado/a () outros

Tem filhos? sim () não () número de filhos:.....

Tem irmãos/ãs? sim () não () número de irmãos/ãs:

Religião:

.....

País em que nasceu: Cidade:

País de nascimento da mãe:Cidade:
 não sabe ()

País de nascimento do pai: Cidade:
 não sabe ()

Escolaridade da mãe: não sabe ()

Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Ensino Médio: completo () incompleto ()

Ensino Superior: completo () incompleto ()

Profissão da mãe:Renda mensal: não sabe ()

Escolaridade do pai: não sabe ()

Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Ensino Médio: completo ()incompleto ()

Ensino superior: completo ()incompleto ()

Profissão do pai:Renda mensal:não sabe ()

INGRESSO NA UNB E UNIVERSIDADE DE INTERCÂMBIO

Nome do curso na UnB:.....

Ano e semestre de ingresso na UnB:

Forma de ingresso: () Vestibular () Vestibular cotas () PAS () PAS cotas

() Enem () Transferência () Outro

Universidade onde realizou intercâmbio:

Nome do curso ou departamento:

País onde realizou intercâmbio:Ano:

Além de estudar, também realizou estágio no exterior: () sim () não

Tempo de permanência no exterior: meses

ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Descreva o nome, local e tipo de escola que frequentou em cada período. Fique à vontade para corrigir, caso a classificação não esteja de acordo

a) Educação

Infantil:.....

Local: Cidade: Estado:.....

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

b) Ensino Fundamental:

.....

Ano de conclusão: _____

Local: Cidade: Estado:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

c) Ensino Médio:

.....

Ano de conclusão: _____

Local: Cidade: Estado:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

d) Ensino Técnico ou outros cursos:

.....

Ano de conclusão: _____

Local:Cidade:Estado:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

Muito obrigada!

APÊNDICE B – Termo de garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo

Faculdade de Educação
Programa de Iniciação Científica – ProIC
GERAJU – Grupo de Pesquisa Gerações e Juventude
Projeto de pesquisa – CNPq
Pesquisadora: Jéssica Reis Evangelista – Matrícula: 14/0023097
Coordenadora da Pesquisa: Prof. Dra. Wivian Weller – Matrícula: 1010212

TERMO DE CONSENTIMENTO:

garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo

Eu, _____, nascido em ___ / ___ / 19___, fui convidado a participar da pesquisa **GERAÇÕES SEM FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS**. Obtive a explicação de que a minha participação consistirá em participar de um grupo de discussão ou entrevista individual sobre minha experiência de intercâmbio.

Fui informado/a que o grupo de discussão será gravado e identificado apenas por um número e que nosso nome verdadeiro nunca será apresentado quando forem divulgados os resultados da pesquisa. Fui informado/a que posso não aceitar participar da pesquisa. O termo de consentimento foi lido por mim e decidi participar da pesquisa de forma livre e esclarecida. Também fui informado/a que posso assinar, ou não, esse termo de consentimento com a garantia de que meu nome será preservado.

Brasília, DF. / /2017

Nome e/ou assinatura do/a pesquisador/a: *Jéssica Reis Evangelista*

APÊNDICE C – Roteiro com tópicos-guia para grupos de discussão

Universidade de Brasília - Faculdade de Educação (UnB – FE)

Programa de Iniciação Científica

Financiamento: CNPq

Pesquisadora: Jéssica Reis Evangelista

Orientadora: Profa. Dra. Wivian Weller

Projeto: Gerações sem Fronteiras: experiências de intercâmbio internacional de jovens universitários

ROTEIRO - GRUPOS DE DISCUSSÃO

Observações iniciais

1. Antes de iniciar a gravação é importante fazer uma apresentação da pesquisa e das entrevistadoras (essa parte não será gravada). Falar também que a ideia é que o grupo de discussão seja um debate, que nós não iremos fazer muitas perguntas e que elas/eles podem falar a vontade.
2. Antes de iniciar o grupo de discussão deixar gravado (para facilitar a transcrição) o dia, hora, local, nome das entrevistadoras e das/dos entrevistadas/dos (pedir para falarem o nome e semestre que estão estudando).
3. Após esse procedimento falar que será dado início ao grupo de discussão e que a questão é sempre a mesma para todos os grupos.

BLOCO I: INGRESSO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

Vocês poderiam falar um pouco sobre o que levou vocês a escolherem o curso e a Universidade de Brasília (UnB)

Outras questões

- Vocês estão gostando do curso que fazem no Brasil? O que marcou mais até o momento

BLOCO II: EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS NO EXTERIOR

Vocês já tinham morado antes no exterior ou feito uma viagem mais longa para o exterior?

Outras questões

- O pai ou a mãe de algum de vocês estudou ou morou no exterior?
- No caso dos que já viajaram para o exterior, teve alguém na família ou outra pessoa que incentivou vocês a fazerem essas viagens para fora do país?

BLOCO III: INTERCAMBIO EXTERIOR – CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS

Vocês poderiam falar um pouco sobre a experiência na universidade em que vocês realizaram o intercâmbio?

Outras questões

- Vocês gostaram do intercâmbio? Poderiam falar um pouco sobre o que foi mais importante durante o intercâmbio?
- Como era a relação de vocês com estudantes da universidade de intercâmbio? Vocês tiveram a oportunidade de fazer amizades?
- Como era a relação de vocês com os professores da universidade intercâmbio? Vocês poderiam contar um pouco sobre essa experiência?
- Quais são as principais diferenças entre a universidade de intercâmbio e a UnB?

BLOCO IV: APRENDIZADO DO IDIOMA

Vocês poderiam falar um pouco sobre como foi o aprendizado do idioma antes de chegar ao país de intercâmbio?

Outras questões

- Vocês já tinham estudado o idioma antes de realizar o intercâmbio
- Vocês tiveram dificuldades para comunicar-se no idioma oficial do país

BLOCO V: COTIDIANO NO EXTERIOR

Vocês poderiam falar um pouco sobre como era o dia-a-dia na cidade em que moraram no exterior?

Outras questões

- Como foi/é a rotina durante o período de aulas?
- Como foi/é a rotina após a conclusão das aulas e do período de férias?
- Vocês tiveram a oportunidade de viajar durante o intercâmbio?
- Quais foram/são as atividades de lazer que vocês mais realizaram no país de intercâmbio

- Vocês já se sentiram discriminados por serem brasileiro?
- O recurso que receberam da bolsa foi suficiente para viver no exterior?

BLOCO VI: REGRESSO AO BRASIL/ VIDA APÓS O INTERCÂMBIO

Vocês poderiam falar um pouco sobre como foi a volta para o Brasil e para a Universidade de Brasília?

Outras questões

- Na opinião de vocês, qual foi a maior contribuição do intercâmbio?
- Vocês pretendem continuar estudando o idioma do país de intercâmbio?
- Vocês pretendem participar de eventos na universidade para passar essa experiência a outros estudantes?
- Após o intercâmbio surgiram novas oportunidades de trabalho ou de projetos de pesquisa?
- Vocês tiveram a oportunidade de desenvolver projetos dentro da UnB após o intercâmbio?
- Vocês poderiam falar um pouco sobre a relação entre vocês e seus familiares e amigos após o intercâmbio?
- Vocês sentiram alguma dificuldade após o intercâmbio? (readaptação)

BLOCO VII: PROJETOS DE FUTURO

O que vocês pensam em fazer depois de concluir a graduação?

BLOCO VI: OUTROS

Não temos mais perguntas, vocês gostariam de falar sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?

APÊNDICE D – Código para transcrição de dados

Y:	Abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Num grupo de discussão com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subseqüentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm = <i>Carlos</i>);
?m ou ?f:	Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo);
(.)	Pausa curta (menos de um segundo);
(2)	Pausa (o número entre parêntesis expressa o tempo de duração da mesma);
┌	Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação (ver: Inserir símbolo no programa MS-Word).
;	Ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz;
.	Ponto: forte diminuição do tom da voz;
,	Vírgula: leve aumento do tom da voz;
?	Ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz;
-tava	Submissão de parte inicial da palavra (estava = -tava);
exem-	Submissão de parte final da palavra;
assim=assim	Palavras pronunciadas de forma emendada;
<u>exemplo</u>	Palavra pronunciada de forma enfática;
exe:::mplo	Palavra pronunciada de forma esticada (a quantidade de ::: equivale ao tempo de pronúncia de uma determinada letra);
°exemplo°	Palavra ou frase pronunciada em voz baixa;
exemplo	Palavra ou frase pronunciada em voz alta;

- (exemplo) Palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis;
- () Parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase);
- @exemplo@ Palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba (pode-se utilizar também símbolos smiles);
- @(2)@ Número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala;
- ©exemplo© Palavras ou frases pronunciadas entre choro (pode-se utilizar também símbolos smiles);
- ©(5)© Número entre sinais expressa a duração de um momento de choro e interrupção da fala (pode-se utilizar também símbolos smiles);
- ((barulho)) Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((ruídos externos)), ((atendimento do celular e breve interrupção)), ((risos)).

APÊNDICE E – Títulos dos trabalhos (Teses e Dissertações) encontrados no levantamento bibliográfico da Capes

PORTAL	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	PALAVRAS CHAVES
Capes	2015	Ciência Com Fronteiras: A Mobilidade Acadêmica E Seus Impactos	Ciência Sem Fronteiras. Mobilidade Acadêmica. Graduação. Internacionalização
Capes	2014	Egresso Da Primeira Chamada Do Programa "Ciência Sem Fronteiras": Reflexos No Sistema Educacional Brasileiro (Learning With Outcomes)	Programa Ciência Sem Fronteiras. Egresso. Educação Superior. Ciência E Tecnologia.
Capes	2016	Programa Ciência Sem Fronteiras: Desdobramentos E Análise Das Possíveis Contribuições À Formação Acadêmica Dos Bolsistas	Mobilidade Acadêmica, Programa Ciência Sem Fronteiras, Tecnologia E Inovação
Capes	2016	Política Educacional: Percepções Dos Estudantes Da Área De Engenharia Elétrica E Dos Coordenadores Do Programa Ciência Sem Fronteiras	Bolsista Egresso; Educação Superior; Internacionalização; Programa Ciência Sem Fronteiras.
Capes	2015	Mérito? Gênero, Raça E Classe No Ciência Sem Fronteiras: Impactos Na Língua Inglesa	Ciência Sem Fronteiras; Gênero; Raça; Classe; Língua Inglesa
Capes	2016	Análise Da Implementação Do Programa Ciência Sem Fronteiras Nos Cursos De Graduação Em Engenharia De Minas Gerais	Internacionalização. Mobilidade Acadêmica. Ciência Sem Fronteiras. Engenharia. Graduação Sanduíche.
Capes	2018	Dilemas Na Implementação Do Programa Ciência Sem Fronteiras: Análise Do Perfil Socioeconômico Dos Acadêmicos Do Campus Da Ufsc.	Implementação De Política Pública; Programa Ciência Sem Fronteiras; Mobilidade Acadêmica.
Capes	2016	Programa Ciência Sem Fronteiras: Proposta De Gestão A Partir Da Avaliação De Procedimentos E Experiências Discentes Da Universidade Federal Do Espírito Santo	Internacionalização; Mobilidade Discente; Programa Ciência Sem Fronteiras; Gestão Do Conhecimento; Graduação Sanduíche.
Capes	2018	Intercâmbio U N Iversitár I O B R Asil-Chin A : Trajetórias Formadoras D E Estudante S D O R I O Grande Do Sul Participante S D O Programa Ciência Se M Fronteiras	Programa Ciência Sem Fronteiras; Intercâmbio Brasil-China; Mobilidade Acadêmica; Experiência; Cidadania Global.
Capes	2015	As Bolsas De Graduação-Sanduiche Do Programa Ciência Sem Fronteiras: Uma Análise De Suas Implicações Educacionais	Programa Ciência Sem Fronteiras. Bolsas De Graduação-Sanduiche. Internacionalização Da Educação Superior. Internacionalização Da Ciência. Tecnologia E Inovação.

(Continua)

(Continuação)

Capes	2014	Internacionalização Da Educação Superior E O Programa Ciência Sem Fronteiras: Um Estudo Na Universidade Federal Fluminense	Educação; Ensino Universitário; Internacionalização; Mobilidade Acadêmica Internacional; Universidade Federal Fluminense; Programa Ciência Sem Fronteiras.
Capes	2013	Relatos De Uma Política: Uma Análise Sobre O Programa Ciência Sem Fronteiras	Ciência, Tecnologia E Inovação; Política; Mobilidade
Capes	2017	Uma Avaliação Do Programa Ciência Sem Fronteiras: Efeitos Sobre Desempenho, Trancamento E Conclusão	Ciência Sem Fronteiras. Mobilidade Acadêmica Internacional. Propensity Score Matching. Logit Multinomial. Matrizes De Transição
Capes	2017	The Choice Process To Study Abroad And University Rankings: An Analysis Of The Science Without Borders Program	Internacionalização Do Ensino Superior; Ciência Sem Fronteiras; Mobilidade Acadêmica; Rankings De Universidades.
Capes	2016	O Programa De Mobilidade Internacional “Ciência Sem Fronteiras” Na Perspectiva Das Desigualdades De Oportunidades Educacionais	Desigualdades Escolares, Internacionalização, Mobilidade Acadêmica, Capital Cultural, Capital Escolar, Capital Migratório.
Capes	2018	Ciências Sem Fronteiras: Um Estudo Sobre As Percepções De Egressos que Participaram Do Csf Na Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro	Ciência Sem Fronteira; Política Pública; Egressos; Ufrj.
Capes	2016	Modelo De Transferência De Conhecimento E Tecnologia Entre Universidades Parceiras Na Mobilidade Acadêmica Internacional	Mobilidade Acadêmica Internacional; Transferência De Conhecimento E Tecnologia.; Modelo De Transferência De Conhecimento E Tecnologia